

## **Um Percorso sobre as Dinâmicas Educativas em Contexto Prisional**

Relatório apresentado à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, sob orientação do Professor Doutor Tiago Guedes Barbosa do Nascimento Neves.

**Marta Alexandra Meireles Sampaio**

**Porto, 2016**



*"Tratem as pessoas como lixo e elas tornam-se lixo.  
Tratem-nas como seres humanos e elas vão agir como seres humanos."  
(Tom Eberhardt, responsável pela prisão de Bastøy - Noruega)*



## Resumo

Este relatório de estágio surge no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação no domínio de Educação, Comunidade(s) e Mudança Social. Este estágio, realizado no Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo Masculino, teve, naturalmente, uma vertente de intervenção, mas também uma outra de investigação.

Os objetivos propostos para a experiência de estágio eram o de construir conhecimento sobre a realidade prisional, analisando a dinâmica e o trabalho da instituição, adquirir e desenvolver competências profissionais através do acompanhamento dos reclusos e de todos os processos que se encontram inerentes à vida em contexto prisional. Atendendo à complexidade e especificidade do contexto, a vertente interventiva concretizou-se na análise documental e leitura de processos, na observação e acompanhamento dos atendimentos, no preenchimento de documentos, na participação na Festa de Natal e na Festa de Natal das crianças, na observação participante e acompanhamento das atividades desenvolvidas na Clínica de Psiquiatria e de Saúde Mental e na observação das dinâmicas escolares. Além do referido, tive a oportunidade de desenhar, desenvolver e avaliar o projeto de *“Educação para a Saúde - Cuidados de imagem, higiene pessoal e do espaço”* junto dos internados da clínica.

No caso da vertente investigativa, esta tinha como questão central conhecer e compreender de que forma o contexto prisional se assume como um contexto educativo. Deste modo, foram traçados alguns objetivos de investigação: perceber quais as dinâmicas educativas existentes no contexto prisional (formais, não formais, informais); saber quais as políticas educativas vigentes para o contexto prisional; entender qual o trabalho realizado pela equipa técnica com os reclusos; conhecer as expectativas dos reclusos em relação às ofertas educativas disponíveis e, por fim, compreender como as diferentes dinâmicas educativas contribuem para a reinserção do indivíduo na sociedade.

A investigação, de carácter qualitativo, revelou que as percepções divergem em relação à questão central. Assim, há quem acredite que as prisões não podem ser espaços educativos; outras reconhecem o contexto como educativo pela integração em grupo e participação em atividades, pelo acesso à escola e à formação profissional; e há quem não se identifique com o termo educativo mas, preferencialmente, gostaria que o contexto prisional se assumisse como um contexto de mudança.

## **Abstract**

This internship report rises in the framework of the Masters in Educational Sciences in the domain of Education, Communities, and Social Change. This internship, carried out at the Male Prison of Santa Cruz do Bispo had, of course, an intervention component, but also a research one.

The objectives for this internship were to elaborate knowledge on the prison reality, by analyzing the dynamics and work of the institution, acquire and develop professional skills through the accompaniment of the inmates and all the processes inherent to life in prison. Given the complexity and specificity of the context, the intervention component was developed through documental analysis and case reading, observation and accompaniment of the attendances, filling documents, participation in the Christmas Party and Children's Christmas Party, participant observation and follow up on the activities developed at the Psychiatry and Mental Health Clinic and observation of the school dynamics. In addition, I had the opportunity to design, develop and evaluate the project "*Education for health – image, personal hygiene and space care*", along with the clinic interns.

In the research component, the central issue was to know and understand how the prison context acts as an educational context. Thus, some research goals were set: to understand which educational dynamics exist in the prison (formal, non-formal, informal); to know which current educational policies exist in the prison context; understand the work done with the inmates by the staff; to know the expectations of the inmates in relation to the educational offerings available and, finally, to understand how the different educational dynamics contribute to the individual's integration in society.

The research, of a qualitative nature, revealed that perceptions differ regarding this central issue. Thus, some technical staff believe that prisons cannot be educational spaces; others recognize the context as educational for the integration in group and participation in activities, for access to school and professional training; and there are those who do not identify with the term "educational" but, preferably, would like to see the prison as a context that promotes change.

## Resumé

Ce rapport de stage apparaît dans le Master de Sciences de l'Éducation dans le domaine de l'Éducation, Communauté(s) et Changement Social. Cette étape, tenue à la Prison pour hommes de Santa Cruz do Bispo, avait naturellement un aspect d'intervention, mais aussi une autre de recherche.

Les objectifs proposés pour l'expérience de stage sont d'acquérir des connaissances sur la réalité de la prison, l'analyse de la dynamique et le travail de l'institution, d'acquérir et développer des compétences professionnelles grâce à la surveillance des détenus et tous les processus qui sont inhérents à la vie dans le contexte pénitentiaire. Étant donné la complexité et la spécificité du contexte, l'aspect interventionnelle c'est matérialisé dans le processus d'analyse et de la lecture, l'observation et la surveillance des appels, remplir des documents, participation à la fête de Noël et fête de Noël des enfants, l'observation participant et le suivi des activités en psychiatrie clinique et de santé mentale et l'observation de la dynamique de l'école. En plus de cela, j'ai eu l'occasion de concevoir, développer et évaluer le projet «éducation pour la santé - soins de l'image, l'hygiène personnelle et de l'espace» parmi les hospitalisés à la clinique.

Dans le côté de la recherche, ce fut une question centrale de savoir et de comprendre comment le contexte carcéral fonctionne comme contexte éducatif. Ainsi, les objectifs de recherche était de comprendre quelles dynamiques éducatives existe dans le contexte de la prison (formelle, non formelle, informelle); savoir queles sont les politiques éducatives actuelles pour le contexte carcéral; comprendre le travail effectué par l'équipe technique avec les prisonniers; répondre aux attentes des prisonniers par rapport aux offres éducatives disponibles et, enfin, comprendre comment les différentes dynamiques éducatives contribuent à l'intégration de l'individu dans la société.

La recherche, qualitative, a révélé que les perceptions diffèrent en ce qui concerne la question centrale. Ainsi, certains pensent que les prisons ne peuvent pas être des espaces éducatifs; d'autres reconnaissent le contexte et l'intégration scolaire dans le groupe et participer à des activités, l'accès à l'école et la formation professionnelle; et il y a ceux qui ne se reconnaissent pas dans le terme d'éducation, mais de préférence aimerait que le contexte carcéral soit considérée comme un contexte de changement.





## **Agradecimentos**

As palavras seguintes expressam o sentimento de gratidão para com as pessoas que me acompanharam neste percurso.

À Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais e, em particular, ao Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo Masculino por terem viabilizado a realização deste estágio tão especial. Aos reclusos e internados que me deixaram entrar nas suas vidas e partilharam comigo histórias tão íntimas. Mostraram-me que as pessoas são bem mais do que os crimes que cometem. Sem dúvida uma experiência para a vida!

À Dra. Otília, minha supervisora local, que apesar das contingências iniciais permitiu que todo este percurso fizesse sentido. Obrigada pelas partilhas, pelos ensinamentos, pela autonomia e confiança depositadas. Não defraudando nunca a minha vontade de querer sempre mais!

Ao meu orientador, Professor Doutor Tiago Neves, o meu agradecimento pela disponibilidade, apoio e incentivo em todos os momentos passados, fazendo acreditar que a chegada à meta seria possível apesar de todos os contratemplos.

À minha família, por me terem deixado sonhar e por terem acreditado que o meu sonho era concretizável. Espero poder retribuir, alguma vez, toda a compreensão, carinho e força com que, em todos os momentos, me brindaram.

Aos/Às meus/minhas amigos/as, pelas palavras constantes de conforto, pela paciência e compreensão que manifestaram perante as minhas ausências e os convites refutados. Prometo voltar à vida!

A ti Patrícia Fernandes, um obrigado é pouco. A simplicidade e a bondade que te caracterizam fazem de ti uma pessoa muito especial. O meu braço direito, a minha agenda personalizada, o meu corretor automático, o meu número de emergência. Obrigada por teres entrado na minha vida e por me lembrares, sempre, que sou capaz.

A ti Juliana, a prima, a amiga e a companheira de todos os dias. Como te conheço desde sempre não sei como seria, nem imagino a minha vida sem ti. Obrigada pela pessoa que és e pelo lugar que ocupas. Gosto muito de ti!



## **Abreviaturas**

CASA – Casa de Santo André

CPSM – Clínica de Psiquiatria e de Saúde Mental

EP – Estabelecimento Prisional

EPSCBM – Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo Masculino

GISP – Grupo de Intervenção e de Segurança Prisional

GOC – Grupo Operacional Cinotécnico

ICD – Internamento em Cella Disciplinar

LC – Liberdade Condicional

PDL – Prisão por Dias Livres

PIR – Plano Individual de Readaptação

POA – Permanência Obrigatória em Alojamento

PTR – Plano Terapêutico de Readaptação

RAE – Regime Aberto no Exterior

RAI – Regime Aberto no Interior

RC – Regime Comum

SEE – Serviços de Educação e Ensino

TEP – Tribunal de Execução de Penas

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

TSR – Técnico Superior de Reeducação

UFCD – Unidade de Formação de Curta Duração

ULD – Unidade Livre de Drogas

T – Técnico

R - Recluso



## Índice

Resumo .....	5
Abstract.....	6
Resumé .....	7
Agradecimentos.....	9
Abreviaturas.....	11
Índice de Apêndices.....	15
Introdução .....	17
Capítulo I – O Mundo Prisional .....	19
1. Apresentação e caracterização do local de Estágio: Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo Masculino .....	19
1.1. Atividades educativas no EPSCBM: a Escola, os Programas dirigidos a necessidades criminógenas específicas e as atividades socioculturais e desportivas ..	27
1.2. Os Recursos Humanos e o Técnico Superior de Reeducação.....	31
Capítulo II – A instituição prisional e as diferentes formas de educação.....	33
2. A Prisão e a sua evolução .....	33
3. Educação em Contexto Prisional – as diferentes formas de educar .....	40
Capítulo III - Uma trajetória: entre a investigação e a intervenção.....	47
4. O ponto de partida: o processo antes da entrada no terreno .....	47
4.1. A entrada no terreno: um percurso de estágio .....	48
4.1.1. Análise documental e Leitura de processos .....	50
4.1.2. Observação e acompanhamento dos atendimentos .....	51
4.1.3. Preenchimento de documentos.....	52
4.1.4. Festa de Natal e a Festa de Natal das crianças .....	53
4.1.5. Observação participante e acompanhamento de atividades na CPSM.....	55
4.1.6. Observação das dinâmicas escolares.....	59

4.1.7. Projeto “Educação para a Saúde - Cuidados de imagem, higiene pessoal e do espaço”.....	61
4.1.7.1. Conceptualização teórica e metodológica .....	61
4.1.7.2. Problemas e necessidades .....	63
4.1.7.3. Desenho do projeto .....	63
4.1.7.4. Sessões.....	66
4.1.7.5. Desenvolvimento do projeto e avaliação do processo.....	67
4.1.7.6. Avaliação do produto .....	81
5. Investigar em Educação.....	84
5.1. Objecto de investigação .....	84
5.2. Postura de investigação.....	85
5.2.1. Posicionamento epistemológico .....	86
5.2.2. Posicionamento metodológico .....	88
Capítulo IV – Na voz dos intervenientes: o entendimento e os significados das dinâmicas educativas em contexto prisional .....	95
6. Análise e interpretação dos dados .....	95
6.1. O Percorso de Vida do Recluso antes da Reclusão .....	95
6.2. O Percorso Prisional do Recluso .....	100
6.3. Conceções Educativas em Contexto Prisional: Educação Formal, Educação não formal e Educação Informal .....	110
6.4. Práticas Educativas e o Tratamento Penitenciário .....	121
Considerações Finais .....	129
Referências Bibliográficas.....	133
Apêndices .....	139

## **Índice de Apêndices**

Apêndice I – Planificação das sessões do projeto .....	i
Apêndice II – Autorização para a entrada do espelho de rosto .....	v
Apêndice III – Autorização para a entrada do gravador .....	vi
Apêndice IV – Guião da entrevista realizada aos Técnicos Superiores de Reeducação .....	vii
Apêndice V – Guião da entrevista realizada aos reclusos .....	x
Apêndice VI – Tabela da Análise de Conteúdo da Equipa Técnica.....	xiv
Apêndice VII – Tabela da Análise de Conteúdo dos Reclusos .....	xxxvii





## Introdução

O presente relatório reflete o culminar do estágio desenvolvido no Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo Masculino (EPSCBM) entre dezembro de 2015 e maio de 2016, perfazendo um total de trezentas e quarenta e oito horas. O estágio curricular surgiu no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, no domínio de Educação, Comunidade(s) e Mudança Social, tendo sido o primeiro estágio curricular da área neste local.

Durante a minha presença no local procurei, sempre que possível, assumir e demonstrar qual a importância do papel de um profissional da área no contexto. Nesta lógica, e de acordo com Costa et al (2007), os profissionais da área das Ciências da Educação têm de ser capazes de construir o seu campo de ação, isto é, com base numa atitude proactiva devem procurar o seu lugar em diferentes estruturas profissionais. Munida das linhas orientadoras das Ciências da Educação, a minha intenção foi, em cada momento, dar voz aos indivíduos e incentivar a participação livre dos mesmos.

A escolha da via profissionalizante permitiu o desenvolvimento de competências quer a nível das relações interpessoais, quer da capacidade de trabalho. Além do mais, foi possível mobilizar em contexto real os conhecimentos adquiridos ao longo de todo o percurso académico.

O acesso privilegiado ao mundo intramuros traduziu-se numa experiência enriquecedora e, deste modo, relatar tudo aquilo que vive e experienciei neste local foi a tarefa mais difícil. Assim, o relatório contempla as dimensões de intervenção e de investigação do estágio realizado.

A dimensão de intervenção dá conta da observação e participação em diferentes atividades desenvolvidas e em momentos que integram a dinâmica natural da instituição. Ainda na dimensão referida, tive a oportunidade de desenhar, desenvolver e avaliar um projeto educativo junto dos internados da clínica, intitulado “*Educação para a Saúde - Cuidados de imagem, higiene pessoal e do espaço*”. A dimensão de investigação em educação surge da vontade de construir conhecimento e refletir sobre uma temática em contexto prisional. Esta dimensão traduziu-se na recolha de dados junto dos reclusos e técnicos, procurando responder à questão central de investigação - De que forma o contexto prisional se assume como um contexto educativo?

As partes que compõem o relatório estão divididas e organizadas em quatro capítulos distintos. O primeiro capítulo, *O Mundo Prisional*, incide sobre a caracterização do local de estágio, a apresentação das atividades educativas desenvolvidas no local, desde a escola aos programas dirigidos a necessidades criminógenas específicas, passando pelas atividades socioculturais e desportivas e fazendo ainda referência aos recursos humanos e aos Técnicos Superiores de Reeducação (TSR) que garantem o funcionamento da instituição.

O segundo capítulo, *“A instituição prisional e as diferentes formas de educação”*, inclui o suporte teórico necessário à compreensão da realidade e da temática de Educação em Contexto Prisional.

O terceiro capítulo, *“Uma trajetória entre a investigação e a intervenção”*, relata todo o processo do antes até à entrada no terreno, descrevendo seguidamente a observação e a participação nas diferentes atividades que integram a dinâmica institucional e o processo de investigação em contexto de estágio. O desenho, o desenvolvimento e a avaliação do projeto também integram este capítulo. Para além do referido, são apresentadas as opções de investigação (epistemológicas e metodológicas) que marcam o processo investigativo.

O quarto capítulo, *“Na voz dos intervenientes: o entendimento e os significados das dinâmicas educativas em contexto prisional”*, dedica-se à análise e interpretação dos dados recolhidos através das entrevistas semiestruturadas realizadas aos técnicos e reclusos do EPSCBM. Os dados apresentam-se na lógica das categorias que emergiram da análise de conteúdo das entrevistas realizadas à amostra selecionada. Sempre que se justifica, mobilizam-se referências teóricas que sustentam os dados empíricos.

## Capítulo I – O Mundo Prisional

“ (...) são instituições muito pesadas (...)” (Entrevista T<sub>1</sub>)

### 1. Apresentação e caracterização do local de Estágio: Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo Masculino

Os estabelecimentos prisionais encontram-se distribuídos por quatro distritos judiciais: Porto, Coimbra, Lisboa e Évora. Assim, totalizando quarenta e nove estabelecimentos prisionais, sendo dois femininos, oito mistos e os restantes masculinos. Tal como fixado na Portaria nº 286/2013 de 9 de setembro (artigo 7º e 8º)<sup>1</sup> estes são classificados em termos do nível de segurança (especial, alta e média) e do grau de complexidade de gestão (elevado e médio). A avaliação deste último parâmetro é obtida pela “*classificação de segurança, da lotação e ocupação, das características da população prisional, da diversidade de regimes, dos programas aplicados e da dimensão dos meios a gerir*” (Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais & Ministério da Justiça, 2014: 15). De acordo com o referido, o EPSCBM insere-se no distrito judicial do Porto, concelho de Matosinhos e freguesia de Santa Cruz do Bispo, classificando-se como um estabelecimento prisional (EP) de alta segurança e de elevado grau de complexidade de gestão.

Os estabelecimentos prisionais, enquanto estruturas de cumprimento de penas de privação de liberdade, pertencem a uma das áreas operativas da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais. Todas as instituições devem ter um ‘caminho’ que as oriente, isto é, uma missão, que deve ser o propósito que justifica a sua existência, contendo, deste modo, a finalidade e o motivo pelo qual foram criadas e a que população se destina (Teixeira, 2013). Neste caso, a missão deste tipo de instituições, instituições totais, passa pela garantia da “*execução das penas e medidas privativas da liberdade, contribuindo para a manutenção da ordem e paz social e a criação de condições de reinserção social dos reclusos*” (Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais & Ministério da Justiça, 2014: 15).

Parece importante, neste momento, situar historicamente este espaço, nem sempre conhecido como o conhecemos atualmente, apresentando-se como um espaço

---

<sup>1</sup> Diário da República – 1.º série – Nº173 – 9 de setembro de 2013, pp. 5656- 5657

que suporta grande interesse histórico e cultural. Remexendo na história, foi Infanta D. Mafalda que, tendo dedicado a sua vida aos hábitos conventuais, doou os terrenos à Sé do Porto. A conhecida Quinta dos Bispos, erguida no topo do Monte de S. Brás, durante os anos 1552 e 1572 sofreu alterações e melhorias às mãos do Bispo D. Rodrigo Pinheiro, que tinha como propósito criar um espaço de repouso e lazer para si e seus sucessores. Ao longo dos tempos a Quinta teve muita afluência, aumentando a área e a grandiosidade arquitectónica e paisagística.

Em meados do século XVIII, entre 1741 e 1752, o Bispo Frei José da Fonseca e Évora foi o responsável pela intervenção que modificou o aspeto da quinta, tendo contratado o arquiteto italiano Nicolau Nasoni para a execução da obra. A obra foi interrompida após a morte do Bispo e não foi concluída; no entanto, os elementos presentes são suficientemente fortes e marcam a paisagem e arquitetura da Quinta. O início do século XIX fica marcado pela decadência da Quinta, uma vez que a conjuntura da época ditava a retirada de bens à Igreja (Carvalho, n.d.).

Com a instauração da República, este património foi transferido para o Estado, que instalou no espaço o Posto Agrário do Minho Litoral. Já no ano de 1939 a Quinta foi entregue ao Ministério da Justiça que, após obras de restauro e adaptação às necessidades, instalou a Colónia Penal de Santa Cruz do Bispo, uma extensão da Cadeia Civil do Porto. Em 1946, dá-se a autonomização da Colónia Penal, passando a denominar-se, oficialmente, como Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo.

Orientada pela perspectiva teórica de Howard (cit. in Gonçalves, 2002), existem aspetos que são claramente referentes à arquitetura prisional como, por exemplo, a segurança e supervisão devem ser adequados a cada Estabelecimento. Neste caso são as torres de vigia, as portarias e os detetores de metais à entrada do estabelecimento e de cada ala, os gradeamentos nas janelas e as portas de segurança, exemplos de elementos prisionais que contribuem para a manutenção da segurança, cabendo ao corpo de guardas manter a ordem dos reclusos e/ou internados.

Em termos arquitetónicos, esta construção integra-se no Modelo Pavilhonar, com pavilhões distintos e isolados entre si. Este tipo de construção promove uma maior separação e autonomia e, por consequência, pretende que se evite a aglomeração de indivíduos. Em contrapartida, este modelo dificulta as medidas de segurança e vigilância quando comparado com outros modelos arquitetónicos (Gonçalves, 2002).

Distribuídos pelo espaço podem observar-se os cinco grandes edifícios principais (Figura 1), a Casa de Santo André (CASA), o edifício do Regime Comum

(RC), a Clínica de Psiquiatria e de Saúde Mental (CPSM), o Edifício da Administração e a Unidade Livre de Drogas (ULD).



**Figura 1** - Planta do Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo Masculino

Os indivíduos são distribuídos pelos diferentes pavilhões de acordo com os regimes de cumprimento da pena privativa de liberdade: prisão por dias livres (PDL), regime de semidetenção, pena de prisão em RC, regime aberto no interior (RAI), regime aberto no exterior (RAE), inimputáveis a cumprir medida de segurança na CPSM e imputáveis a cumprir pena em estabelecimento destinado a inimputáveis. A 31 de dezembro de 2014, a lotação deste estabelecimento era de 374 indivíduos (Direcção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, 2016); contudo, a 3 de fevereiro de 2016 a instituição contava com 525 reclusos distribuídos pelos diferentes regimes de cumprimento de penas.

O Edifício Administrativo, edifício com dois pisos, integra um conjunto de serviços que laboram em prol da manutenção e organização da instituição. Neste espaço, no piso superior, a equipa multidisciplinar encontra-se distribuída por diferentes departamentos, do lado direito, os gabinetes do Serviço de Educação e Ensino (SEE) onde se encontram os TSR, a adjunta do diretor e o engenheiro agrónomo. Do lado esquerdo, encontram-se os serviços administrativos; o economato, serviços que

administram e gerem a instituição em termos monetários (trocas, vendas, transações); o gabinete de apoio jurídico, é o espaço responsável pela gestão das infracções cometidas pelos reclusos/internados seja por detecção de objetos proibidos (por exemplo, estupefacientes e telemóveis) ou por desavenças entre indivíduos; a secção de pessoal, a contabilidade, o gabinete da substituta do diretor, a tesouraria e o gabinete da adjunta do diretor e, ainda, as escadas de acesso ao piso inferior. No centro do edifício, distribuem-se ao longo do corredor o gabinete do Diretor do Estabelecimento; a sala de reuniões onde se concretizam os Conselhos Técnicos orientados pelo Juiz do Tribunal de Execução de Penas (TEP) e com a presença da equipa técnica do estabelecimento onde são tomadas decisões relevantes sobre, por exemplo, a autorização de licença de saída jurisdicional, liberdade condicional (LC), passagem a outros regimes de cumprimento da pena (RAI ou RAE); a secção dos reclusos, conhecida como secretaria, onde se tratam todos os assuntos que dizem respeito aos processos judiciais e à situação prisional dos reclusos/internados e onde se encontram ordenados numericamente os processos de cada um. No piso inferior do edifício encontram-se as casas de banho, uma arrecadação, o bar dos funcionários e uma sala equipada com mesas, cadeiras, um micro-ondas e uma televisão que se destina aos funcionários que usufruem do espaço como refeitório. É também no piso inferior deste edifício que se encontra a cantina com os produtos que abastecem os bares do estabelecimento. O acesso a este local é feito pelo exterior.

A CPSM surge da necessidade de existência de estruturas capazes de efetuar uma intervenção adequada e personalizada a questões de saúde mental e psiquiátrica da população reclusa. Posto isto, o Decreto-Lei n.º 194/94 de 19 de julho<sup>2</sup> edifica uma nova estrutura clínica no EPSCB: a Clínica de Psiquiatria e de Saúde Mental de Santa Cruz do Bispo, sendo esta a única clínica neste registo, em todo país.

Neste edifício, de certo modo especial, cumprem pena em medida de segurança, todos os indivíduos que, na altura do crime, não reuniam as condições necessárias que se pudessem tornar responsáveis pelos seus atos. São, portanto, considerados inimputáveis a cumprir tratamento psiquiátrico em estabelecimento psiquiátrico, num período de tempo variável em função do crime. O termo da medida de segurança estará dependente de avaliações médico-psiquiátricas realizadas de dois em dois anos sobre o

---

<sup>2</sup> Diário da República – I Série A - N.º 165 – 19 de julho de 1994 – Ministério da Justiça – artigo 1.º

início do internamento ou sobre a decisão que o tiver mantido, exceto em casos de pena relativamente indeterminada.

Para além destes, encontram-se internados em regime de internamento preventivo decretado judicialmente, a aguardar decisão, condenados em penas de prisão a cumprir em estabelecimento destinado a inimputáveis e reclusos cujo internamento foi determinado por psiquiatria (condenados com baixas médicas). Ao dia 3 de fevereiro de 2016, encontravam-se 115 indivíduos inimputáveis, 29 indivíduos com pena determinada (condenados) e 2 indivíduos com pena relativamente indeterminada. Para assegurar a organização e gestão deste espaço existe uma equipa de guardas prisionais afetos à clínica.

O referido edifício está organizado em três pisos, sofrendo alterações e adaptações ao longo do tempo para poder dar resposta às necessidades exigidas. Inicialmente, o espaço acolhia indivíduos em RC e em situação de internamento, estando o espaço dividido em função destas condições. Só em junho de 1994, quando foi construído o agora conhecido pavilhão do RC, é que este espaço ficou destinado apenas a internados, salvo as exceções já referidas.

À entrada da CPSM, a portaria da clínica integra o gabinete do chefe de guardas responsável por tudo o que acontece neste espaço; um pequeno dormitório que serve de apoio aos guardas que cumprem os horários noturnos; uma arrecadação e a sala de visitas. Para lá da porta que separa estes dois mundos, podemos encontrar, do lado esquerdo, a enfermaria que acolhe indivíduos com saúde vulnerável; os gabinetes médicos de diferentes especialidades e de enfermagem comuns a todo o EP. No que concerne ao apoio à saúde existe uma equipa multidisciplinar que atua em diferentes áreas como psiquiatria, psicologia clínica, clínica geral, medicina dentária, infecciologia, enfermagem e auxiliares de ação médica. Já do outro lado do corredor, lado direito, separado por um gradeamento de ferro, que só abre em função de horários e necessidades específicas, encontramos a porta de acesso ao recreio da clínica; o bar dos reclusos; a capela ou salão de festas; a escadaria para o piso inferior, que funciona como refeitório da clínica e que dá, ainda, acesso à 6ª secção do RC; deste lado acedemos ao corredor onde estão as 73 celas individuais, nove camaratas, um quarto para duas pessoas e a barbearia. O quarto de isolamento, especificidade da clínica, é o espaço onde os indivíduos descompensados clinicamente ficam isolados por constituírem perigo imediato para o próprio e/ou para os outros internados.

O RC aloja reclusos imputáveis no cumprimento da pena de prisão efetiva. Ao dia 3 de fevereiro de 2016, este pavilhão acolhia 315 indivíduos. É aqui que se apresenta uma maior lotação e uma maior área prisional ocupada. De acordo com o Código de Execução de Penas e Medidas Privativas da Liberdade, artigo 13º, um *“recluso é colocado em regime comum quando a execução da pena ou medida privativa da liberdade não possa decorrer em regime aberto nem deva realizar-se em regime de segurança (...)”*<sup>3</sup>.

No que respeita à estrutura, o RC conta com três Alas: a Ala A, a Ala B e a 6ª secção. A Ala A e B, com dois pisos cada, estão agregadas ao mesmo edifício e têm uma configuração em V, sendo que o vértice termina numa área de vigilância estratégica (local apelidado pelos reclusos como aquário) que permite obter uma visão panorâmica de ambos os corredores, como forma de rentabilização dos recursos humanos e de um maior controlo dos reclusos. Neste pavilhão, à entrada, encontramos as salas de visita ou parlatórios; os gabinetes destinados aos atendimentos com os técnicos e advogados e as portas de acesso às alas. Relativamente aos espaços partilhados pelos reclusos existe o ginásio, que pode ser frequentado mediante inscrição e de acordo com um limite de participantes; duas salas que funcionam como espaço de trabalho à peça como é o caso da montagem de molas e das pastas de arquivo; os bares; as bibliotecas (uma em cada ala), a barbearia e os balneários. E, logicamente, se encontram as celas/camaratas dispostas ao longo dos corredores onde estão distribuídos os condenados.

A 6ª secção situa-se num edifício isolado com uma estrutura em L, nitidamente com condições mais precárias do que as alas acima mencionadas. Do que pude constatar na visita guiada ao estabelecimento,

*“o ambiente da 6ª secção é muito pesado, é escuro e quase isento de pontos de luz natural. É notória a sobrelotação a que as celas estão sujeitas, camaratas atoladas de pessoas, que dormem com a cabeça colada ao coleira e ao teto, aqueles que dormem na parte superior do beliche. O estado de conservação, higiene e organização dos espaços são deficitários podem ver-se louças e produtos alimentares espalhadas pela cela e roupas a secar penduradas pelo espaço. Custou-me perceber que é naquele cenário que as pessoas vivem, ou se calhar melhor seria dizer sobrevivem (Nota de Terreno, 27 de janeiro de 2016)”*.

---

<sup>3</sup> Código de Execução de Penas e Medidas da Liberdade, Título IV Regimes de execução, artigo 13º



No espaço encontram-se reclusos que trabalham na cozinha e muitos reclusos condenados por crimes sexuais. Isto acontece por ser um espaço mais isolado da restante população prisional que tende a fazer justiça por mãos próprias com os condenados por crimes de agressão sexual. Pondo de parte esta regra, nesta camarata estão brancos, pretos e ciganos sem qualquer questão de raça ou etnia. Neste espaço encontram-se as celas com finalidades disciplinares que se destinam ao cumprimento de sanções atribuídas por decisão do gabinete jurídico e direção: permanência obrigatória em alojamento (POA) ou internamento em cela disciplinar (ICD). É aqui que também se situa a padaria, onde por volta de onze reclusos trabalham na confeção do pão que é servido nas refeições diárias à população prisional.

A ULD é um pavilhão autónomo, mais isolado e situado, territorialmente, próximo do Estabelecimento Prisional Especial de Santa Cruz do Bispo (Feminino). A Unidade Terapêutica e de Reabilitação do Toxicodependente é um lugar ambicionado por muitos reclusos que propõem a transferência para esta unidade, conhecida como 'paraíso' da instituição e tal como demonstra o discurso seguinte há diferenças inegáveis entre estar detido neste espaço ou nos pavilhões, *“É como comparar a água e a cachaça: são da mesma cor, estamos presos na mesma mas são sabores completamente diferentes”* (Entrevista R<sub>12</sub>). Atualmente aloja 16 reclusos em processo terapêutico. É este espaço que integra os indivíduos que pretendam investir na resolução da problemática aditiva de consumo de drogas e que reúnam condições para tal integração e reabilitação. A admissão na unidade está dependente de uma avaliação psicológica e psiquiátrica, de critérios específicos como a situação jurídica, idade inferior aos 40 anos e um histórico de consumos aditivos. Todos os dados são discutidos em equipa antes de qualquer admissão. Esta unidade, semelhante a uma comunidade terapêutica, reúne um conjunto de planos e programas específicos. Estes vão de encontro aos objetivos delineados a esta recuperação, que ficam formalizadas num contrato terapêutico assinado pelo recluso em tratamento. O programa de tratamento tem uma duração de dois anos, aproximadamente, dividindo-se em quatro fases de seis meses cada. O avanço para a fase seguinte está dependente dos progressos verificados ao longo do tratamento. No espaço interior existe uma cozinha individual onde são confeccionadas as refeições pelos próprios reclusos, um bar, uma lavandaria, um ginásio, uma sala de terapias, uma sala comum, as celas com a ocupação máxima de três reclusos, uma sala de visitas, quatro gabinetes (clínico, de enfermagem, de vigilância, e

de educação), uma sala para reuniões de equipa técnica e, no exterior, um campo de jogos e a horta.

A CASA, edifício estruturalmente semelhante a uma casa habitacional, independente dos outros regimes e próximo da portaria principal do Estabelecimento, integra, neste momento, 21 reclusos que usufruem de uma maior flexibilização da pena privativa de liberdade em regime aberto (RAE e RAI) e 8 indivíduos inimputáveis com suficiente grau de autonomia e colocados em regime aberto. Os indivíduos que forem colocados em RAI, à responsabilidade do diretor do estabelecimento, podem desenvolver atividades no espaço prisional ou próximo e estão sujeitos a um controlo moderado. Já os indivíduos em RAE, à responsabilidade do diretor dos serviços prisionais, poderão estar inseridos em “*actividades de ensino, formação profissional, trabalho ou programas em meio livre, sem vigilância directa*”<sup>4</sup>. O piso inferior deste espaço destina-se aos indivíduos a cumprir pena de prisão em regime PDL (56 indivíduos) e semidetenção.

Este espaço inclui vários quartos partilhados, uma sala de estar, sala de visitas, sala de lazer, bar, gabinete de videoconferências para o caso em que é prescindível a presença do recluso em tribunal, mini ginásio (no espaço interior apenas com uma bicicleta desportiva e alguns aparelhos no espaço exterior), quarto de visitas íntimas para reclusos que beneficiem dessa medida e uma sala de visitas VIP (*Visiting in Prison*). Este último espaço privilegiado faz parte de um projeto pensado para facilitar a aproximação entre pais e filhos, em condições mais acolhedoras e que fogem às características das visitas normais. As paredes da sala estão pintadas (por um recluso na altura) com cores alegres e figuras infantis, a decoração e os elementos que fazem parte do espaço vão de encontro ao universo infantil. De momento, o espaço encontra-se quase inativo pois não existem guardas disponíveis para acompanhar as visitas neste local, estando destacados para outras tarefas. É de referir que encontra-se alocado na CASA o “Mercadinho”, um espaço de comércio de produtos biológicos obtidos na exploração agrícola do estabelecimento.

Para além dos diferentes pavilhões centrais mencionados, podemos ver os espaços das oficinas de ocupação laboral nas áreas de serralharia, construção civil, eletricidade, carpintaria, plásticos, lavandaria, rouparia, limpeza e manutenção de

---

<sup>4</sup> Código de Execução de Penas e Medidas da Liberdade, Título IV Regimes de execução, artigo 12º, ponto nº3, alínea b)

espaços, mecânica automóvel e agropecuária. Na Eira, perto da rouparia, desenvolvem-se as atividades de Ergoterapia com os internados da clínica propostos e com interesse para tal. As atividades envolvem a colagem de etiquetas em tubos para análise de óleos alimentares e a montagem de molas de roupa para empresas externas.

O edifício ao qual todos identificam como a Escola, localiza-se num edifício independente dos pavilhões e dos espaços de pernoita o que permite uma maior proximidade àquilo que é normativo no exterior da prisão. Aqui é oferecido aos reclusos/internados formação académica e profissional. Na entrada do edifício principal encontramos a portaria e o átrio central, as casas de banho, cinco salas de aula, o gabinete dos professores e a porta de acesso ao recreio. No outro edifício anexo existe uma sala destinada à música, uma sala de computadores e duas salas de aulas.

No EPSCBM estão, ainda, instalados o Grupo de Intervenção e de Segurança Prisional (GISP) e o Grupo Operacional Cinotécnico (GOC).

### **1.1. Atividades educativas no EPSCBM: a Escola, os Programas dirigidos a necessidades criminógenas específicas e as atividades socioculturais e desportivas**

O Regulamento Geral dos Estabelecimentos Prisionais é um documento oficial que serve de guia a todos os estabelecimentos prisionais e que garante uma maior uniformidade na regulamentação do conjunto prisional. Para além de todas as matérias de que se ocupa, este prevê o incentivo à formação escolar e profissional, bem como à participação em atividades socioculturais e desportivas, ocupacionais e laborais. Deste modo, reúne em capítulos específicos, incluídos na área do tratamento prisional, as ofertas existentes e o modo de operar das mesmas.

Incontestavelmente, o valor da inclusão dos indivíduos em diferentes atividades ao longo do período de reclusão, reflete-se em efeitos significativos no bem-estar dos mesmos e coopera na aquisição e treino de diversas competências. De acordo com diagnóstico das necessidades dos indivíduos, são traçados objetivos a alcançar ao longo do cumprimento da pena, contidas no Plano Individual de Readaptação (PIR), onde se propõe a inserção dos indivíduos em atividades diversas na área de competências pessoais e sociais.

Relativamente ao ensino e formação profissional, reconhece-se nas escolas prisionais uma extensão clara da maioria das escolas no exterior. No início de cada ano

letivo inicia-se um projeto educativo<sup>5</sup> entre EP e o Agrupamento de Escolas Engenheiro Fernando Pinto de Oliveira – Leça da Palmeira, no sentido de traçar os objetivos de trabalho de acordo com as necessidades educativas da população. Os professores que leccionam na escola do EPSCBM são destacados do agrupamento responsável pela dinamização do projeto educativo delineado.

O ensino e a formação em meio prisional assentam no despacho conjunto nº 451/99<sup>6</sup> que define como objetivo comum e iminente dos Ministérios da justiça e da educação a munção de “ (...) *esforços no sentido de permitir a valorização pessoal da população reclusa, bem como a frequência e certificação dos ensinios básico ou secundário e a frequência de esquemas de formação que favoreçam o acesso à qualificação profissional*”. Com a dinamização do projeto educativo no EPSCBM pretende-se

garantir o exercício do direito à educação básica e/ ou secundário à população reclusa; reforçar as condições e possibilidades de combate ao analfabetismo; desenvolver a consciência da cidadania; desenvolver a autonomia em relação ao uso do saber e o espírito crítico; promover o sucesso escolar através de um ensino que assenta na diferenciação, adequação e flexibilização de práticas e metodologias de ensino; e capacitar os alunos e a restante população reclusa para a utilização das tecnologias de informação e comunicação.

Pelo que se tem verificado, a organização escolar neste estabelecimento tem sofrido melhoras significativas no decorrer do tempo. As ofertas educativas organizam-se em cursos de equivalência ao ensino básico escolar (competências básicas, EFA B1, EFA B2 e EFA B3) e ao ensino secundário podendo ter um carácter mais profissional, como por exemplo, curso de dupla certificação Padaria e Pastelaria. A formação modular como é o caso das Unidades de Formação de Curta Duração (UFCD) como o Inglês, Expressão Plástica, a Música, o Desporto e as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) podem ser frequentadas por todos os indivíduos que demostrem interesse ou por quem já concluiu os níveis de ensino que a escola oferece. As inscrições continuam a ser superiores à assiduidade dos alunos nas aulas e, deste modo, as inscrições perfazem um total de cerca de cento e cinquenta reclusos a frequentar algum tipo de formação escolar e profissional.

---

<sup>5</sup> Informações do Projeto educativo 2015/2016

<sup>6</sup> Diário da República – II Série – Nº 127 – 1 de junho de 1999, p. 8084

Para além do referido, a missão da escola tem assumido um papel essencial na promoção de iniciativas de cariz sociocultural que se desenvolvem em articulação com os projetos curriculares. Com isto, para além do carácter mais lúdico projetam – se nas mesmas, objetivos de índole pedagógica como a interpretação do sentido social de datas comemorativas; promover o acesso a diferentes espaços de expressão; suscitar interesse na participação em diferentes iniciativas culturais e proporcionar novos meios de aquisição de competências pessoais e sociais.

No que respeita aos programas dirigidos a necessidades criminógenas específicas, estes permitem o *“treino de competências pessoais e sociais [e fazem parte] do catálogo de programas da direcção geral que se inserem no programa individual de readaptação de cada um [aquando o momento de avaliação]”* (Entrevista T<sub>3</sub>). Está prevista a inclusão de indivíduos que carecem de tratamento de problemáticas específicas promovendo, deste modo, a aquisição ou reforço de competências pessoais e sociais úteis à construção de um perfil socialmente aceite. Os programas são delineados tendo em conta *“a idade, o sexo, a origem étnica e cultural, o estado de vulnerabilidade, os perfis e problemáticas criminais, as necessidades específicas de reinserção social do recluso e os fatores criminógenos, designadamente os comportamentos aditivos”*<sup>7</sup>. Estes programas são, preferencialmente, de intervenção grupal e aplicados pelos TSR de cada estabelecimento prisional. Compreendendo esta preferência pois, em grupo, mais facilmente se cria uma analogia com a comunidade e os indivíduos poderão adquirir competências como a colaboração, a escuta ativa, a gestão de conflitos, a partilha de experiências significativas e a empatia.

No ano corrente, estava prevista a dinamização de programas específicos às necessidades dos indivíduos como o Programa de Promoção de Competências Pessoais e Emocionais – Gerar Percursos Sociais; o Programa de Intervenção dirigido a Agressores Sexuais; o Programa de Intervenção dirigido a autores de Delitos Estradais – Estrada Segura; o Programa de Promoção do Desenvolvimento Moral e Ético; o Programa de Prevenção da Reincidência e da Recaída – Construir um Plano de Prevenção e Contingência e o Programa Integrado de Prevenção do Suicídio.

As atividades socioculturais e desportivas apresentam-se pela via não formal e/ou informal e permitem o reforço ou aquisição de competências nos indivíduos e a

---

<sup>7</sup> Código da Execução das Penas e Medidas Privativas da Liberdade, TÍTULO VIII Ensino, formação profissional, trabalho, programas e actividades, artigo 47º

manutenção do bem estar geral dos mesmos. Na linha do referido, as atividades estão integradas na área do tratamento prisional, considerando a diversidade cultural dos reclusos<sup>8</sup>. De acordo com o mapa de atividades analisado, no segundo semestre do ano de 2015, desenvolveram-se as seguintes atividades: de dança e música com o objetivo de promover e desenvolver competências pessoais e sociais através das artes; a elaboração de postais e árvore de natal que visava a estimulação de competências motoras, de comunicação e interação; as datas comemorativas como as festas de São Martinho, de Natal com músicos convidados e o dia da saúde mental; os encontros temáticos, as exposições (exposição “*Livros que fizeram história*”) com o objetivo de proporcionar conhecimento de autores e livros de referência, despertar a curiosidade, o interesse, a aquisição de hábitos de leitura, promover a discussão; as sessões de leitura de contos/poesia/histórias e o Projeto DVD – Dinamizar, visionar, discutir filmes em formato DVD com a finalidade de aumentar o leque de ocupações, promover funções mentais tais como atenção, aumentar a motivação, entre outros.

Também as atividades de voluntariado ocupam parte do quadro de atividades de cariz cultural e de ocupação de tempos livres que se desenvolvem no espaço prisional, entre julho e dezembro de 2015 desenvolveram-se atividades como: a Horta saudável, Além Muro e a Festa de Natal das crianças com o intuito de desenvolver competências pessoais e sociais e oferta de bens, respectivamente; o Yoga em cadeia e Direitos e Deveres de Cidadania com o fim de relaxamento e meditação e desenvolvimento competências pessoais e sociais, respectivamente; e o projeto da Fundação Portuguesa “*A comunidade contra a SIDA*” que incidiu na promoção do desporto e estilo de vida saudáveis.

Para além das atividades mencionadas, a atividade laboral pode ser considerada como uma atividade educativa na medida em que o trabalho permite a aquisição de diferentes competências no indivíduo e assume-se como um forte factor de integração. Como afirma Delors (1996: 97), o trabalho é um “*espaço privilegiado de educação*” e de formação e é no exercício de uma profissão que convergem múltiplas aptidões. Importa referir que a colocação laboral está no topo da procura dos reclusos pela notória dificuldade económica sentida pela grande parte dos detidos. A nível logístico é inexequível manter todos os reclusos ocupados e é dada prioridade àqueles com maior carência financeira. No mapa que data de 15 de junho de 2016, cerca de duzentos e

---

<sup>8</sup> Regulamento Geral dos Estabelecimentos Prisionais, Parte I, Título V tratamento prisional, artigo 93º

cinquenta reclusos estavam ocupados no EPSCB inseridos nas diferentes ofertas laborais disponíveis.

## **1.2. Os Recursos Humanos e o Técnico Superior de Reeducação**

*“ (...) olhe eu confesso, eu não sei o que as colegas pensam em relação ao nome eu, pessoalmente, não gosto na realidade da designação do técnico superior de reeducação (...)” (Entrevista T<sub>4</sub>)*

Quase que mecanicamente, todas as instituições definem as funções de cada elemento, as relações predominantes e quem desempenha o papel da autoridade (Teixeira, 2013).

No que respeita aos recursos humanos, verifica-se que existe uma estrutura hierárquica assente numa lógica que permite dar resposta ao máximo de necessidades da instituição, ou pela menos às mais emergentes. O diretor do estabelecimento encontra-se numa posição superior, seguindo três adjuntos sendo que um é substituto do diretor nas suas ausências e impedimentos. Independentemente da posição que ocupem, todas as áreas, desde a administrativa ao tratamento prisional, apresentam-se como basilares e responsáveis pelo bom funcionamento do estabelecimento. Ao dia 28 de janeiro de 2016, a funcionária da secção do pessoal conferiu que existiam 110 guardas, 45 funcionários públicos (desde diretor, técnicos administrativos, TSR) e 11 contratados da empresa externa à Direcção-Geral de Reinserção dos Serviços Prisionais (área da saúde, terapeuta ocupacional e técnica de psicomotricidade), referindo que cada vez existem menos recursos humanos para a quantidade de tarefas a cumprir.

Tendo em conta a especificidade do contexto, o trabalho desenvolvido pelos TSR torna-se fundamental durante o período em que os indivíduos se encontram em cumprimento da pena outorgada. Atendendo à importância atribuída a estes profissionais a Direcção-Geral dos Serviços Prisionais cria a carreira de TSR, estando previstas um conjunto de funções e competências, organizadas e estruturas na Portaria nº286/2013 de 9 de setembro<sup>9</sup>. Na sequência do previsto, é referida a necessidade da formação de base dos profissionais a recrutar, devendo ser da área das ciências sociais e humanas. Durante todo o percurso de cumprimento de pena de prisão, o TSR contribui

---

<sup>9</sup> Diário da República – 1.º série – Nº173 – 9 de setembro de 2013 – artigo 13º, p. 5659

em todos os aspetos da estada do recluso no EP, desde a organização de atividades de ocupação de tempos livres, a elaboração de pareceres solicitado e o estabelecimento e facilitação da comunicação com o exterior. O acompanhamento de que se fala deverá ser ou espera-se que seja o mais individualizado e continuado possível sendo que o TSR *“tenta estabelecer uma ponte entre um ser actual e em devir e uma envolvente que deve dar a sua contribuição a um «processo de evolução» ”* (Capul & Lemay, 2003:112). Não esquecendo que têm de atuar de acordo com um conjunto de regras e diretrizes estabelecidas pela Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais.

Nesta medida, parece importante mencionar que a intervenção deste técnico deverá reger-se, simultaneamente, pelo interesse do recluso e da comunidade, numa lógica de reeducação *“do aqui e agora, do agir e do fazer, da realidade exterior e da relação com a lei, na intersecção do individual com o colectivo”* (Capul & Lemay, 2003: 12). Cabe ao profissional em questão estabelecer a relação e a ponte entre os reclusos e os diferentes serviços do EP (financeiro, educação/formação, laboral, médico, jurídico), bem como de instituições do exterior.

No caso específico do EPSCBM, a equipa dos SEE é formada por 5 técnicos que, em média, têm a seu cargo um rácio de 100 reclusos e/ou internados, acrescendo o apoio que têm de prestar à Formação Profissional, Escola, atividades culturais, biblioteca, voluntariado, entre outras. Estes profissionais estabelecem uma maior e mais sólida relação de proximidade com os indivíduos, apoiando no desenvolvimento pessoal, social e profissional e/ou formativo dos mesmos. Portanto, a intervenção passa pelo levantamento das necessidades prementes, a compreensão de todas as dimensões que constituem o percurso do recluso (suporte familiar/social, condições económicas, saúde, motivações e interesses). As tarefas diárias destes profissionais passam pelos atendimentos individuais nas diferentes alas, a elaboração do PIR ou do Plano Terapêutico de Reabilitação (PTR) no caso da CPSM, emissão de pareceres solicitados por órgãos superiores, por exemplo, o TEP, relatórios de LC, RAE ou RAI, estabelecimento de contactos telefónicos com as famílias e equivalentes apoios dos indivíduos. A par destas tarefas estão responsáveis pela coordenação e promoção de planos e programas terapêuticos, educativos e/ou formativos estabelecidos pela Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais.



## Capítulo II – A instituição prisional e as diferentes formas de educação

### 2. A Prisão e a sua evolução

O presente capítulo dá conta dos momentos e das transformações mais significativas que ocorreram, histórica e socialmente, em relação ao conceito de punição e de prisão.

A obra “Vigiar e Punir” de Foucault (1999) expõe a evolução histórica das leis penais e dos processos de punição e coerção envolvidos na erradicação da delinquência e da criminalidade.

Pela altura da Idade Média, e durante largos períodos de tempo, a punição e a correção do ‘mal’ estavam claramente ligadas aos suplícios e aos marcantes cenários em que o corpo era o “*alvo principal de repressão penal*” (Foucault,1999:12). O espetáculo era público e acontecia sob as mais variadas formas, entre o esquartejamento, as amputações, os desmembramentos, as mutilações, as humilhações, as fogueiras e eram as guilhotinas as responsáveis pelas “*mortes rápidas e discretas*” (Foucault,1999:17). Deste modo, o sofrimento deveria ser proporcional à gravidade do crime cometido, ou seja, quanto mais grave o crime mais lenta e sofrida era a morte. O excerto seguinte exhibe na perfeição o espetáculo deprimente ao qual as vidas e os corpos estavam sujeitos.

[Damiens fora condenado, a 2 de março de 1757], a pedir perdão publicamente diante da porta principal da Igreja de Paris [aonde devia ser] levado e acompanhado numa carroça, nu, de camisola, carregando uma tocha de cera acesa de duas libras; [em seguida], na dita carroça, na praça de Greve, e sobre um patíbulo que aí será erguido, atenazado nos mamilos, braços, coxas e barrigas das pernas, sua mão direita segurando a faca com que cometeu o dito parricídio, queimada com fogo de enxofre, e às partes em que será atenazado se aplicarão chumbo derretido, óleo fervente, piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente, e a seguir seu corpo será puxado e desmembrado por quatro cavalos e seus membros e corpo consumidos ao fogo, reduzidos a cinzas, e suas cinzas lançadas ao vento (Rossi cit. in Foucault, 1999: 9).

À medida que o tempo passa, a punição e as mais diversas formas de se punir começam a ser reconsideradas. É na época da transição para a Modernidade que as punições vão para além do corpo e este “*é colocado num sistema de coacção e de privação, de obrigações e de interdições*” (ibidem: 14). As penas passam a ser “*isentas*

*de dor*” (ibidem:15) e “*o sofrimento físico, a dor do corpo não são mais os elementos constitutivos da pena*” (ibidem:14). Deste modo, na Modernidade é

redistribuída (...) toda a economia de castigo. Época de grandes «escândalos» para a justiça tradicional, época de inúmeros projetos de reformas; nova teoria da lei e do crime, nova justificação moral ou política do direito de punir; abolição das antigas ordenanças, supressão dos costumes; projeto ou redação de códigos modernos (ibidem:11).

No caminho rumo à mudança, surgem novas abordagens que se assumem como ‘humanistas’ e que sustentam a pena de prisão, transpondo a punição para o campo da violência simbólica. Esta nova forma de castigo associava-se à ideia de que bastava o homem ser punido para se desviar do crime. Era claro que “*no pior dos assassinos, uma coisa pelo menos dev[ia] ser respeitada (...): [a] sua «humanidade»*” (ibidem: 63). Neste novo enquadramento, o castigo deverá recair sobre a alma de tal modo que afete o “*coração, o intelecto, a vontade, [e] as disposições*” (ibidem: 18).

Na lógica do referido operam as técnicas de disciplina, controlo e vigilância em circuito fechado, criado para manter os ‘delinquentes’ isolados da sociedade em geral. A prisão surgiu “*como a forma mais imediata e mais civilizada de todas as penas*” constituindo um marco importante na história da justiça penal e permitindo a institucionalização do poder associado à punição. Portanto, chega-se à conclusão que sendo a liberdade um bem partilhado por todos os membros da sociedade, a sua privação assume-se como um castigo “*igualitário*”, e é assim que os indivíduos devem pagar as suas dívidas (ibidem:196).

O controlo e a vigilância pretendidos só seriam possíveis através de uma estrutura minuciosamente pensada para o efeito. Esta ideologia arquitetónica surge com o filósofo e jurista Bentham, por volta dos anos 1830 e 1840, engendrando o nomeado *Panóptico*. Devendo ser a prisão o local de observação permanente dos indivíduos punidos, esta estrutura arquitetónica permitia que todos fossem vigiados de uma só vez. Assim,

(...) na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravessa a sala de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se

perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia ” (Foucault, 1999:165-166).

Esta organização simples permitia a dissociação do *“par ver- ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto”* (Marechal de Saxe cit. in Foucault,1999:167). Por si só, a estrutura assegurava o funcionamento do poder e produzia no indivíduo um impacto que o tornava consciente da permanente vigilância a que estava submetido, com efeitos homogeneizantes do mesmo. Os mecanismos de observação utilizados eram de tal modo eficazes que o Panóptico podia assemelhar-se a uma máquina capaz de manipular os indivíduos e moldar os seus comportamentos. Num dispositivo de poder, neste caso, no sistema prisional, de uma forma contínua e quase que automática, esta seria a melhor forma de garantir a economia em termos materiais, de pessoal e tempo e a eficácia da prevenção.

As instituições prisionais, como dizia Baltard (cit. in Foucault,1999:198), são *“instituições completas e austeras”*, caracterizam-se como sistemas de disciplina profundos e os mecanismos de ação devem incidir sobre os indivíduos de forma contínua. Esta maquinaria, apontada como um dispositivo de correção, ao mesmo tempo que priva os indivíduos do direito à liberdade deve ser capaz de os transformar/moldar. Deste modo,

a ordem que deve reinar nas cadeias pode contribuir fortemente para regenerar os condenados; os vícios da educação, o contágio dos maus exemplos, a ociosidade... originaram crimes. Pois bem, tentemos fechar todas essas fontes de corrupção; que sejam praticadas regras de sã moral nas casas de detenção; que, obrigados a um trabalho de que terminarão gostando, quando dele recolherem fruto, os condenados contraíam o hábito, o gosto e a necessidade de ocupação (...) (ibidem: 197).

De acordo com o referido, o trabalho e a necessidade de manter os indivíduos ocupados concorrem, juntamente com o isolamento, para a correção e transformação dos indivíduos e, conseqüentemente, dos seus comportamentos. Na lógica do trabalho em contexto prisional, impera o *“princípio de ordem e de regularidade”*, transformando *“ (...) o prisioneiro violento, agitado, irrefletido numa peça que desempenha o seu papel com perfeita regularidade”* (ibidem: 203).

Erving Goffman assume-se como outro autor indispensável na compreensão e desconstrução da dinâmica prisional. De acordo com o mesmo, na sociedade existe um tipo de instituições que, de acordo com as suas características específicas, se enquadra nos cinco agrupamentos das instituições totais. Assim, as prisões fazem parte do grupo de instituições totais organizadas “para proteger a comunidade contra perigos intencionais, e o bem-estar das pessoas assim isoladas não constitui o problema imediato (...)” (Goffman, 1961: 17).

Para Goffman (1961), a principal característica da prisão, como instituição total, assenta no facto de ser um universo fechado. O autor foca a sua abordagem no termo fechamento por não ser permitida a existência de contato do recluso com o mundo exterior, ou pelo menos, de forma ativa. Segundo o mesmo autor, as instituições totais são definidas

como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada (Goffman, 1961:11).

Neste prisma, surgem intimamente ligadas quatro características deste tipo de instituições. Em primeiro, a vida do indivíduo acontece confinada aquele espaço e sob a alçada de uma autoridade; em segundo lugar, as atividades desenvolvidas são para todos, com todos e desenvolvem-se do mesmo modo; em terceiro, as atividades previstas seguem um conjunto de regras que são controladas pelo corpo de vigilância e, por último, as atividades cumprem um “*plano racional que traduz o completo cumprimento dos objetivos oficiais da instituição*” (Gonçalves, 2000:143).

Neste seguimento, pode dizer-se que o espaço e a estrutura física da prisão concorrem para o aumento da “*repressão, [d]as ameaças, [d]a desumanidade, [d]a falta de privacidade, [e d]a depressão*” (Onofre & Julião, 2013:54). A institucionalização e o novo universo espacial e temporal pressupõem a adaptação dos indivíduos face ao estatuto de reclusão. A entrada na prisão representa uma rutura global. Assim, os indivíduos têm de se conformar com o seu estatuto de reclusos, passando a gerir a sua vida pessoal dentro de um conjunto de regras instituídas. Os novos horários, regras e procedimentos vão fazer parte do seu dia-a-dia durante um determinado período de tempo. Uma adaptação bem sucedida resulta de um processo equilibrador onde o recluso tenta apreender as regras institucionais do sistema prisional

aos seus esquemas comportamentais, sem no entanto perder a sua individualidade (Gonçalves, 2000). Nesta lógica, os indivíduos reúnem estratégias internas para sobreviver à hierarquia rígida do sistema, aprendem a linguagem do contexto, seguem o código de conduta que não consente a denúncia e onde as relações se desenvolvem na base do jogo de interesses (Reichenbach, 2001).

Goffman (1961) define ainda o termo de *mortificação do eu*. Este estado, na maioria das vezes não intencional, provoca inibições no desenvolvimento do indivíduo que se vê obrigado a seguir todos os rituais institucionais. Aos indivíduos é-lhes atribuído um número interno que facilita a logística do tratamento prisional ao mesmo tempo que, contribui para as alterações de identidade, fazendo o indivíduo sentir-se controlável e numerável. O discurso que se apresenta corrobora o atrás descrito, “(...) *Aqui dentro não passamos de um número é mesmo assim, tão simples quanto isso (Entrevista R<sub>5</sub>).*”

Os sistemas prisionais são encarados como uma peça fundamental no que diz respeito às punições, sendo, inegavelmente, a imagem do castigo. A privação da liberdade é vista como um castigo e um agente de reeducação, em simultâneo (Foucault, 1999). Nesta lógica de reeducação, os objetivos a que as instituições deste tipo se propõem são os de rentabilizar o tempo de prisão, reabilitar e reintegrar os indivíduos, conhecer as suas potencialidades e gerir vontades e motivações. Assim, deve ser criado um conjunto de programas e atividades que permitam o desenvolvimento e aquisição de competências tendo em vista a reabilitação e preparação para a liberdade (Pinho, n/d). Portanto, é evidente, mais do que punir a pena deverá reabilitar o recluso para a vida em sociedade.

Salvo exceções, as prisões continuam a ser depósitos de pessoas marginais, funcionando como uma espécie de escola de maus hábitos e de comportamentos considerados não normativos. É notório, de um modo geral, que os sistemas prisionais não têm conseguido manter uma relação harmoniosa entre a intervenção que é feita na prisão e a vida em sociedade dos ex. reclusos.

Em concordância com o exposto, assimile-se que a reinserção social não passa por um ato isolado no espaço e no tempo, mas antes consiste num processo dinâmico e gradual. Os sistemas prisionais devem apostar em práticas diárias que permitam o dinamismo deste processo (Rocha cit. in Morgado, 2012). Lourenço e Onofre (2011:120) são da opinião que “*o fim da prisão não é a readaptação do sujeito à sociedade, mas o de ajustá-lo às normas do estabelecimento prisional*”.

Na maioria das situações a prisão é inútil e inconveniente, no entanto, ainda continua a ser um mal necessário face à escassez de mais e melhores soluções. Para Foucault (1999: 196) a prisão “(...) é a detestável solução, de que não se pode abrir mão” e a verdade é que desde o seu surgimento que se esperam alternativas a esta. Pelo referido, a instituição prisional “*fez sempre parte de um campo activo onde abundaram os projetos, os remanejamentos, as experiências, os discursos teóricos, os testemunhos, os inquéritos*” (Foucault,1999:198). Pensa-se, portanto, na possibilidade de uma verdadeira alternativa ao sistema prisional. Que alternativa será essa? Para diminuir o papel da prisão na sociedade será necessário construir um Estado que seja capaz de fortalecer e ampliar os direitos sociais e económicos de forma equitativa (Wacquant, 2008). Para tal, “*se a reabilitação dos delinquentes tem sido considerada como um direito dos mesmos, também nos parece um dever da sociedade*” (Rocha, 1983: 83 cit. in Falconi, 1998:116). Com isto prende-se a necessidade de uma sociedade que se organize de forma a ampliar as suas oportunidades para todos, reforçando-as como equitativas. Uma sociedade inclusiva deve minimizar os factores macro (sistema económico e político) e meso (políticas autárquicas, normas e regras locais) e maximizar as oportunidades permitidas pela sociedade (Amaro,2000).

No caso português, na segunda metade do século XIX, com a rejeição da pena de morte e da prisão perpétua, a pena de prisão constituiu a *ultima ratio* da legislação e da política penal. Na base do Código Penal Português está o combate à criminalidade, sendo que a aplicação da pena prevê a restituição de uma determinada ordem (Afonso, 2012). Deste modo, as estruturas prisionais aparecem na lógica do controlo e da defesa da ordem e da paz social e, mais recentemente, é esperada a criação e garantia das condições favoráveis à reinserção e ressocialização dos indivíduos, como referem as medidas jurídicas e as funções dos técnicos que integram as equipas dos estabelecimentos prisionais portugueses (Pinho, n/d).

O sistema, como o conhecemos, está a caminhar para um fosso que é fruto de vários anos de desinvestimento dos poderes políticos e públicos na melhoria deste, não atingindo, em vários aspectos, os padrões de qualidade exigíveis, no início do século XXI, a um Estado de Direito Democrático, baseado na dignidade da pessoa humana como nos mostra o artigo 1.º e 2.º da Constituição (Direção Geral de Serviços Prisionais & Ministério da Justiça, 2010). O país regista as taxas mais elevadas de duração efetiva do tempo de reclusão, comparativamente com outros sistemas prisionais europeus.

Apesar de a taxa de condenações em pena de prisão efetiva não ter sofrido alterações, a verdade é que o número de reclusos continua elevado. Esta situação verifica-se,

devido ao aumento das molduras penais em alguns crimes, ao endurecimento, das condições de concessão da liberdade condicional, à duração excessiva da prisão preventiva e aos atrasos na efectivação dos cúmulos jurídicos de reclusos com várias condenações (Rodrigues et al, 2007: 171).

Portugal ficou classificado como o nono país com as prisões mais sobrelotadas da Europa no ano de 2014, de acordo com o último relatório do *Council of Europe Annual Penal Statistics* (SPACE). Segundo o mesmo documento, em Portugal, um recluso passa em média 27,9 meses em cumprimento de pena privativa de liberdade. Comparativamente, no resto da Europa a média de tempo que um recluso passa na prisão é de nove meses (Franco, 2016). Segundo os dados apresentados, a 31 de dezembro de 2015, a lotação global prevista para os estabelecimentos prisionais era de 12591 reclusos, no entanto, verifica-se uma taxa de ocupação superior com um total de 14222. Do ano de 1999 a 2015 que a discrepância entre lotação e taxa de ocupação é notória, prevalecendo a sobrelotação dos sistemas prisionais. Excetuando o ano de 2005 e o período de 2007 a 2010 em que a ocupação era inferior à capacidade de ocupação (Direção-Geral dos Serviços Prisionais, 2016).

À luz do mencionado, a sobrelotação das prisões portuguesas pode estar associada ao modelo de punição do país. O fenómeno é um dos maiores problemas dos sistemas prisionais portugueses, acrescendo a escassez de recursos humanos e materiais. O abrandamento do problema passaria pela aplicação de penas alternativas como é o caso do trabalho comunitário ou a substituição, sempre que possível, das penas de prisão efetiva de curta duração por outras medidas com o mesmo impacto, assemelhando-se ao modelo praticável em outros países europeus (Campos, 2015).

Os dados mais recentes divulgam uma taxa de reincidência de 48% no ano de 1998 aumentando para 51% em 2003, na população masculina. Relativamente à população feminina, a reincidência apontava para 4% no ano de 1998 aumentando para 15% em 2003 (Provedoria da Justiça, 2003). Na base do apresentado, a reincidência revela o insucesso da intervenção prisional integrada no modelo de atuação português. A preparação do regresso do recluso à sociedade é crucial e a educação apresenta-se como um facilitador desse processo.

Em concordância com o objeto de estudo, o ponto seguinte incide sobre a Educação em Contexto Prisional.

### **3. Educação em Contexto Prisional – as diferentes formas de educar**

Antes de mais, no início deste capítulo, faz sentido, começar por esclarecer-se que nenhuma

atividade humana [...] se desenvolve num vácuo social, mas está antes rigorosamente situada num contexto sócio histórico e cultural de significados e relações. Tal como uma mensagem só faz sentido em termos do contexto total em que ocorre, as ações humanas estão embebidas no contexto do tempo espaço, cultura e de regras tácitas locais de conduta” (Rosnow & Georgoudi, 1986: 4).

No âmbito do referido, também podem inserir-se as dinâmicas educativas que não ocorrem num vazio mas sim num dado contexto, com toda a envolvimento específica que o caracteriza.

A Educação é tão antiga como a Humanidade, sendo considerada a chave do progresso e a ferramenta capaz de estimular a transformação social (Emediato, 1978). É conhecida a importância do conceito de Educação e, em consequência, existe um conjunto de bases teóricas que se ocupam da sua investigação. Assim, pode considerar-se que a Educação foi pensada em prol do desenvolvimento individual, social e cultural de cada indivíduo e prevê ainda uma “*constante adaptação, renovação e enriquecimento*” do mesmo (Amado, 2011: 46). Para além de tudo aquilo que a caracteriza, a educação deveria contribuir no sentido de tornar o indivíduo “*sujeito da própria história*” (UNESCO, 2006:14). Deste modo, os processos educativos têm a capacidade de criar nos indivíduos melhores condições gerais, tornando-se estes capazes de exercer mais e melhor o seu papel como cidadãos porque “*a educação é a base constitutiva da formação do ser humano e da defesa dos seus direitos sejam eles económicos, sociais e culturais*” (Morgado, 2012:1).

Em conformidade, a Educação associa-se a um direito universal que deve ser assegurado por lei a todas as pessoas, incluindo, desta forma, as que se encontrem em cumprimento de penas. A condição de recluso não deve minimizar ou bloquear a



possibilidade dos indivíduos aumentarem o conhecimento, sendo uma “*condição indispensável ao seu processo de emancipação como ser humano*” (Lima cit. in Costa, 2011:69). O Estado tem a função de garantir que todos sem distinção possam exercer esse direito, não descuidando a qualidade da oferta das experiências educativas.

Na base do exposto, em contexto prisional, esta tem sido a estratégia em que os técnicos mais apostam. No entanto, estas tentativas parecem não estar a seguir o caminho certo, parecendo existir uma relação de conflito entre a formação/desenvolvimento humano e a reclusão. Ao invés de se usar a educação e as formações como forma de ocupar os reclusos e mantê-los distraídos, deverá ser dada maior atenção ao ensino de competências sociais básicas, para que possam viver, adequadamente, em sociedade. Para além disto, o reduzido sucesso da Educação e Formação no meio prisional deve-se ao fosso que existe entre os programas de ensino e formação e as reais necessidades do mercado de trabalho. As políticas educativas previstas para os meios prisionais não contemplam apoios para que as pessoas em contexto pós-prisional possam continuar os estudos depois de se encontrarem em liberdade (Santos et al, 2003).

A Educação em contexto prisional, mais do que uma alternativa, deverá ser a prioridade para a verdadeira reinserção e reintegração dos indivíduos. Para além da evidência da relação positiva das dinâmicas educativas no desenvolvimento dos indivíduos, devem considerar-se outros factores que integram a totalidade do indivíduo. Por este motivo, é importante que se perceba que a educação não deve ter o peso total dessa reabilitação (Gabriel, 2007).

Que tipo de política educativa se poderá oferecer nestas condições? Pensa-se, verdadeiramente, no que é útil e exequível ou apenas se cumpre com uma política pública? Depois de estabelecida a política que dita o direito e o funcionamento dos programas de formação e educação de adultos, o que deve seguir para a discussão é a forma como, efetivamente, tudo se transpõe para a prática. O espaço de educação nas prisões é e deverá ser um espaço diferenciado de todos os outros. Torna-se premente que se mude “*a cultura, o discurso e a prática*” para que se possa tornar compatível a lógica de segurança com a de educação, pois ambas são desviantes no que respeita aos objetivos estabelecidos (Costa, 2011:64-65). Existem entraves muito mais profundos como as estruturas sociais, políticas e económicas que limitam o bom funcionamento daquilo que está previsto legalmente. A instituição total e todas as outras que permitem o seu funcionamento, devem (re)pensar os processos e dispositivos implementados de

Educação e Formação, para que se possa criar uma ligação coesa entre o sistema prisional e o sistema educativo. Espera-se que a instituição prisional crie momentos de aprendizagem, de experiências bem-sucedidas, de encontros que não sejam relações de força, momentos de reconstrução da própria história, espaços para expressar emoção e realizar projetos (UNESCO,2006:47). Deste modo, a educação nas prisões deve apoiar-se na diversidade, desenvolvendo os conteúdos e os métodos que se adequem a essa diversidade.

A Educação em contexto prisional, como em qualquer outro contexto de aplicação, deve ser pensada de acordo com as especificidades do grupo e não ter um carácter homogeneizador pois, na verdade, cada um deve ser capaz de, com as suas competências e habilidades, equacionar soluções compatíveis com os seus problemas. Parafraseando Fernandes (2004 cit. in Antunes, 2010: 62), *“a possibilidade [do indivíduo] (...) aprender [depende] do envolvimento (...) nas situações vividas, da diversidade das situações [e], da capacidade de as integrar”*. As dinâmicas e as práticas educativas inserem-se no âmbito do tratamento prisional, mais especificamente, nos SEE.

O estatuto da prisão tem integrado um elemento punitivo forte, procurando preservar o controlo e a rigidez, *“fazendo cumprir o Regulamento Geral dos Estabelecimentos Prisionais e as normas jurídicas do Ministério da Justiça”*. Esta forma de atuar ecoa e traz consequências *“nas possibilidades e limites, nas potencialidades e constrangimentos que os processos de educação e formação ali revelam”* (Madureira, 2013: 13). Para além de todos os obstáculos colocados, o facto de estar em formação, contactar novas formas de conhecimentos, conhecer possibilidades de novas oportunidades e a convivência com pessoas externas ao contexto (como é o caso dos formadores, professores), contribui para uma maior socialização do recluso e, conseqüente, reinserção (Madureira, 2013). Não basta carregar os reclusos de informações e competências pensadas para servir o sistema vigente e as exigências do mercado de trabalho, mas é necessário dotá-los de habilidades e ferramentas úteis para provocar a verdadeira mudança nas suas vidas. Só assim será possível pensar e produzir *“novos desejos, necessidades e possibilidades”* (Costa, 2011: 70).

Perante o exposto, surge a necessidade de rever e ampliar (temporal e espacialmente) o conceito de Educação. No que respeita à coordenada temporal, pode afirmar-se que a educação e os seus efeitos estão presentes em todos os momentos da

vida do indivíduo ao contrário do que se pensava. Analogamente, o espaço de atuação também foi alargado a outros lugares e instituições da sociedade (Cabanas, 1991).

À luz do mencionado, em contexto prisional a Educação deve posicionar-se como um acontecimento permanente. Deste modo, o conceito de Educação Permanente determina que uma situação educativa poderá ocorrer em contextos formais, tendo por base espaços de educação não formal ou situações de índole informal. Assim, deve considerar-se não só uma Educação mas um conjunto de educações que deverão ser reconhecidas e validadas, percebendo de que forma se podem complementar para o desenvolvimento integral do indivíduo privado de liberdade.

Partindo desta concepção é possível identificar três formas de educação, a educação formal, não formal e informal. Posto isto, deverá a educação ser percebida numa perspectiva global, em que as três modalidades devem ser complementares; isto é, deve entender-se que nenhuma, por si só, consegue suprir as necessidades desenvolvimentais e formativas dos indivíduos.

Quando pensamos em educação formal é inevitável que se pense na Escola e nas suas bases de ensino e de aprendizagem. Como nos diz Canário (1999), podemos ver a educação escolar como um protótipo da educação formal apoiada no binómio professor-aluno, na organização prévia e rígida dos programas e horários e, nas avaliações e certificações. Gohn (2006) acrescenta que os contextos educativos deste tipo são padronizados e formatados por regras e estilos de comportamento pensados e definidos antecipadamente. Esta forma de educação está pautada por objetivos claros e específicos que obedecem a uma diretriz educacional determinada a nível nacional, sob a tutela de um órgão regulador que é o Ministério da Educação (Gadotti, 2005). A principal finalidade da Escola, imagem da formalidade, é promover a apropriação de um património cultural, *“aquele que é social e culturalmente validado”*, restrito às opções curriculares realizadas. O papel dos professores está restrito aos objetivos que justificam a existência da instituição escolar e a todas as condicionantes de ordem política, cultural, organizacional e curricular (Cosme & Trindade, 2007: 36).

No que respeita ao contexto em questão, associamos facilmente a educação formal à Escola do EP, naturalmente, às ofertas e ao projeto educativo estabelecido, descrito no capítulo anterior. O contato com a escola na prisão, por norma, constitui uma segunda oportunidade para aqueles que não traçaram um percurso normativo com o sistema educativo. Deste modo, os percursos escolares foram marcados pelo desinteresse, o absentismo, o abandono precoce e comportamentos desviantes, como é o

caso dos primeiros contatos com as drogas. Posto isto, de acordo com o discurso de uma TSR é dada maior importância à educação formal do que aos outros modelos. Isto acontece porque “ (...) a escolaridade da (...) população é tão baixa que apostar fortemente na escola e na formação profissional é garantir mecanismos de escolha no futuro (...)” (Entrevista T<sub>3</sub>).

A educação não formal surge da conexão e complementaridade entre os contextos de educação formal e informal, incluindo todos os campos de atuação educativa não escolar, englobando assim “instituições, atividades, meios e âmbitos da educação” (Morand-Aymond cit. in Antunes 2010: 63). Este modo de se fazer educação, apesar de ocorrer em espaços não escolares, estabelece metas e objetivos a concretizar, tendo como intenção a facilitação “de aprendizagens, de conhecimentos e competências identificáveis” (Morand-Aymond cit. in Antunes 2010: 63). Como nos diz Trilla-Bernet (cit. in Antunes, 2010:63), é uma forma “de educação intencional, com objetivos definidos, porém não circunscrita à escolaridade convencional”. Portanto, de um modo geral, a educação não formal visa “desenvolver nos seus participantes, competências pessoais e sociais que lhes permitem demonstrar capacidades de responsabilidade, ousadia, flexibilidade e adaptabilidade às novas circunstâncias da vida social” (Santos Silva & Rothes, 1998: 73).

De acordo com Canário (1999), podem enumerar-se um conjunto de características que auxiliam na definição do contexto de atuação da educação não formal. Deste modo, toda a atuação é flexível, desde os horários, planificações e espaços e as situações educativas são definidas de acordo com as exigências e especificidades dos contextos e públicos. Tal como acrescentam Teles e Pinto (cit. in Antunes, 2010: 64), neste caso, não se pode ignorar a importância das atividades lúdico-pedagógicas, e as propostas devem ser orientadas para uma “transformação pessoal e colectiva” acompanhadas de uma “avaliação qualitativa, contínua e participada por todos/as”. Os contextos educativos não formais devem priorizar a necessidade de “promover experiências e vivências significativas, desafiantes e formativas” (Cosme & Trindade, 2007:80), numa lógica de interação voluntária e colectiva onde as relações dão lugar à transmissão e partilha de saberes (Gohn, 2006).

As ações educativas de carácter não formal estão, maioritariamente, viradas para projetos que englobam uma vertente mais experiencial e que se distanciam do peso dos métodos escolares. Assim, é através de estratégias mais atrativas e ativas do que as formais que se apela à capacidade reflexiva e expressiva dos envolvidos. No caso do

contexto prisional, como mencionado anteriormente, o regulamento geral dos estabelecimentos prisionais prevê o desenvolvimento de atividades desportivas, socioculturais e recreativas que se inserem na via da educação não formal. Estas atividades, que se organizam de modo intencional, contribuem para a manutenção do bem estar e para o empoderamento dos indivíduos. Desta forma, neste espaço inserem-se as atividades asseguradas pelo voluntariado como, por exemplo, o projeto de pintura na CPSM; as atividades dinamizadas pela terapeuta ocupacional (Ergoterapia e debates temáticos) e pela técnica de psicomotricidade (estimulação cognitiva e os passeios terapêuticos) em contexto de Clínica; as atividades culturais como é o caso dos debates, os colóquios e os encontros de leitura; o teatro, a dança e a música. A dinamização de atividades desta natureza constitui um caminho alternativo e/ou complementar para que seja possível a descoberta das competências necessárias à vida em sociedade.

A dinâmica da educação informal transcende a consciência da intencionalidade educativa que é característica dos tipos de educação formal e não formal. No entanto, esta inconsciência irá motivar a *“alteração dos conhecimentos, comportamentos e atitudes dos indivíduos”* (Cavaco, 2002: 26). Pode dizer-se que, nos espaços de educação informal, as situações pouco ou nada organizadas são potencialmente educativas onde *“aprendemos sempre, mesmo não querendo aprender”* (UNESCO, 2006:43). O processo de educação informal ocorre ao longo da vida na diversidade dos contextos e através das experiências e interações com o meio, seja com a família e amigos, com as viagens que fazemos, nas leituras ou na visualização de televisão ou filme (Antunes, 2010).

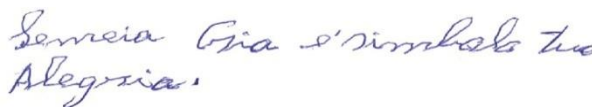
Tendo em conta o referido, pode afirmar-se que os moldes de educação informal estão implícitos em todo o processo de socialização dos indivíduos e ocorrendo em ambientes e momentos de espontaneidade. As vivências em grupo marcam os indivíduos e são *“importantes factores de aprendizagem, principalmente, no que se refere ao desenvolvimento de competências ditas transversais ou genéricas”* (Landry, 1989 cit. in Cavaco, 2002: 40). No caso das situações de trabalho e das experiências diárias estas apresentam-se como educativas na medida em permitem a participação e tomada de decisões dos indivíduos aos diferentes desafios que se colocam (Pain, 1990 cit. in Cavaco, 2002).

No seguimento do referido, em contexto prisional podem identificar-se algumas situações e espaços de carácter informal. O processo adaptativo ao novo espaço e ao novo estatuto de recluso acarreta um conjunto de aprendizagens, muitas delas adquiridas

quase que de modo automático. A passagem pela prisão coloca o indivíduo à prova e as aprendizagens surgem das necessidades e urgências encontradas ao longo do cumprimento da pena, constituindo experiências significativas importantes (UNESCO, 2006). Os momentos de atendimento individual, assegurados pelos TSR, são espaços de educação e de partilha. No gabinete onde o recluso se encontra com o técnico que lhe é atribuído de acordo com o seu número interno, tiram-se dúvidas, ouvem-se conselhos, discutem-se pontos de vista e traçam-se planos a curto e a longo prazo, daí poderão surgir efeitos significativos no percurso do recluso. Como nos diz Gonçalves (1993), estes espaços deveriam ser pensados como uma intencionalidade educativa, permitindo um clima de privacidade e de conforto capaz de fortalecer o clima de confiança entre o recluso e TSR. A participação em atividades de tempo livre também se insere no modelo de educação informal como é o caso das atividades ao ar livre (corridas, caminhadas, futebol, basquetebol e malha, por exemplo); as vivências entre os grupos de pares nos recreios, nas salas de convívio, nos bares e nos momentos comemorativos (festa de natal, da páscoa e final de ano na escola, por exemplo); a frequência do ginásio e das bibliotecas que fomentam a aquisição e/ou manutenção dos hábitos de leitura.

Neste momento, é necessário deixar claro que não se devem desvalorizar ou diminuir as funcionalidades distintas dos tipos de educação apresentados. A Educação deverá ser perspectivada de forma holística e vista como um processo permanente onde se possam ver aumentadas as oportunidades experienciais, desenvolvimentais e educativas dos indivíduos. Canário (1999) vê o processo educativo como um *continuum* que procura incluir e associar diferentes níveis educativos, por isso, há que romper “*com a definição de situação educativa que reproduz os traços do modelo escolar*”. Na óptica do referido, o reconhecimento de outros tipos de educação é muito recente, arriscava-me até a dizer que ainda não tenha sido totalmente alcançado. “*O monopólio e a hegemonia criados pela educação formal fez com que se pensasse, durante muito tempo, que a escola era a única via de aquisição de conhecimento*” (Cavaco, 2002: 27).

### Capítulo III - Uma trajetória: entre a investigação e a intervenção



*“Semeia e cria é símbolo da tua alegria” (L., internado da CPSM)*

#### 4. O ponto de partida: o processo antes da entrada no terreno

A vontade de desenvolver um estágio em contexto prisional e a curiosidade permanente em descobrir o mundo para lá dos muros sempre acompanhou o meu percurso académico. O ingresso no mestrado em Ciências da Educação possibilitou a concretização dessa vontade e foi na frequência do mesmo que se foram consolidando, no meu pensamento, as questões que me inquietavam sobre a realidade intramuros. Tendo consciência da dificuldade de integrar este contexto, pela especificidade e carga burocrática do mesmo, a decisão estava tomada e avançar era a palavra de ordem.

O processo de autorização para o desenvolvimento de um estágio curricular num EP era longo e pressupunha a apresentação de um pré- projeto que esclarecesse os objetivos, a pertinência da estada no local e do que pretendia levar a cabo. Foi um processo moroso de mãos dadas com a ansiedade. A proposta seguiu para a Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais com a preferência do EP de Paços de Ferreira por se situar geograficamente próximo da minha área de residência. No dia 3 de setembro de 2015 chegou a resposta com a informação de que estavam disponíveis duas vagas para Mestrado em Ciências da Educação, uma no EP afeto à Polícia Judiciária do Porto e outra no EP do Porto - Custódias. Fui alocada à vaga no EP anexo à Polícia Judiciária do Porto. Apesar da desilusão pela situação, desconhecia até a existência daquele estabelecimento, a mensagem mental era que pelo menos tinha ficado no contexto escolhido. Após todas as diligências necessárias, o orientador entrou em contato com o estabelecimento para agendar a primeira reunião, obtendo a resposta que devido a condicionalismos internos o estágio teria de ser transferido para o EP de Santa Cruz do Bispo. Neste momento, a sensação foi de que me tinham tirado o tapete, pensei naquele momento que a vontade não era tudo e que o melhor seria desistir. Santa Cruz era muito longe, ficava longe de tudo, como é que ia chegar lá, era impossível. Pensei em todas as possibilidades mas a vontade tomava conta de mim, não podia desistir

agora, era a oportunidade da minha vida. Deste modo, começou a procura das possibilidades de como chegar ao EPSCBM. Verifiquei que financeiramente era impraticável deslocar-me de transporte próprio. Assim, a única solução seria deslocar-me de transportes públicos, fazendo três transbordos até ao destino.

O contato formal e presencial no EPSCBM ocorreu no dia 3 de dezembro de 2015, como agendado. A reunião seria com a Adjunta de Direção e TSR que ficou destacada para ser a minha supervisora local. Finalmente tinha chegado o dia pelo qual tanto tinha ansiado e ia entrar pela primeira vez no universo prisional.

“Encarar o portão do estabelecimento prisional foi uma sensação incrível, soa estranho mas foi, verdadeiramente, incrível. Finalmente ia começar o tão esperado início de mais uma temporada e desafio da minha vida. O orientador tocou à campainha, enquanto esperávamos estacados em frente ao portão castanho ouvíamos do lado de lá o barulho de um molho de chaves em nossa direção, foi então que o portão se abriu. Não sei precisar se entrei realmente com o pé direito, contudo, era essa a minha vontade. Entrar com o pé direito. Entregamos a nossa identificação ao guarda prisional que nos recebeu, colocamos os nossos pertences numa mesinha ao lado do detetor de metais pelo qual passamos em seguida. Processos de segurança que iriam fazer parte da rotina dos meus dias enquanto estagiária daquele lugar. Depois disto foram-nos dadas as indicações necessárias para chegar ao local da reunião. À medida que seguia caminho o espaço assemelhava-se a uma quinta, um espaço airoso e verde quase próximo de um cenário histórico, fazendo - me esquecer dos elementos impetuosos do carácter total da instituição, pelos quais já tinha contactado à entrada: o portão principal, o detetor de metais, a identificação, os guardas prisionais e as suas fardas. Chegados ao edifício indicado, a reunião começou com a minha apresentação e do orientador. A supervisora deixou-me logo à vontade e disse que só tinha duas exigências: o respeito pelas pessoas independentemente dos crimes que lhes estão associados e que os direitos humanos devem ser a base da intervenção. Acenando a cabeça com um sim pensei: gosto desta postura. (...) Não falei muito durante a reunião. A minha ideia era não ficar aquém nem ir muito além (Nota de Terreno, 3 de dezembro de 2015)”.

#### **4.1. A entrada no terreno: um percurso de estágio**

O processo de estágio foi esboçado antes do contato com o terreno, no entanto, ajustado gradualmente às necessidades emergentes. A entrada na realidade do EPSCBM, como estagiária das Ciências da Educação, reuniu duas dimensões: a intervenção e a investigação. Após o primeiro contato, através da reunião com o orientador e supervisora local, o dia 9 de dezembro de 2015 foi o dia do contato oficial com a realidade de estágio.



*“A ansiedade tomava conta de mim, os ponteiros do relógio corriam mais depressa do que o habitual, o caminho até à prisão foi feito em sobressalto. Os autocarros andavam devagar, pensava eu. A correria foi constante, tinha de fazer transbordo três vezes até ao destino. Finalmente tinha chegado, pelas indicações que tinha, era esta a paragem onde devia sair - Aldeia de Baixo. Atravesso a estrada até ao edifício. Estava nervosa confesso, o caminho agora era feito sozinha. Toco à campainha e espero que o portão se abra. Sou recebida e identifico-me de imediato, seguem-se os procedimentos habituais: passagem pelo detetor de metais e verificação dos meus pertences. Enquanto isso, chega a supervisora local. Dali seguimos caminho juntas até ao seu gabinete (...)” (Nota de Terreno, 9 de dezembro de 2016).*

O que eu mais queria, a partir daquele momento, era aceder ao máximo de conhecimento possível. Como nos diz Caride (Palestra ESE do Porto), devemos ter a sensibilidade suficiente para *“ser olhos, ouvidos e pele para tocar as realidades”*. Pretendia ser capaz de observar *“ (...) os locais, os objectos e os símbolos, observa[r] as pessoas, as actividades, os comportamentos, as interacções verbais, as maneiras de fazer, de estar e de dizer (...) observa[r] as situações, os ritmos, os acontecimentos”* (Costa, 2003: 132). Queria, sobretudo, ser capaz de dar voz aos indivíduos, perceber as suas perspetivas, conhecer os seus percursos de vida, os seus sentimentos e expectativas. Entendia que uma postura criativa e flexível permitiria compreender melhor os fenómenos e acontecimentos e possibilitaria um maior enriquecimento do meu percurso. A ordem mental frequente era a de conhecer e observar sempre mais, a cada dia que passava a vontade era maior. No entanto, sabia que existiam entraves e limitações, naturalmente estabelecidos pelo local e teria de questionar, a cada passo, a possibilidade de estar/observar/ participar nas dinâmicas institucionais. O processo de adaptação e integração ao estabelecimento e a todas as suas especificidades foi gradual e faseado.

Ao longo da minha permanência na instituição, a observação foi uma constante, aliada à participação em algumas atividades desenvolvidas, maioritariamente, na CPSM e acompanhei o trabalho desenvolvido pelos TSR. Partindo da proposta da supervisora local, tive a oportunidade de desenhar e desenvolver um projeto com e para os indivíduos internados na CPSM. Para além do mencionado, também a vertente investigativa fez parte desta trajetória, investigando as diferentes práticas educativas em contexto prisional.

#### 4.1.1. Análise documental e Leitura de processos

Os primeiros tempos foram dedicados à análise documental (regulamento geral dos serviços prisionais e o código de execução de penas e medidas privativas de liberdade) e à leitura de processos individuais dos reclusos/internados. Inicialmente, a ansiedade tomava conta de mim, a vontade de querer mais para além da leitura de processos era muita, queria absorver mais do que aquilo que os processos dos indivíduos me podiam dar. Mais tarde percebi que esse tempo foi essencial para a familiarização com a linguagem e conceitos próprios do contexto, o funcionamento e burocratização institucional, os aspetos jurídicos, as leis, o preenchimento de documentos, entre outros.

*“Sento-me naquela secretária rodeada de estantes atulhadas de capas organizadas por ordem numérica. Ali estão arquivados os processos de cada recluso ao qual é atribuído um número interno a partir do momento em que dão entrada no estabelecimento. Acho incrível como os funcionários conseguem associar, automaticamente, os números aos nomes de cada recluso e conhecem os seus processos de ‘fio a pavio’. Um corre-corre constante, guardas e técnicos entram e saem, a impressora não para de trabalhar e o telefone não para de tocar (...)” (Nota de Terreno, 15 de dezembro de 2015).*

Percebi ao longo do tempo que o trabalho que se realiza na secção de reclusos por aqueles funcionários é determinante. Os funcionários realizam as diversas tarefas que lhes são confiadas, mergulhados em burocracias e pressionados pelos prazos legais que parecem sempre curtos.

Os processos individuais são únicos, uns maiores do que outros, uns com mais de uma capa dada a dimensão do mesmo. Estes assumem-se como uma ferramenta imprescindível para que se possam manter organizadas todas as informações necessárias ao longo do cumprimento da pena de prisão dos indivíduos. Deste modo, incluem a ficha individual com os dados pessoais, número interno e mecanográfico do recluso, o crime e a pena atribuída, os antecedentes criminais, o número de prisões e consequentes crimes, o registo disciplinar, os processos pendentes; o processo à ordem que integra a descrição dos crimes, os factos provados e não provados, o processo de desenvolvimento psicossocial do recluso, aspecto a que dediquei maior atenção, conhecendo o percurso dos indivíduos desde a infância até ao momento de reclusão; as avaliações (de acolhimento e de condenado/preventivo); o PIR no caso de penas

superiores a 1 ano; o PTR para o caso dos internados na CPSM; os relatórios de LC, RAE ou RAI, Indulto; entre outros. Durante a análise notei uma certa irregularidade na informação contida nos processos: por vezes as informações não coincidiam nos diferentes documentos como é o caso das habilitações literárias, a frequência de formação profissional, as penas de prisão, o número de pessoas que constituem o agregado familiar, entre outros. Esta incoerência acabava por dificultar a análise e o entendimento das trajetórias dos reclusos.

#### **4.1.2. Observação e acompanhamento dos atendimentos**

A observação dos atendimentos permitiu conhecer de perto os reclusos, os seus anseios, preocupações e necessidades imediatas. Estes caracterizam-se como um momento importante para que se criem e estreitem laços e, por conseguinte, para que se consiga uma intervenção mais próxima no decurso do cumprimento da pena. Para além do referido, o acompanhamento do TSR, nestes momentos, possibilitou a aquisição de ferramentas e estratégias de como abordar e guiar um atendimento. O excerto seguinte dá conta dos dias de atendimento no RC.

*“Hoje é dia de atendimentos no regime comum. Torço para que a supervisora me diga para assistir, queria perceber como funciona a dinâmica. Está confirmado, eu e o estagiário de psicologia vamos ao regime comum com a supervisora local. Antes de seguirmos, organizamos os pedidos de atendimento por ordem numérica, são 33 no total. Só pensava que uma tarde, cerca de 3 horas, é pouco tempo para atender tantas pessoas (...). A técnica tem uma postura assertiva perante os reclusos, respeitando a individualidade de cada um. Tem o cuidado de perguntar o nome da pessoa quando não conhece e só depois pergunta qual o número que lhe foi atribuído (...). Pelo caminho de volta ao gabinete explica-nos que há atendimentos que têm de ser interrompidos porque já não vão ser produtivos. No entanto, deve acabar-se sem movimentos bruscos ou agressivos, acompanhando as pessoas, de forma natural, até à porta”*  
(Nota de Terreno, 13 de janeiro, 2016).

Na lógica do referido, o recluso tem de formular um pedido de atendimento que inicia com a sua identificação (nome, número, cela/camarata, pavilhão) e a quem é dirigido, devendo também incluir o assunto a ser tratado. A grande maioria dos atendimentos estava relacionada com a colocação laboral, esclarecimentos sobre a situação jurídica, dificuldades financeiras, carência de produtos de higiene e ingresso na ULD.

### 4.1.3. Preenchimento de documentos

A elaboração do **PTR** é da responsabilidade do TSR, em conjunto com o recluso. Entende-se como sendo a forma mais eficaz do planeamento do cumprimento da pena, contemplando os objetivos a alcançar, as ações, o tempo e os recursos previstos para o desenvolvimento das mesmas. Para os reclusos com idade inferior a 25 anos e/ou que se encontrem a cumprir uma pena relativamente indeterminada ou superior a 1 ano é obrigatória a elaboração deste documento. Estruturalmente, o documento encontra-se dividido em 6 secções: Competências Básicas (contemplando a inserção em atividades de formação escolar e profissional e a inserção laboral); Competências Sociais (inserção em atividades socioculturais e desportivas e em programas de treino de competências pessoais e sociais); Saúde (inclui informações sobre problemas graves de saúde que necessitem acompanhamento e histórico de comportamento aditivos); Área Sociofamiliar e Comunitária (refere informações relevantes sobre retaguarda familiar e comunitária do indivíduo); Preparação para a Liberdade e, por fim, a Adesão ao Plano (com assinatura do consentimento do recluso e do TSR responsável).

O documento demonstra que o tratamento prisional se tem preocupado em proporcionar uma intervenção mais individualizada e adequada às necessidades de cada um; no entanto, ainda é visível o forte cunho da institucionalização dos indivíduos. (Gabriel, 2007). Nota-se, ainda, a carência na especificidade e na individualização dos objetivos propostos a cada indivíduo.

*“(...) Durante a consulta dos PIR’s de diferentes reclusos percebi que a elaboração é estandardizada, a estrutura e a linguagem das frases é a mesma, há secções em que as sugestões e o conteúdo do texto são exatamente as mesmas para diferentes reclusos. Este trabalho assemelha-se quase a um trabalho fabril e de linha de montagem. Atrevo-me a dizer que se recortam pedaços de texto de um plano e transferem-se para outro” (Nota de Terreno, 14 de janeiro de 2016).*

No decorrer do estágio tive oportunidade de elaborar, em conjunto com o estagiário de psicologia, os **relatórios de RAE**. A tarefa foi delegada pela supervisora local e, assim, auxiliamos a técnica responsável pelo acompanhamento da CASA na elaboração dos relatórios de alguns reclusos propostos para trabalho no exterior do estabelecimento. Deste modo, o RAE insere-se no conjunto de medidas de flexibilização da pena e permite que os reclusos desenvolvam atividades no exterior do

estabelecimento. Neste caso, tratava-se de ocupação laboral na Horta da Câmara Municipal de Matosinhos, entidade que estabelece protocolo com o EPSCBM, regressando os reclusos ao estabelecimento no final do horário de trabalho. Para que se possa propor o recluso a esta medida, o mesmo deve ter cumprido, pelo menos, metade da pena e deverá estar prevista uma apreciação próxima para LC. Para além dos critérios referidos, são avaliados a atitude e o comportamento do recluso e a sua evolução no decurso do cumprimento da pena de prisão.

#### **4.1.4. Festa de Natal e a Festa de Natal das crianças**

A **festa de Natal** organizada pelo EP realizou-se no dia 16 de dezembro de 2015. Uma forma de aproximar os reclusos das tradições que se vivem na comunidade e de proporcionar um momento de alegria e comemoração, principalmente para aqueles que vão passar o dia de natal privados de liberdade e da companhia dos seus. O discurso seguinte relata, de forma breve, o dia da festa.

*“ Hoje é dia de festa na prisão. As comemorações de Natal. Faz hoje uma semana que iniciei o estágio, está tudo muito verde, sinto-me, por vezes, deslocada. (...) peço aos colegas que me chamem quando saíssem para a festa de natal da escola. (...) A supervisora acompanhou-nos até lá, estivemos pouco tempo. (...) Estava prevista para as 14 horas a festa de natal do estabelecimento, realizou-se na Capela da CPSM, com a atuação de dois convidados musicais (Luís Portugal e Rui Vilhena) e do grupo Contratempo. O grupo é constituído por cinco elementos, reclusos do Estabelecimento Prisional de Paços Ferreira. A turma de música da CPSM também teve lugar no palco. De forma voluntária, dois reclusos subiram ao palco um deles proclamou um poema original e outro cantou três músicas. Os colegas estavam em êxtase com a atuação, pediam sempre mais: «Canta aquela do recreio». Estava espantada com o cenário, os reclusos começam a chegar e a sala enche-se de vozes e gargalhadas. Os indivíduos começam a procurar os grupos de preferência e começam as brincadeiras entre eles. Estavam contentes, a tarde ia ser diferente de todas as outras. A nível de segurança parecia-me redobrada: um grande número de guardas compunha a sala, estavam distribuídos de forma organizada pelo espaço; um em cada lado das escadas de acesso ao palco, estacados parecendo que só o corpo se mexia para pestanejar e respirar. No meio da sala estava um corredor improvisado. Este era dividido por fitas presas num ferro seguro num pneu cimentado e pintado de fresco. Pelo corredor também se viam os guardas, que procuravam manter a ordem durante as atuações (...). No piso de cima, uma espécie de varanda, estavam os reclusos da unidade livre de drogas com três guardas. Estes reclusos entram e saem depois dos outros e ficam separados*

*para que não haja a mínima possibilidade de existir passagem de algo ilícito entre eles (...)*  
*(Nota de Terreno, 16 de dezembro de 2015).*

A **feira de Natal das Crianças** realizou-se no dia 19 de dezembro de 2015, com o intuito de proporcionar um tempo de partilha, convívio e aproximação entre pais e filhos, atenuando o impacto da ausência dos pais nesta época de festa das famílias. A festa é pensada e organizada pelos voluntários; no entanto, acaba por envolver todos os técnicos e funcionários do estabelecimento. Os reclusos que tivessem interesse em participar teriam de se inscrever e mencionar o número de filhos, a idade e o sexo dos mesmos, para facilitar a organização das prendas. A preparação deste dia passou por embrulhar os mais de 80 presentes, cedidos por uma empresa nacional, que seriam entregues às crianças no dia da festa.

*“(...) A festa aconteceu no refeitório, preparamos as mesas com o lanche para os pais, filhos e acompanhantes. Enquanto uns enchiam os pratos, outros distribuía-mos pelas mesas de forma, mais ou menos, uniforme. Estava previsto um momento de animação musical, pinturas faciais que seriam asseguradas pelos estagiários e a presença do pai natal (recluso) para a distribuição dos presentes. A hora chegou. As crianças começavam a chegar, umas acompanhadas pelas mães, outras pelas avós. Nós, os estagiários, ficamos encarregues de receber as pessoas e encaminhá-las para as mesas, no entanto, a impaciência das crianças era tanta que preferiam esperar pelos pais do lado de fora do refeitório. As reações eram distintas, uns correriam para os braços dos pais, outros não manifestavam qualquer tipo de reação. Não podemos esquecer que a maioria dos reclusos estava com os filhos nas visitas, por isso, existiam encontros menos calorosos e emocionantes. (...) As pinturas faciais foram muito requisitadas, os desenhos no papel de cenário afixado na parede e os desenhos para colorir também tiveram grande adesão. Aponto como momento alto a chegada do pai natal e a entrega dos presentes trazidos pelo mesmo. Todos estes momentos foram partilhados e vividos com os pais. (...) A hora da despedida é sempre a mais difícil. Confesso que tive dificuldade em conter a emoção, são estes momentos que nos fazem vacilar, a emoção fala por nós e não há como contrariar. As crianças abraçadas aos pais sem lhes largar o pescoço; algumas a chorar e sem deixar o pai ir embora (como quem diz, para a cela); o mesmo acontecia com algumas mulheres que não continham as lágrimas e tentavam acalmar os filhos; a mão das crianças que acenavam um adeus desmedido que só parava quando já não avistavam os pais; a imagem do beijo de um pai na testa do filho, dizendo ao mesmo tempo que o amava. Não há como ficar indiferente (...)” (Nota de Terreno, 19 de dezembro de 2015).*

#### 4.1.5. Observação participante e acompanhamento de atividades na CPSM

O estágio foi fortemente marcado pelo contato com a CPSM e os seus internados. Acompanhei o trabalho da terapeuta ocupacional e o projeto de voluntariado com maior frequência, o trabalho desenvolvido pela técnica de psicomotricidade e o projeto “*A gente não esconde emoções*”. Inicialmente o contato com este contexto não foi fácil, pois não sabia o que ia encontrar e o que podia esperar. A adaptação foi lenta mas, como se diz, “*primeiro estranha-se e depois entranha-se*”.

*“ (...) O espaço da clínica assemelhava-se a um cenário de filme, era triste e ao mesmo tempo intimidatório. Não sabia como reagir, caminhava firme e hirta ao lado da supervisora local para não causar muito ruído. A sensação era estranha e constrangedora, não sei se era medo mas era algo muito próximo. As pessoas deambulavam pelo corredor e olhavam-nos com um ar de curiosidade. Uns corriam para nos cumprimentar, outros continuavam nos seus lugares: uns deitados, outros sentados, a fumar, um ou dois de faxina, grupos em conversa ou ficavam apenas estacados com o olhar imóvel. A clínica estava suja e o cheiro era muito característico, o chão estava encardido, havia baldes do lixo espalhados pelo corredor e fundos de bidões de plástico que serviam para colocar as pontas dos cigarros, no entanto, muitas estavam espalhadas pelo chão (...) ” (Nota de Terreno, 10 de dezembro de 2015).*

À medida que o tempo foi passando, as visitas e o contato com a clínica e os internados foi aumentado. O que ao início parecia complexo acabou por se naturalizar e integrou grande parte do meu percurso na instituição.

Deste modo, observei e participei, de forma regular, nas sessões de **ergoterapia** que se realizavam no espaço da Eira. A ergoterapia apresenta-se na lógica de tratamento e de reeducação ativos dos indivíduos com capacidades funcionais diminuídas permitindo, deste modo, melhorar o seu equilíbrio geral. Através das atividades desenvolvidas, os indivíduos adquirem hábitos e rotinas e treinam diferentes competências. Para além de ser um espaço laboral, tem um caráter de socialização e interação entre os vários elementos, permitindo a mediação e resolução de conflitos entre os internados.

O grupo era constituído, em média, por 13 internados e a afluência dependia da vontade dos internados, das condições de saúde e climatéricas. Nos dias de chuva a afluência era menor uma vez que o percurso da clínica até à Eira era feito debaixo de chuva com as capas impermeáveis disponibilizadas. Os internados mantinham-se distribuídos pelos lugares de trabalho, na etiquetagem e acondicionamento dos tubos e

na montagem e empacotamento das molas de roupa. Um dos elementos era mais dinâmico e polivalente e, assim, apresentava-se na linha da frente de todas as tarefas.

A frequência no local permitiu conhecer, mais de perto, os internados e as suas histórias de vida, estreitando e fortalecendo a relação de confiança com os mesmos. Percebi que encontravam ali o escape à pressão do ambiente da clínica, e era para eles uma forma de respirar outro ar e ocupar o tempo de forma diferente. Aliava-se a isto o facto de conseguirem algum dinheiro para os cafés e o tabaco.

Também os **atendimentos** espontâneos que surgiam no gabinete de terapias e os **debates temáticos** organizados pela terapeuta ocupacional fizeram parte do leque de experiências na CPSM. Não se podem classificar como atendimentos num sentido estrito, mas esta parece ser a melhor forma de nomear a situação. Nos momentos em que a terapeuta estava no gabinete havia sempre visitas dos internados, por vezes, apenas, para cumprimentar e dizer um 'bom dia' ou, então, para desabafar, partilhar o dia e as preocupações imediatas, entre outros assuntos que surgiam na altura. No caso dos debates temáticos, estes aconteciam às quintas-feiras à tarde com um grupo de internados, seleccionado pela terapeuta. Os temas surgiam a partir de notícias de jornal (por exemplo, notícia sobre a obesidade) ou na sequência de datas comemorativas (por exemplo, o dia de São João). No debate temático sobre obesidade, a terapeuta começou por ler em voz alta a notícia do jornal e, em seguida, colocou algumas questões para que começasse o debate de ideias. O grupo tinha dificuldades em falar ordenadamente e respeitar a opinião e o tempo de raciocínio dos colegas. Na minha opinião, mais do que se debater o tema, era necessário que se sensibilizasse para a importância do respeito pelo outro e pelo seu tempo de racionalização e partilha.

No que refere às atividades desenvolvidas pela terapeuta de psicomotricidade, tive oportunidade de estar presente no **passeio terapêutico** e na **psicomotricidade em grupo**. O passeio terapêutico realiza-se duas vezes por semana e destina-se a internados idosos e com maior tempo de institucionalização. A visita ao exterior apresenta-se como um momento de descontração, possibilitando o contato com os espaços verdes da quinta. Para além dos estímulos sensoriais que o passeio proporciona, aliam-se alguns objetivos da prática psicomotora como trabalhar o equilíbrio no ato de subir e descer escadas; promover a capacidade de expressão verbal; trabalhar a coordenação dinâmica global (agilidade motora)<sup>10</sup>. Durante o percurso utiliza-se uma bola e, assim, pela via

---

<sup>10</sup> Informação cedida pela terapeuta de psicomotricidade



mais lúdica podem atingir-se mais facilmente os objetivos traçados. A psicomotricidade em grupo é dinamizada uma vez por semana no gabinete de terapia. Sendo o grupo muito heterogêneo, as necessidades psicomotoras trabalhadas associam-se, maioritariamente, a perdas cognitivas como é o caso da memorização.

“ (...) estavam cinco internados na sessão , um deles acabou por sair alegando que não estava com vontade de participar. Não há tempo a perder, os tempos estão todos contados. A terapeuta [de psicomotricidade] começa pelo aquecimento. (...) Alguns participantes sentem dificuldade de coordenação e de identificar o lado esquerdo e direito. A atividade central passou por repetir as sequências de cores apresentadas pela terapeuta. Com papéis de cores diferentes, a terapeuta construía uma sequência de 2,3 e 4 cores mostrando durante alguns segundos de seguida, os internados deveriam ser capazes de reproduzir, de forma autónoma, a mesma sequência. A atividade desenvolvida apelava à memorização, concentração e atenção. Fiquei sensibilizada com o défice cognitivo apresentado pelos participantes, só pensava que era realmente importante fazer-se mais com aquelas pessoas. Enquanto um reproduzia as sequências na perfeição, outros não conseguiam acertar ou então escolhiam as cores certas mas não as posicionavam na ordem correta da sequência. O sr. S. partilhou que ultimamente tem andado muito esquecido e que não se sentia bem com a situação (...)” (Nota de Terreno, 26 de janeiro de 2016).

O grau de autonomia foi aumentando e a prova disso foi a responsabilidade delegada pela supervisora local de acompanhar o **Projeto de Voluntariado da Universidade Católica**. O projeto tinha como objetivo geral a promoção da autoestima através da arte (pintura e teatro), com uma periodicidade semanal. O projeto foi sendo ajustado às necessidades e condições do contexto e foi decidido que este seria apenas desenvolvido na CPSM e apenas com a atividade de pintura, prolongando o horário inicial. Mais do que o objetivo geral traçado, o projeto pretendia proporcionar aos internados momentos de relaxamento e descontração através da arte, promover momentos de satisfação individual, liberdade de escolha nos temas a desenhar e aprendizagem de técnicas de pintura. Como produto final, pretendia-se a elaboração, conjunta, de uma tela de grande dimensão para exposição. O excerto seguinte dá conta da primeira sessão deste projeto.

*“ (...) Ao microfone, que ecoa nos corredores da clínica, o guarda chama cada número e pede para que se dirijam à capela. A porta de acesso à clínica abre, o guarda faz questão de nos acompanhar (...). As poucas vezes e o pouco tempo que estive na clínica já me fizeram habituar ao cheiro a tabaco, ao aspeto pouco limpo do local e à abordagem dos internados à nossa chegada. Não deixo de ficar nervosa, a cada passo parece que o meu coração acelera, um som*

*mais alto é motivo para o “radar” ativar. (...) Depois de todos os participantes chegarem ao local, a supervisora retira-se e deixa-me responsável. Sugiro aos voluntários que se apresentem e peço aos participantes que se apresentem também. Um dos voluntários explica o pretendido: um desenho que os identifique. Ficam um pouco apreensivos, a pensar no que vão passar para aquele papel. O primeiro percalço surge, o internado com talento para a pintura recusa a participar alegando que aqueles materiais não são bons e que um artista só se faz com bons materiais. Traz os seus pincéis no bolso e explica algumas técnicas de pintura. (...) Tento dar a volta à situação e explico que hoje ficaríamos por um desenho mais simples e que aqueles materiais seriam suficientes. (...) O desenho que mais me marcou foi o de internado com os seus 20 anos, no máximo, com um ar muito apático, todo o tempo com o olhar baixo. Pegou num lápis preto e em pouco tempo desenhou um boneco atrás das grades e o seu número interno. Durante a explicação do desenho apenas disse: “Sou eu” (...) ” (Nota de Terreno, 20 de janeiro de 2016).*

O projeto decorreu na normalidade e os objetivos traçados foram atingidos. Ao longo do desenvolvimento do mesmo existiram contratemplos como, por exemplo, o ajuste de horários e de atividades e a mediação de conflitos entre os internados, mas que foram de fácil resolução. A experiência de participar e cooperar neste projeto foi bastante enriquecedora tanto a nível pessoal como profissional, o peso da responsabilidade fazia com que me tornasse cada vez mais autónoma naquele espaço.

Por último, fui convidada pela estagiária afeta à clínica para participar no seu **programa de intervenção “A gente não esconde emoções”**. Aceitei o convite prontamente, depois da validação da supervisora local. As oito sessões decorreram entre março e abril, com uma periodicidade semanal e com duração aproximada de 90 minutos. Os participantes eram indivíduos com o diagnóstico de Esquizofrenia e com interesse em integrar esta atividade. O programa apresentava como objetivos centrais proporcionar um clima de autoconhecimento e de relacionamento interpessoal e induzir emoções de valor positivo (alegria e surpresa) e negativo (tristeza, medo, raiva e aversão) com recurso a estímulos visuais. Mais especificamente: compreender de que forma as emoções influenciam os processos sociais e identificar, expressar e localizar as emoções em termos de valência afetiva (prazer/desprazer) e ressonância interna (ativação/desativação). Todas as sessões compreenderam: a influência de todas as emoções nos processos cognitivo-sociais; a indução de uma emoção específica, sem instrução prévia, com base na seleção de excertos de filmes; a apresentação dessa emoção, com recurso ao instrumento pictórico – *Self-Assessment Manikin* (SAM) que permite a avaliação da valência (figura feliz/prazer *versus* figura infeliz/desprazer) e ativação (figura agitada *versus* relaxada), sendo que maior pontuação corresponde a uma valência positiva e maior ativação;

expressão dessa emoção com recurso à comunicação verbal e não-verbal; e reflexão sobre essa emoção compreendendo a influência da mesma no pensamento e no comportamento<sup>11</sup>.

Ao longo do desenvolvimento das sessões, a minha intervenção foi secundária, pois pretendia respeitar acima de tudo o trabalho realizado pela colega. Deste modo, auxiliei na preparação do espaço e dos materiais, no esclarecimento de dúvidas aos internados e, no momento da reflexão, acabava por dar o ponto de partida ao início da partilha.

#### **4.1.6. Observação das dinâmicas escolares**

*“(...) A vontade movia-me para querer mais. Desta vez, interroguei a supervisora sobre a possibilidade de observar as aulas na escola, queria entender as dinâmicas e as relações pedagógicas e de aprendizagem. Tinha curiosidade em perceber como era a escola no ambiente prisional e como eram as aulas (...)” (Nota de Terreno, 3 de fevereiro de 2016).*

Depois de autorizada a minha presença na escola, a primeira observação foi no dia 17 de fevereiro de 2016, na sala de competências básicas. Nesse mesmo dia, no intervalo da manhã, fui apresentada pela professora responsável ao restante pessoal docente e foi explicado o propósito da minha presença naquele contexto. Durante a minha passagem pela escola tive oportunidade em assistir às aulas de TIC, de música, do 1º ano do ensino secundário e, maioritariamente, de competências básicas e do 2º ano do ensino secundário. Para além do espaço de sala de aula, fui convidada a participar nas comemorações de Natal, da Páscoa, do dia 25 de abril e na festa de final do ano letivo.

Como pude constatar, e de acordo com a partilha dos professores, as condições da escola são frágeis, aliás como todo o EP. As salas são frias, com muita humidade, no inverno os poucos aquecedores não conseguem fazer jus ao frio que se faz sentir. Também se notam grandes fragilidades ao nível dos recursos materiais, os materiais são reaproveitados de uns anos para os outros, independentemente do seu estado de conservação. Os professores referem que os alunos que estiveram noutros estabelecimentos comparam as condições, e a verdade é que “ (...) os materiais novos

---

<sup>11</sup> Informação cedida pela estagiária responsável pelo programa de intervenção.

*(as capas, os cadernos, as canetas, entre outros) são uma ótima forma de incentivar os alunos. Todos os alunos gostam de ter os seus materiais (...) ” (Nota de Terreno, 24 de fevereiro de 2016).*

Em conversa com a professora M., esta refere que sente dificuldade em acompanhar os alunos e prestar-lhes o apoio diferenciado de que necessitam. No caso dos alunos da CPSM, estes apresentam um tempo de tarefa muito limitado e um raciocínio mais lento. A pressão dos colegas prejudica a situação. A mesma refere que “ *(...) os alunos não reconhecem o valor da escola a longo prazo. Não entendem de que modo poderá contribuir para o seu desenvolvimento global (pessoal, social e profissional) e o que lhes pode acrescentar (...) ” (Nota de Terreno, 26 de abril de 2016).* Desta forma, acredita que, na maioria, as “ *(...) pessoas só estão na escola porque estão presas, até aqui nunca precisaram disto e, se assim não fosse, não viam interesse em estar na escola (...) ” (Nota de Terreno, 17 de fevereiro de 2016).*

A dinâmica escolar da prisão é uma extensão da escola extramuros. O excerto seguinte apresenta a observação de uma aula do 2º ano do ensino secundário.

*“(...) Pouco depois das 10.30 horas seguimos para a sala [eu e a professora]. Ao passar pelo recreio os alunos seguem ordeiramente a professora, uns mais rápido do que outros. Tal e qual como numa escola dita ‘normal’, os mais apressados e aqueles a quem custa a desvinculação do recreio. Já na sala de aula, os alunos sentam-se ordeiramente nos seus lugares. Hoje o motivo de distração é a tosse do colega. Todos os dias há um motivo para risos ou comentários. A professora tem de parar o filme e chamar a atenção dos alunos. (...) Os alunos estão sempre atentos à hora de saída, olham para o relógio e avisam que está na hora (...) ”(Nota de Terreno, 25 de fevereiro de 2016).*

Aponto como pontos positivos o empenho e o envolvimento dos professores, que são dedicados e procuram sempre fazer melhor, contrariando as condições do contexto e do sistema. Surpreendeu-me a organização do espaço escolar, mais precisamente das salas de aula: as mesas estavam dispostas em U, o que permite o desenvolvimento de uma relação mais estreita entre professores/alunos e entre os alunos, facilitando a partilha. Também a realização de uma aula de campo, neste contexto, me surpreendeu.

*“(...) Os alunos fizeram uma visita de campo e recolheram materiais para análise no rio Leça. A vigilância deu parecer favorável, não deixando de ser atividade com um peso grande em termos de segurança. Como diz a professora M., os professores estão naturalizados e não lhes passa pela cabeça o que poderá acontecer nestes contextos, é quando a vigilância chega para nos alertar. Nas palavras da supervisora local: «a escola parece realmente uma escola, é a*

*prova de que com persistência tudo se consegue. De há dois anos para cá as coisas mudaram e a escola funciona lindamente» (...) ” (Nota de Terreno, 31 de maio de 2016).*

#### **4.1.7. Projeto “Educação para a Saúde - Cuidados de imagem, higiene pessoal e do espaço”**

O meu projeto de intervenção foi desenhado, desenvolvido e avaliado no âmbito do estágio curricular desenvolvido no EPSCBM. Como referido, este surgiu no seguimento da proposta da supervisora local para intervir junto dos internados da CPSM.

##### **4.1.7.1. Conceptualização teórica e metodológica**

O projeto é um processo consciente e racional, que deve estar integrado numa intervenção holística do mundo e uma cada vez maior intervenção de sentido globalizante, propondo a organização da acção numa conduta estratégica, conduzida pela intencionalidade e dominada pela capacidade de prever e antecipar (Carvalho & Diogo, 1996:8).

Deste modo, o projeto pode ser comparado a uma ‘ponte’ que traduz a ligação entre um grupo ou comunidade, onde se procura estabelecer uma relação o mais próxima possível do quotidiano dos indivíduos. Um projeto desenvolvido, neste caso, no âmbito das Ciências da Educação não prevê resultados garantidos à partida mas em constante transformação. Um projeto é sempre uma abertura para mais projetos (Lima, 2003).

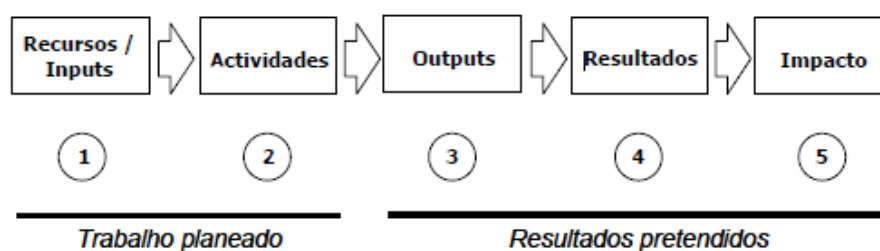
Considerando que não há uma ‘receita’ estanque a seguir, deve ter-se em conta que existem “*alguns princípios que a noção de projecto deverá considerar e que serão estruturantes do seu desenvolvimento*” (Carvalho & Diogo, 1996:55). Posto isto, um projeto deve concluir um conjunto de ações que se pretendem claras e que sejam capazes de responder ao seguinte: “*O quê? Que tipo de organização? Que actividades? (...); Porquê? Que resultados esperamos?; Com quê? Que recursos podemos mobilizar? (...); Quando? Calendarização; Que resultados esperamos? Quais os indicadores que nos propomos observar*” (Carvalho & Diogo, 1996: 62).

Ao pensar-se no projeto é inevitável que se pense na avaliação. A avaliação é um termo elástico que se encaixa em diversas realidades como a saúde, trabalho e educação, entre outros (Monteiro, 2000). A fase de avaliação é um momento crucial para que, depois de conhecida a realidade, se possa superá-la. Desde logo, é necessário investir um certo tempo na análise da realidade, analisando e identificando os diferentes padrões a partir dos quais será pensado e desenvolvido o projeto (Cembranos et al, 1988). Mais do que uma fase, a avaliação deverá ser permanente e permitir uma retroação contínua e constante, assente no acompanhamento e reflexão crítica.

De acordo com Stufflebeam et al (cit in Monteiro, 1996: 138), a avaliação caracteriza-se como

(...) o processo de identificar, obter e proporcionar informação útil e descritiva acerca do valor e mérito das metas, a planificação, a realização e o impacto de um objecto determinado, com o fim de servir de guia para a tomada de decisões, para solucionar os problemas de responsabilidade e promover a compreensão dos fenómenos.

De um modo geral, o modelo de avaliação do projeto apresentado será um modelo processo-produto. A figura seguinte sintetiza, grosso modo, o modelo de avaliação a seguir, que apresenta os componentes do modelo lógico adaptado da Kellogg Foundation (cit in Barata et al., 2012: 52).



**Figura 2:** Componentes do Modelo Lógico

Assim, a avaliação do projeto incidirá sobre a análise e descrição da forma como este foi executado, apurando se se desenvolveu como previsto ou, pelo menos, adequadamente, e verificará os resultados obtidos. Mais detalhadamente, a avaliação do processo acompanha o modo de ação, apreciando as estratégias adoptadas e o modo de operacionalização, quer no seu modo mais geral como nos aspectos mais peculiares (Monteiro, 2000). A avaliação do produto incide sobre os resultados obtidos, isto é,

espera perceber o que mudou em consequência dos objetivos estabelecidos à *priori* (Pereira, 2010).

Como mencionado, é necessário que se invista um tempo de análise do terreno para que a partir dessa base se possa passar à próxima etapa. Assim, o ponto que se segue dá conta dos problemas identificados e necessidades associadas.

#### **4.1.7.2. Problemas e necessidades**

Através do contacto mais direto com o espaço físico da CPSM e com as pessoas que cumprem medida de internamento no local e, ainda, tendo por base as conversas informais e a troca de impressões com a terapeuta ocupacional foi possível obter o seguinte diagnóstico.

**Problema 1:** Reduzida higiene e cuidado com a imagem por parte de alguns internados.

**Necessidades:** Sensibilização para a importância dos cuidados de higiene e imagem; Promoção da autoestima dos indivíduos.

**Problema 2:** Falha na limpeza e preservação do espaço físico da CPSM.

**Necessidades:** Ativação do sentimento de pertença ao espaço da CPSM; Sensibilização para a importância da preservação e limpeza do espaço para usufruir de um ambiente mais harmonioso.

Depois de encontrados os problemas e as necessidades a eles associados, surge o momento de definir as linhas orientadoras que antecedem a operacionalização do projeto.

#### **4.1.7.3. Desenho do projeto**

A finalidade de um projeto expressa a essência desse projeto, a quem se dirige e quais os resultados que pretendem alcançar. Deste modo, de acordo com o explanado, emerge a finalidade do projeto: **Promover o bem-estar e qualidade de vida dos internados da CPSM, melhorando os seus cuidados de saúde.**

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (1987), a saúde é entendida como um estado dinâmico de completo bem-estar físico, mental, social e espiritual e não apenas como ausência de doença. Com isto entende-se que a promoção de saúde se estenderá a todos os âmbitos da vida dos indivíduos, sendo que estão diretamente relacionados com a determinação de uma vida saudável e com qualidade.

As atitudes e comportamentos relacionados com a saúde são influenciados pela família e pelo grupo de pares. Com efeito, é importante que se trabalhe com as pessoas a partir do seu leque de experiências e de significados, facilitando assim a aquisição de novos conhecimentos e a adaptação ao seu mundo real (Antunes, 2008). Deve apostar-se na criação de uma política de oportunidades que permita às pessoas *“adquirirem competências e informações que permitam promover o equilíbrio e o bem-estar”* (Antunes, 2008:26). Educar para a saúde prevê que se crie no indivíduo um conjunto de competências que lhes permita fazer escolhas responsáveis *“com vista à preservação, melhoria e conservação do seu nível de saúde”* (Andrade cit. in Antunes, 2008:60). De acordo com Carvalho & Carvalho (2006:52), *“o objetivo final da Educação para a Saúde será facilitar a aquisição de comportamentos saudáveis (...). Sem um planeamento prévio da intervenção educativa não existe qualquer garantia de êxito”*. Não é tarefa fácil moldar comportamentos e estilos de vida, sendo necessário um trabalho contínuo para que as pessoas compreendam, aceitem e incluam os novos conhecimentos às suas significações (Antunes, 2008).

Com este projeto pretendia-se a promoção de espaços e momentos que promovessem o debate, a reflexão e a consciência críticas sobre a importância dos cuidados de imagem, de higiene pessoal e do espaço na manutenção da saúde.

Depois de definida a finalidade foi chegado o momento de definir os objetivos gerais e os objetivos específicos do projeto. Os objetivos gerais são os propósitos mais amplos que definem o quadro de referência do projeto (Espinoza cit. in Serrano, 2008:45) e os objetivos específicos são mais precisos do que os objetivos gerais, identificando de forma mais precisa aquilo que se pretende alcançar com o desenvolvimento do projeto (Serrano, 2008:46).

**Objetivo Geral 1:** Promover a melhoria das práticas de higiene e cuidado dos indivíduos.

Os indivíduos devem ser capazes de:

**Objetivo específico 1.1:** Aumentar a autoestima e a autoconfiança;



**Objetivo específico 1.2:** Otimizar as competências básicas de higienização e cuidado;

**Objetivo específico 1.3:** Mobilizar os conhecimentos adquiridos nas práticas diárias de higiene pessoal e cuidados de imagem.

**Objetivo geral 2:** Promover a consciencialização dos indivíduos para a importância das práticas de limpeza e preservação do espaço.

As pessoas devem ser capazes de:

**Objetivo específico 2.1:** Identificar boas práticas de preservação e higiene;

**Objetivo específico 2.2:** Valorizar o espaço em que vivem e que partilham;

**Objetivo específico 2.3:** Reconhecer a importância da organização, limpeza e desinfeção do espaço;

**Objetivo específico 2.4:** Respeitar o seu espaço e o do outro;

**Objetivo específico 2.5:** Mobilizar os conhecimentos adquiridos para as práticas diárias de preservação e limpeza do espaço.

Encontrados os objetivos a alcançar, era necessário decidir a forma como estes seriam trabalhados. De acordo com Freire (1997), a estratégia define o caminho e os meios escolhidos para alcançar os objetivos e assenta na gestão dos recursos existentes e utilizáveis. Chegou a ocasião de definir as estratégias que se traduziram em exercícios de dinâmicas de grupo, grupo de discussão e reflexão, atividades de expressão plástica e exposição de alguns conceitos básicos e imagens elucidativas sobre cuidados de imagem, higiene pessoal e do espaço.

Os exercícios de dinâmicas de grupo assumem-se como uma estratégia e uma terapia de grupo, capaz de oferecer ao indivíduo um espaço de partilha de sentimentos, vivências e problemas de acordo com a temática a explorar e/ou as emergentes. Tal como a estratégia anterior, o grupo de discussão e reflexão é uma atividade grupal que possibilita que se crie entre as pessoas um clima de liberdade de expressão e de criação de ligações interpessoais. As atividades de expressão plástica permitem o treino da criatividade e da motricidade fina dos indivíduos, neste caso com o objetivo de consolidar o que foi tratado nas sessões anteriores e obter um produto final do projeto (cartazes para exposição). Por fim, a exposição de alguns conceitos básicos e imagens ilustrativas sobre cuidados de imagem, higiene pessoal e do espaço foi pensada para que fosse mais simples e realista o debate, a reflexão e a compreensão sobre a temática.

Tendo subjacentes as estratégias, os objetivos e as necessidades encontradas surgiu o momento de delinear sessões que se espera provocar alguma transformação. O projeto dividiu-se em seis sessões a realizar na sala de terapia da CPSM com uma periodicidade semanal. O horário que pareceu mais adequado foi das 14 às 15 horas, podendo ser ajustado caso se justificasse. A calendarização das sessões tinha como datas previstas as seguintes, também estas ajustáveis: 25 de fevereiro; 3 de março; 10 de março; 17 de março; 24 de março; 31 de março.

Em conversa com a Terapeuta Ocupacional, chegou-se à conclusão que o grupo de participantes não poderia ser muito grande para facilitar a organização e dinamização do mesmo. Não foram delineados critérios de inclusão e/ou exclusão, apenas se considerou a disponibilidade dos internados e a pertinência das sessões para os mesmos. Deste modo, o grupo proposto pela profissional foi de oito elementos, com a condição de funcionar em regime fechado, não sendo possível a entrada de novos elementos para que se proporcionasse um maior envolvimento e coesão grupal. A caracterização dos participantes deste projeto foi baseada nas informações recolhidas nos processos individuais de cada internado, disponíveis para consulta na secção de reclusos. Os participantes têm idades compreendidas entre os 29 e os 50 anos de idade e, no que respeita à escolaridade, um dos participantes não tem habilitações, um tem o 1º ano não sabendo ler nem escrever, três têm o 4ºano, um tem o 5ºano e dois têm o 7ºano. Os relatórios de cada internado apontam para diagnósticos clínicos variáveis entre psicose esquizofrénica paranoide; psicose esquizofreniforme (em defeito sociopático da personalidade) e toxicofilia múltipla; atraso mental e constante instabilidade cortical (disfunções comportamentais e emocionais); psicose em processo de deterioração cognitiva e debilidade ligeira; debilidade mental moderada; debilidade mental; deficiência mental ligeira/ moderada (estrutura limite de personalidade com índices de desintegração social profundos e com incursões psicóticas); esquizofrenia paranóide com deterioração cognitiva.

#### **4.1.7.4. Sessões**

As sessões previstas foram planificadas com detalhe desde a recepção dos participantes, o tempo previsto para cada atividade, o material necessário, os objetivos e o desenvolvimento das atividades (Apêndice I). Para a utilização do espelho de rosto na sessão 2, foi necessário o pedido de autorização para a entrada do mesmo (Apêndice II)

No decurso do desenvolvimento do projeto era desejado que se analisassem e avaliassem as seis sessões, verificando mudanças e/ou ajustes e se estavam em concordância com os objetivos propostos. O sucesso e a qualidade de uma avaliação estão dependentes da escolha e utilização de indicadores apropriados e técnicas de recolha diversificadas. Neste caso, os indicadores definidos são transversais a todas as sessões, sendo estes: o número de participantes, o envolvimento dos participantes, a satisfação dos participantes, a capacidade de reflexão sobre os assuntos e práticas e, por fim, a adequação e pertinência dos conteúdos das sessões. Apraz-me ainda mencionar que, *“a função do avaliador não é uma tarefa fácil e é exigente em relação ao conhecimento do processo em si. (...)”* (Rodrigues, 1994:88). Posto isto, foram utilizadas diversas técnicas e instrumentos de avaliação, nomeadamente: a observação e escuta participante das diferentes interações estabelecidas, o registo das atividades, as conversas intencionais durante as atividades, a análise dos discursos dos vários atores sociais e os cartões de avaliação ilustrados.

#### **4.1.7.5. Desenvolvimento do projeto e avaliação do processo**

Este momento será dedicado à reflexão referente às seis sessões do projeto e respetivas atividades. Tornou-se essencial ao longo do processo avançar com acertos necessários, tomar opções e lidar com improvisos, registando toda a informação pertinente para avaliar o desenvolvimento do projeto. As opções e os improvisos que surgiram ficaram marcados pelo desenvolvimento de temáticas que emergiram no decorrer das sessões, a mediação de conflitos entre participantes e o ajuste dos tempos previstos para cada atividade.

Neste sentido, no progresso das atividades foram criadas formas e momentos que permitiram avaliar o seu desenvolvimento, verificando a concordância com o que foi planeado e de como foram ao encontro dos objetivos estabelecidos.

Para que os possíveis participantes tivessem conhecimento do projeto, foram chamados à sala de terapia, foi-lhes explicado de forma sucinta o que estava previsto e qual poderia ser o interesse dos mesmos em participar. Estes mostraram-se desde logo recetivos e entusiasmados, no entanto, reticentes sobre o tempo que lhes poderia ocupar.

Como denominador comum a todas as sessões esteve a dificuldade de dar início às sessões à hora marcada devido ao modo de funcionamento do EP, em particular, da

CPSM. Relativamente aos conteúdos abordados, estes mostraram-se pertinentes e suficientes; no entanto, o tempo mostrou-se limitado para explorar da melhor forma os conteúdos programados e, ainda, aqueles que iam surgindo naturalmente no decurso das sessões.

### **Sessão 1**

A primeira sessão decorreu no dia 25 de fevereiro de 2016, na data prevista, um pouco depois das 14 horas, hora marcada para o início. A participação foi de 8 internados. Esta sessão visava de um modo mais global o cumprimento dos objetivos gerais 1 e 2 e respetivos objetivos específicos.

O início da sessão foi um pouco atribulado e moroso. A terapeuta ligou ao guarda da portaria pedindo que fossem chamados os participantes do projeto à sala de terapia, ditando os números internos dos mesmos. Alguns dos participantes já estavam à porta do gabinete, mesmo antes da chamada do guarda. Pedi que esperassem para que pudessemos começar com todos. Enquanto esperava preparei a sala com as cadeiras dispostas em meia-lua e afixei o papel de cenário na parede. Os participantes que esperavam à porta do gabinete começam a ficar impacientes. Convido-os a entrar e a sentarem-se nos lugares que preferirem. Apercebo-me que estão um pouco irritados e que comentam que se o X participar (ainda não tinha chegado) eles vão embora, alegando que o X só virá para armar confusão. Tento tranquilizá-los e reforçar a ideia de que não há motivos para que haja qualquer confusão e que todos devemos trabalhar para que tudo corra bem.

A sessão só começou às 14 horas e 20 minutos, quando todos já estão sentados prontos para o início, um dos participantes começa a acusar algum *stress* e diz que está muito barulho (quando estão todos em silêncio) e que não quer ficar. A terapeuta intervém no momento e consegue contornar a situação com alguma facilidade, demovendo a ideia do participante ir embora. A terapeuta pede-me licença para dar uma palavra aos participantes, explicando a importância do projeto e pede que estes se lembrem do contrato terapêutico que assinaram onde assumiram respeitar as regras de comportamento e de respeito pelo outro. Aquando da intervenção da terapeuta, tento ser o mais objetiva possível, começo por dar as boas vindas a todos e corroboro o que foi dito pela terapeuta, acrescentando o cumprimento da hora marcada, sem entradas ou saídas a meio das sessões. Coloco-os à vontade e sublinho o carácter não obrigatório das sessões mas que era importante que estivessem presentes quanto mais não fosse para passarem um tempo diferente. Exponho a periodicidade e durabilidade das sessões,

sendo que decorrerão ao longo de 6 semanas (1 sessão por semana) das 14h às 15h. Peço que sempre que se lembrem do dia esperem à porta do gabinete para que não haja atrasos e se possa começar e acabar à hora prevista. No decorrer dos esclarecimentos todos acenam positivamente com as cabeças.

Começamos o exercício de dinâmica de grupo intitulado “*O novelo*”. Explico o pretendido. Entrego a ponta do novelo a um participante aleatório. Este apresenta-se, dizendo o seu nome completo, a idade e o que gosta de fazer. Todos mantêm o mesmo registo do nome completo, idade e gostos. Os gostos são variados, como demonstram os discursos dos participantes: “*Eu gosto de passear e trabalhar aqui na cozinha*”, “*Gostava de chegar lá fora, quando estiver em liberdade, e trabalhar como sapateiro. Aprendi com o meu pai*”, “*Eu gosto da boa vida, igual a que tinha lá fora*”, “*Gosto dos meus amigos*”, “*Gostava que houvesse mais convívio aqui dentro*”. Eu e a terapeuta também participamos, faz sentido estarmos envolvidas na atividade para que se sintam à vontade. Dois participantes com mais dificuldade motora e de coordenação têm dificuldade em segurar o fio do novelo e passar para outro participante, a terapeuta auxilia enquanto eu continuo a dinamizar a sessão.

Concluída a apresentação de todos passamos à segunda parte da sessão. Antes de mais pergunto se todos sabem ler, dois participantes colocam o dedo no ar dizendo que não sabem ler e um responde “*mais ou menos*”. Neste sentido, digo para não se preocuparem porque à medida que vou escrevendo vou lendo em voz alta para que todos possam acompanhar aquilo que está a acontecer. Peço que pensem nos cuidados de higiene, imagem e do espaço para que, posteriormente, as ideias sejam escritas no papel de cenário afixado na parede. Para que o exercício aconteça de forma organizada peço que comece um dos participantes, sentado numa das pontas da meia-lua. Tento que sejam ordenados, fale um de cada vez e que sigam a ordem pela qual iniciamos. À medida que vou escrevendo o que é dito vou repetindo em voz alta para que todos possam acompanhar. Peço, ainda, que distingam os cuidados de higiene e de imagem da preservação e limpeza do espaço para organizar no papel cenário. Neste momento, a estagiária afeta à clinica bate à porta e pergunta se pode assistir. Uso o momento para, de forma assertiva, lhes inculcar o sentido de compromisso e responsabilidade, aproveitando o facto de a estagiária ter entrado a meio da sessão comentando “*a doutora não está a cumprir as regras porque entrou a meio da sessão*”. Retomando, fiquei surpreendida com a participação empolgada de todos, sem exceção, chegando ao

ponto de ser difícil acompanhar a escrita com a exposição de ideias. A tabela seguinte apresenta as ideias que surgiram na partilha.

Cuidados de higiene e imagem	Preservação e limpeza do espaço
Tomar banho	Lavar a loiça; Limpar o micro-ondas
Lavar a roupa; Ter roupa limpa	Mudar os sacos de lixo
Shampoo; Sabonete	Fazer a cama; Mudar os lençóis
Lavar os dentes; escova de dentes	Limpar a casa de banho; a cela; o pó
Cortar, Limpar e Limar as unhas	Não deitar pontas de cigarro ao chão
Lavar a cara e as mãos	Esfregar o chão
Cortar a barba e o cabelo	Limpar os azulejos
Usar desodorizante e gel	Lavar e pintar as paredes

**Tabela 1-** Ideias sobre cuidados de imagem, higiene pessoal e do espaço

Quando falam do uso do desodorizante e do gel, eu menciono o uso do perfume. Explicam-me que é proibido usar perfume e desodorizante em *spray*, referem ainda que não podem usar gorro, cachecol e luvas. Posto isto, digo “*Então pronto, se não podem usar perfume usem desodorizante (risos)*”. Todos animados respondem: “*Eu tenho!*”, “*Eu tenho, comprei no bar!*”. Quando surge a ideia de lavar a roupa, aproveito para elucidar que também se deve ter cuidado com o calçado, podendo algum dele ser lavado ou então colocado a apanhar ar, dando um exemplo pessoal: “*Olhem, por exemplo, estes sapatos não dão para lavar então quando chego a casa coloco-os a apanhar ar por causa dos odores*”, todos se riem e perguntam: “*Está a falar a sério, doutora?*”.

Quase no final perguntam as horas, digo que faltam uns minutos para acabar, está quase no fim. “*Esta já é a 1ª sessão, no total são 6 por isso faltam 5. Para a semana aqui vos espero*”. Depois de ler novamente as ideias partilhadas, pergunto se há mais ideias ou se já está tudo dito. Os participantes dizem que o quadro está perfeito e completo, alegando que agora tudo que se lembram são ideias repetidas das que já estão no papel de cenário.

Chegou a fase de avaliação da sessão, distribuo os cartões por todos os participantes. Mostro um a um e explico o significado. Digo que devem escolher e mostrar um que caracterize a sessão para que possa tomar nota. Àqueles que têm mais dúvidas, explico novamente o significado de cada cartão mas individualmente. Desta forma, os cartões apuraram a satisfação imediata dos participantes que se traduziu em 4 “*gostei*” e 4 “*achei divertido*”.

No final da sessão, os participantes continuam sentados, parece que já não estão com pressa de sair. Digo que já estão dispensados e que se quiserem podem sair. Lentamente e sem pressas vão saindo cumprimentando-me com um aperto de mão.

No início da sessão, após a sua intervenção, a terapeuta teve de sair. Quando chegou, já no final, pede-me desculpa dizendo que tinha assuntos importantes para resolver que não podiam esperar. Passados alguns minutos, enquanto troco algumas impressões sobre o desenvolvimento da sessão com a terapeuta, batem à porta do gabinete. Abro a porta, eram dois participantes e perguntam: “*Doutora, quantas sessões faltam?*”. Respondo que faltam cinco, “*são todas as quintas-feiras do mês de março*”. A meu ver esta atitude revela preocupação e vontade de continuar no projeto até ao final.

## **Sessão 2**

Como previsto, a segunda sessão realizou-se no dia 3 de março de 2016, não exatamente às 14 horas como definido. A participação foi de 7 em 8 internados participantes. Um dos participantes desistiu pelo facto de se ter inscrito no ginásio e o horário coincidir. O plano geral da sessão apontava para o cumprimento do objetivo geral 1 e respetivo objetivo específico 1.1.

Cheguei à portaria da CPSM uns dez minutos antes das 14 horas para que pudesse organizar a sala e pedir atempadamente ao guarda que chamasse os participantes, assim esperando iniciar à hora marcada. Porém, com alguma ansiedade, tive de esperar que a terapeuta chegasse porque não tinha autonomia para ir sozinha para o gabinete. Quando esta chegou, dirigimo-nos para o gabinete, comecei por cumprimentar os participantes que já estavam à porta como tinha sido combinado e entrei para organizar o espaço, enquanto a terapeuta ligava para o guarda a pedir que este procedesse à chamada. Depois de colocar as cadeiras em meia-lua e uma mesa de apoio ao lado da secretária, convidei os participantes a entrar e esperámos que os restantes chegassem.

Estando tudo pronto para o início, questionei os participantes sobre como tinha corrido a semana e se estavam com vontade de começarmos o ‘trabalho’. O planeamento da sessão iniciou-se com a fase de aquecimento, durante cinco minutos, colocando o grupo à vontade para o que se segue. O aquecimento correu na normalidade, no entanto algumas pessoas tiveram dificuldade em aceitar as indicações dadas e dois dos participantes disseram que não podiam andar: “*tenho problemas nas*

*pernas*". A terapeuta teve a ideia de ligar o rádio e a música ajudou a soltarem-se e a ficarem mais motivados. Não houve dificuldade em cumprimentar o colega do lado, em espreguiçar e fechar os olhos. Quando me pareceu que o grupo já estava aquecido passamos para o exercício de dinâmica de grupo "*O espelho*".

Na mesa de apoio coloquei a caixa que tinha dentro o espelho, a curiosidade era enorme e a tentativa de descobrir o que estava dentro da caixa era permanente. Antes de começar a explicar perguntei quem gostaria de ser o primeiro a sentar-se na mesa em frente a caixa. Estavam todos apreensivos, para além de terem muita curiosidade em ver o que estava dentro da caixa nenhum tinha coragem de se voluntariar. Então sugeri um dos participantes que estava sentado numa das pontas da meia-lua para ser o primeiro. Não recorri ao excerto do texto de motivação previsto no planeamento da sessão, fui apenas dando algumas indicações daquilo que podiam encontrar dentro de caixa e do que podiam expor aos colegas. Por exemplo, "*não podem dizer o que estão a ver*", "*prestem muita atenção aquilo que vão ver dentro desta caixa*", "*vão gostar muito*", "*já há algum tempo que não dão atenção a essa pessoa, aproveitem agora*", "*podem dizer algumas características e aquilo que gostavam mudar*", "*o que mais gostam*".

O exercício de dinâmica de grupo foi bastante emotivo e despertou as mais variadas reações; não esperava que pudesse estimular daquela forma os participantes. Inicialmente a reação dos participantes foi muito similar ao abrir a caixa e encarar o reflexo da sua imagem no espelho. Naturalmente ficaram surpreendidos e esboçaram um sorriso no rosto mesmo que timidamente, houve os que se emocionaram e os que se sentiram mais tímidos para participar. Os participantes, à medida que iam olhando para o interior da caixa, iam proferindo os seguintes discursos: "*Eu gosto desta pessoa*", "*É muito boa pessoa*", "*Esta pessoa tem a cabeça muito grande*", "*Tem a cabeça torta*", "*A pessoa que estou a ver gosta muito dos seus amigos e gosta de ajudar*", "*Já teve melhores dias*", "*A cara está velha, antes era mais bonito*" (ao mesmo tempo que passa a mão pelo rosto), "*Gostava de ter outras roupas*", "*Só quero cumprir a minha pena e sair daqui*", "*Esta pessoa tem de cortar o cabelo e a barba*". Outros discursos encobertos pela timidez e nitidamente entristecidos, "*Não gosto do que vejo*", "*A cara está gorda*", "*Esta pessoa precisa de ter mais autoestima e mais força*". O último participante acaba mesmo por se emocionar e chorar. Primeiro, olha muito atentamente para o espelho, arregalando os olhos dizendo "*gosto dos olhos, são bonitos*". Eu intervenho dizendo "*essa pessoa tem olhos cor de avelã e umas pestanas muito grandes*". O participante ri-se muito, "*Cor de avelã?*". "*Eu tenho os olhos cor de*



*avelã*”. Depois disto, emociona-se falando do seu percurso ligado às drogas e à mendicidade, lembra-se da morte do irmão e que agora só o pode visitar num sítio, quando vai de precária quer muito estar com ele e levar-lhe flores.

Depois de todos terem feito o exercício, passamos à partilha em grupo sobre aquilo que foi sentido. Os participantes estavam todos radiantes e surpreendidos dizendo “*Não acredito que a doutora nos fez isto*”, “*Não estava nada a espera de ver a minha cara*”, “*Foi bom, já há muito tempo que não olhava assim para mim durante tanto tempo*”. Durante a partilha, um dos participantes está a chorar e não quer dizer o motivo; tento que o grupo não fique afetado com o estado do colega. Para finalizar, passo o espelho por todos para que possam olhar novamente para o seu reflexo.

De salientar que durante o exercício de dinâmica de grupo, os participantes tiveram dificuldade em se concentrar para ouvir os colegas e respeitar o seu tempo de partilha. Houve momentos que tive de interromper o raciocínio do participante que estava em frente ao espelho para sensibilizar o grupo da importância do respeito pelos colegas enquanto estão naquele lugar, lembrando-os se querem falar devem esperar pela sua vez. Chegada a fase de avaliação da sessão, faço a distribuição dos cartões por todos os participantes. Explico novamente o significado de cada um e peço que escolham aquele que caracteriza a sessão e mostrem para que possa tomar nota. Nesta sessão, 4 participantes atribuíram o cartão “*gostei*”, 2 “*achei divertido*” e 1 “*não entendi*”. No final, já no momento em que os participantes estavam de saída, o participante que atribuiu o cartão “*não entendi*” à sessão esclareceu que no momento de escolher os cartões ficou confuso mas que tinha gostado muito da sessão. Quando todos os participantes saíram, aquele que se emocionou no final ficou a explicar o motivo daquela reação, explica que pensou na mãe que tinha falecido e que na altura não o deixaram ir ao funeral, é uma mágoa que carrega com ele.

### **Sessão 3**

A terceira sessão aconteceu no 10 de março de 2016, pouco tempo depois da hora prevista. A participação foi de 7 em 8 internados participantes. A planificação da sessão presumia o cumprimento do objetivo geral 1 e respetivos objetivos específicos 1.1 e 1.2.

Quando chego à clínica a terapeuta já está no gabinete e reparo que quatro participantes já se encontram à porta à espera do início da sessão. Depois de colocar no

gabinete o material que trago, necessário para o desenvolvimento da sessão, volto à portaria e peço ao guarda que chame os participantes, ditando-lhe o número interno dos mesmos. Enquanto esperamos para que o grupo fique completo, peço a um dos participantes que está à porta que entre e me ajude a preparar a sala, dispondo as cadeiras nos lugares pretendidos. Recebo o grupo à porta, cumprimentando e perguntando se está tudo bem. Quando se dirigem para as cadeiras começam os desentendimentos porque querem ficar sentados à beira do aquecedor. Explico que não há lugares marcados e que os lugares não são um problema a discutir.

Sinto o grupo muito agitado, resistente e sem vontade de ali estar. Um dos participantes está até contrariado, e pergunto se quer sair. Menciono, mais uma vez, a não obrigatoriedade das sessões. A terapeuta ajuda a que o grupo fique mais calmo. Pergunto como correu a semana e se ainda se lembram do que falamos na sessão anterior. Tento que fale um de cada vez. As respostas dividem-se entre correu bem e menos bem, como se verifica nos seguintes discursos: *“Correu bem a semana, fiz uma boa exibição nos jogos”, “Não vou ter precária”, “Meti-me num sarilho mas não quero partilhar”, “Fugi na última precária, agora não sei quando vou ter outra”, “Correu como sempre, tudo igual”*. Além desta partilha, todos se lembram do que tratamos na última sessão e vão partilhando o que se lembram.

Depois deste momento, distribuo por todos as diferentes ‘caras’ (contente, triste, assim-assim) e peço que escolham a ‘cara’ que os caracteriza naquele momento e que devem explicar o motivo. Espera-se, ainda, que se apresentem soluções para as ‘caras’ tristes ou assim-assim. A terapeuta ajuda, individualmente, aqueles que têm maior dificuldade em identificar as expressões. Assim, depois de escolhidas as ‘caras’, conclui-se que um dos participantes está feliz, dois sentem-se tristes, três deles assim-assim e, por fim, um dos participantes experimenta a sensação de triste e contente em simultâneo. Os seguintes discursos proferidos pelos internados corroboram os sentimentos escolhidos: *“Estou triste porque estou cansado e aborrecido com o trabalho na cozinha”, “Ainda tenho muito tempo para aqui estar: não consigo estar contente”, “Escolhi esta ‘cara’ assim-assim porque não sei o que vem daqui para a frente”, “Estou contente porque gosto de estar aqui com vocês mas queria ir para lá para fora”*.

Passando ao exercício de dinâmica de grupo intitulado *“Como vejo o outro”*, explico de forma clara o que se pretende. O exercício foi pensado para que as pessoas pensem nas diferenças existentes entre o *“eu”* e o outro, consigam valorizar essas

diferenças e se criem oportunidades de incentivo à mudança. Peço que os participantes se juntem dois a dois. No entanto, como estavam 7 participantes teve de se fazer um grupo com três elementos. Peço que olhem para o colega da frente e pensem num aspeto positivo e noutro a melhorar em relação à imagem e/ou comportamento. Os participantes mostram alguma resistência e estabelecem pouco ou nenhum contacto ocular entre eles. Em conjunto com a terapeuta, tento moldar estes comportamentos e fazer com que as pessoas se aproximem mais dos seus colegas de exercício. Depois de dar algum tempo para a reflexão, abro a conversa ao grande grupo; deste modo, cada par partilha a sua opinião sobre o outro. Seguem alguns conselhos que foram dados pelos participantes: *“Acho que deve cortar a barba”, “O cabelo está muito grande”, “A roupa está limpa e traz casaco; hoje está frio”, “ Deves ter mais calma nos corredores”, “Essa casaca está muito velha: devias mudar”, “Acho que devias emagrecer”, “Hoje a tua barba está bem, devias andar sempre assim”, “O X ajuda-nos sempre, isso é um bom comportamento”, “As tuas sapatilhas estão rotas”, “Ele é bonito”*. No final, os participantes dizem que não é fácil olhar para os colegas e falar sobre eles e dizem: *“Ele pode ficar zangado comigo”, “Não podemos dizer tudo”*. Com isto, esclareço que é importante olharmos para os outros e dar conselhos sobre a sua imagem e o modo como se comportam, no entanto, podemos dizer as coisas de maneira a que o outro não se sinta ofendido e magoado. Dar um conselho nesse sentido é a forma que temos de ajudar os colegas a pensar na mudança que devem procurar.

Uma das situações que mais desorientou o grupo nesta sessão foi a interrupção dos guardas, pelo menos três vezes, que vieram chamar um dos participantes argumentando que tinham de resolver um assunto importante. Enquanto estagiária senti que o meu trabalho não estava a ser respeitado e, aliás, não me pareceu que o assunto tenha sido tão urgente que não pudesse esperar até ao final da sessão. Com a entrada e saída do participante houve uma quebra no seguimento do exercício e no raciocínio dos internados.

No momento da avaliação da sessão, como habitualmente, faço a distribuição dos cartões por todos os participantes. Explico rapidamente o significado de cada um, pois já estão familiarizados com os cartões, e peço que escolham aquele que caracteriza a sessão e mostrem para que possa tomar nota. Nesta avaliação, 5 participantes atribuíram à sessão o cartão *“achei divertido”*, 1 participante escolheu o cartão *“achei chato”* pelo facto de ter sido interrompido pelos guardas e, por fim, 1 dos participantes

avaliou a sessão com o cartão “*não gostei*” alegando que sentiu que não foi respeitado pelos colegas.

#### **Sessão 4**

A sessão 4 ocorreu no dia 17 de março de 2016, mais uma vez, um pouco depois das 14 horas. A participação foi de 5 em 8 internados participantes. O grupo inicial era de 8 internados participantes, sendo que um desistiu depois da primeira sessão para frequentar o ginásio, um deles saiu em liberdade esta semana e o terceiro em falta antes de iniciar a sessão veio avisar que hoje não podia estar presente porque estava a trabalhar. Para esta sessão pretendia-se o cumprimento do objetivo geral 1 e respetivo objetivo específico 1.2.

Quando chego ao gabinete com a terapeuta estão dois participantes à porta à nossa espera. Preparo a sala com as cadeiras e mesa que vai ser necessária para a atividade, enquanto isso a terapeuta liga para o guarda da portaria a pedir que chame os participantes à sala de terapia. Os participantes são recebidos na sala e convidados a sentar-se. Pediu-se que se lembrassem daquilo que foi feito na 1ª sessão, que tinha acontecido há 3 semanas. Depois de terem surgido algumas ideias em relação à 1ª sessão, mostro o papel de cenário que resultou do trabalho desenvolvido nesse dia.

Para que as pessoas reflitam sobre os seus hábitos e atitudes de higiene são colocadas algumas questões e as respostas são escritas no papel de cenário. Seguem, na tabela seguinte, as questões e as respostas obtidas através da reflexão:

<b>1. O que devemos fazer para manter o nosso corpo limpo?</b>	Lavar os dentes, usar desodorizante, mudar a roupa, desfazer a barba, usar batom e creme hidratante.
<b>2. Que cuidados devem ter com as unhas e o cabelo?</b>	Lavar o cabelo, usar champô, cortar o cabelo, limar e cortar as unhas.
<b>3. Como devemos cuidar dos nossos dentes?</b>	Lavar três vezes por dia após as refeições principais, utilizar elixir, quem usa placa deve ter os mesmos cuidados.
<b>4. Qual a forma mais correta de limpar os ouvidos?</b>	Cotonetes, gotas.
<b>5. Como devemos cuidar da nossa roupa?</b>	- Lavar a roupa, passar a ferro, e engraxar os sapatos.
<b>6. As roupas de inverno são as mesmas do verão?</b>	Deve adequar-se a roupa a cada estação, de inverno a roupa é mais quente e de verão mais fresca.
<b>7. O que devemos usar para dormir?</b>	Pijama. Dois participantes referem que dormem de roupa porque têm frio.

**Tabela 2.** Perguntas e respostas sobre hábitos de higiene

Os elementos do grupo deixam transparecer algumas disfunções no que toca à escuta e respeito pelo tempo de palavra do outro. Há um elemento do grupo que hoje está um pouco inquieto e interrompe a sessão dizendo que está sem vontade ou paciência para estar ali. Faço um esforço para ser o mais clara e assertiva possível e digo que pode sair mas que não deve fazer mais interrupções. Claramente quis chamar a atenção de todos e diz que prefere ficar, justificando o seu comportamento por no dia anterior ter ido a tribunal.

Já com todos sentados ao redor da mesa, exponho as imagens ilustrativas que apresentam as noções gerais de cuidados de higiene pessoal e que facilitam a compreensão dos processos (tomar banho, lavar cabelo, cortar unhas, escovar dentes, lavar mãos, tratar vestuário). À medida que fomos explorando as imagens, os participantes vão dando exemplos das suas práticas diárias. Por exemplo, na imagem do creme hidratante, um dos participantes comenta: *“Isso é niva”*, *“É nivea sim. Você usa?”*, pergunto. *“Sim, uso, por isso tenho esta cara de novo, dia 31 faço 51 anos e não parece”*. Comentam os preços dos produtos no bar e que há pessoas que não têm dinheiro para comprar essas coisas: *“O desodorizante custa 2,50 euros e em spray custa 5 euros.”*, *“Um corta unhas custa 1 euro, não traz aquela parte de dentro pode alguém usar para espetar”*, *“Uma pasta de dentes custa 1,50 euros.”*

Hoje o grupo estava bastante expedito, deram muitos exemplos práticos e mostraram-se solidários com as pessoas que se apresentam como mais frágeis. Os seus discursos comprovam o referido: *“Ele já esteve na minha cela e eu cortava-lhe a barba”*, *“Há aqui pessoas que só cortam a barba e o cabelo em troca de alguma coisa, não acho bem”*, *“O X usa fralda, não falamos disso, mas também tem de ter cuidados”*.

Ao mostrar a imagem da *gillette* surge um comentário importante de um participante, *“Ainda ninguém disse, mas não podemos partilhar objetos com os outros, e a gillette é perigoso”*. Aproveito a dica para perguntar quais dos objetos que estão nas imagens não podem ser partilhados e selecionam a *gillette*, as toalhas, as escovas de dentes e os pentes.

Antes de avançar para a atividade prática era suposto mostrar um kit de produtos de higiene, mas não foi possível. Deste modo, mostram-se imagens que reúnem as etapas do banho e espera-se que, em conjunto, as organizem. Após algumas tentativas e dicas o grupo conseguiu organizar a sequência com sucesso. Em conversa vão surgindo alguns comentários que se tenta serem desmistificados como: *“Tenho frio mas hoje vou*

*tomar banho”, “Eu não lavo os dentes, tenho os dentes estragados... Não vale a pena”, “ Tomei banho mas vesti a mesma roupa”.*

O momento avaliativo culminou com a atribuição de dois cartões “gostei”, três “achei divertido” e um dos participantes para além do cartão “achei divertido” também mostrou o cartão de “muito barulho” declarando que um dos colegas tinha falado demais. À saída um dos internados, todo risonho, diz: “Vou já direto para o banho, doutora”.

### **Sessão 5**

Na quarta sessão, que decorreu no 24 de março de 2016 por volta das 14 horas e 15 minutos, a participação foi de 6 em 8 internados participantes. Era expectável que com o desenvolvimento da sessão se cumprissem o objetivo geral 2 e respetivos objetivos específicos.

À semelhança dos outros dias espero pela terapeuta na portaria da CPSM. Quando entramos estava uma azáfama diferente dos outros dias nos corredores. À vez, os participantes vinham à porta do gabinete avisar que não podiam participar na sessão porque estavam na limpeza das celas. Dado que no dia seguinte (sexta-feira) era feriado, o dia das limpezas tinha sido antecipado. Pensei em adiar a sessão porque não queria arriscar não ter participantes mas, antes disso, em conjunto com a terapeuta, fui falar com o chefe de ala sobre a possibilidade de dispensar os participantes para a sessão. Conseguimos que fossem dispensados durante a hora da sessão.

Prontos para dar início à sessão, há sempre um tempo de espera para que o grupo estabilize, falam sempre imenso e contam muitas histórias sobre os próprios e/ou os colegas. Como já estávamos em cima da hora não fiz questões sobre a sessão passada. Alerto para o facto de esta ser a penúltima sessão. Apelo para que eu fique porque estão a gostar muito: “Vamos ter saudade”, “Fique mais 5 anos doutora”, “Eu dou-lhe a minha reforma já que ninguém lhe paga”.

Para introduzir o tema da higienização e preservação do espaço questiono: O que fazem para manter o espaço limpo e arrumado? Peço para que fale um de cada vez. Todos ao mesmo tempo: “Eu sei”, “Eu sei. Outra!”. É uma necessidade trabalhar com o grupo o aprender a esperar pela sua vez e também em respeitar o tempo de resposta do outro; querem que a resposta seja imediata e criticam o facto de o colega demorar mais tempo do que eles a responder. Explico que temos de respeitar o tempo e espaço dos colegas, porque nem todos temos o mesmo tempo de raciocínio e de resposta. Quando

já tinha escrito umas 3 tarefas de limpeza e arrumação do espaço no papel de cenário, um dos participantes chega. Bate à porta e pede licença para entrar: *“Desculpe o atraso mas estive a limpar a cela”*. Peço que se sente e coloco-o a par do que foi feito até ao momento. Ordenadamente, um de cada vez, vão dando o seu contributo: *“Não deitar beatas no chão”, “Nem apanhar do chão nem pedir aos outros podemos apanhar doenças”, “Lavar a sanita”, “Limpar a cela”, “Mudar a água do balde e lavar a esfregona, não adianta limpar o chão com a água e esfregona sujas”, “Lavar o chão”, “Varrer”, “Não cuspir para o chão”, “Aspirar”, “Lavar paredes”, “Limpar azulejos, é o que faço na cela”, “Limpar o pó”, “Mudar roupa da cama”, “Limpar os vidros e espelhos”, “Limpar a ferrugem, há muita nas celas”, “Despejar o balde do lixo e lavá-lo”*.

No que respeita à manutenção do espaço, os participantes também têm ideias bem definidas e adaptadas ao espaço que reconhecem como seu, pelo menos por agora: *“Colocar silicone à volta da sanita, a minha está a descolar”, “Mesas novas nas celas, outro dia ia pegar na minha e fiquei com o tampo na mão”, “Limpar à volta da cama... ganha muito lixo”, “Lavar o cinzeiro”, “Lavar a loiça, tabuleiros, fogão e forno”*. Aproveito para perguntar se devem fumar dentro da cela e respondem: *“Oh! Não se deve mas fumamos. Abrimos a janela”*.

Chegado o momento de desenvolver a atividade prática, explico o que se pretende. Cada participante, à vez, retira uma imagem do saco e coloca-a numa das caixas rotulada com a palavra *“Bom”* e *“Mau”*, explicando a sua escolha. No momento de colocarem as imagens no certo ou errado, todos acertaram e justificaram a sua escolha. A imagem que causou mais dúvida foi aquela que tinha um conjunto de detergentes. O participante que ficou com essa imagem colocou-a no comportamento errado. Expliquei que quando escolhi a imagem tinha sido a pensar no comportamento correto mas que o seu comentário era pertinente e aceitável, porque na verdade não é a quantidade de detergente que dita a qualidade da limpeza. A imagem do contentor serviu de mote para se abordar o tema da reciclagem, das cores dos ecopontos e que materiais se colocam em cada um. Os participantes demonstraram algum impasse na identificação das cores dos contentores e onde se coloca o quê.

Quando a sessão está a chegar ao fim, o chefe de ala bateu à porta e pede licença para entrar. Entregou a cada participante amostras de pasta dos dentes, avisando-os que não era para fazerem nenhum negócio com elas.

Como habitual, a sessão foi avaliada com os cartões ilustrados. Esta penúltima sessão foi avaliada com 3 “achei divertido” e 3 “gostei” e os discursos seguintes acentuam a satisfação avaliada nos cartões: “Gostei”, “Foi engraçado”, “Não se deve fazer o que está nas imagens”, “Aprendi muito hoje”, “Gostei porque aprendi a não fazer coisas erradas”, “Não gostei de ver os vidros partidos, a loiça suja, a casa de banho suja” (refere-se às imagens discutidas), “ Gostei, são coisas a ter em conta sempre”, “ O cigarro pode cair na cama e no balde do lixo também pode causar incêndio”.

### **Sessão 6**

A última sessão, sessão 6, ocorreu no dia 31 de março de 2016, um pouco depois das 14 horas. A participação foi de 6 em 8 internados participantes. Esta sessão foi pensada para que os participantes pudessem desenvolver a criatividade e o raciocínio lógico de organização em grupo. Deste modo, de um modo mais geral pretendia-se o cumprimento do objetivo geral 1 e 2 e respetivos objetivos específicos.

A sessão iniciou com um apanhado geral de ideias sobre aquilo que tinha sido tratado no decorrer das sessões anteriores e sobre aquilo que tinham achado mais pertinente. Após esta pequena reflexão, o grande grupo foi dividido em 2 subgrupos para que se tornasse mais fácil o trabalho em equipa. Era suposto cada subgrupo produzir um cartaz com pinturas, recortes e escrita com os conteúdos discutidos no projeto. Acontece que cada subgrupo de trabalho produziu dois cartazes, cujos temas foram: “*Bons e maus comportamentos*” (recortes das imagens usadas na atividade prática da sessão 5), “*Como lavar os dentes?*” (recortes das imagens do processo da higiene oral), “*Higiene pessoal*” (recortes de imagens referentes à higiene pessoal como, por exemplo, lavar o cabelo, champô, cortar o cabelo, pente, lavar mãos, toalhas, pentear) e, por último, “*Como lavar as mãos*” e “*Cortar as unhas*” (recortes de imagens elucidativos dos processos).

Como o tempo foi nosso inimigo durante todo o projeto, desta vez não foi exceção: para adiantar o trabalho recortei as imagens escolhidas para que a conclusão dos cartazes fosse mais rápida. A elaboração dos cartazes despertou a discussão dentro dos grupos, como esperado, começando pela escolha das cores das cartolinas, a escolha dos títulos dos cartazes e a organização e sentido estético dos mesmos. Há participantes que tomaram mais rapidamente o lugar de líderes e assumiram o desenvolvimento do trabalho.



No final, quando os cartazes estavam finalizados, os participantes estavam muito orgulhosos: *“Não pensei que fosse ficar tão bem”*. Notei um dos participantes mais em baixo e perguntei o que se passava, se não tinha gostado do que tínhamos feito hoje, e ele respondeu: *“Eu achei divertido mas estou triste porque vão colocar ai o trabalho e depois vão deitar ao lixo”*. Respondi-lhe de imediato: *“Nada disso! Como tinha explicado, vamos afixar os cartazes na clínica. Só temos de encontrar o melhor lugar”*. Todos foram da opinião que não deviam ser afixados nos corredores porque não iam durar muito tempo. Pergunto à terapeuta se não podemos afixar na enfermaria pois parece ser o local mais seguro. Enquanto fico no gabinete à conversa com os participantes e a proceder à avaliação da sessão e geral, a terapeuta vai falar com a enfermeira chefe para saber se podemos afixar os cartazes na enfermaria e qual o local mais indicado.

A última sessão foi avaliada com 5 *“achei divertido”* e 1 *“gostei”*, sendo que ao mesmo tempo esse participante achou que esteve muito barulho. A avaliação geral do projeto foi bastante positiva: *“Eu dou nota 10”*, *“Obrigada, doutora, por se ter preocupado connosco”*, *“Gostei muito de estar aqui”*, *“Foi uma forma diferente de passar o tempo”*, *“É melhor estar aqui do andar no corredor”*.

A terapeuta chegou com notícias positivas: a enfermeira chefe autorizou que afixássemos os cartazes na enfermaria. Para que não ficassem com dúvidas de qual seria o destino dos cartazes, fiz questão que fossemos logo de seguida afixar o trabalho realizado. Os participantes ficaram muito contentes quando viram o trabalho concluído e sugerem tirar uma foto junto dos cartazes. Naquele dia não tinha como tirar a fotografia mas prometi perguntar à orientadora sobre a possibilidade de usar a máquina fotográfica do EP e de revelar a fotografia para colocar na sala de terapia.

#### **4.1.7.6. Avaliação do produto**

Parafraseando Cosme e Trindade (2001:32), a avaliação do produto caracteriza-se como *“a etapa da avaliação final, a qual deve ser congruente com o conjunto dos procedimentos resultantes do processo de monitorização e avaliação intermédia”*. Neste caso, a avaliação do produto incidirá sobre os resultados da formação que integram a satisfação imediata dos participantes, o conhecimento adquirido e o impacto que se traduz em mudanças práticas observáveis e, ainda, na construção de

conhecimento do dinamizador. Esta teve como base as conversas intencionais realizadas com os participantes e a terapeuta ocupacional que acompanhou de perto o projeto. Foram, ainda, utilizadas todas as avaliações e registos realizados ao longo do desenvolvimento do projeto.

Faz sentido, neste momento, começar por referir que o processo não foi tão participado quanto desejado, pelo menos, na fase de identificação dos problemas e necessidades e no desenho do projeto. As razões que estiveram na base desta limitação deveram-se ao fator tempo, ou seja, a minha permanência no local de estágio tinha os dias contados e o desenvolvimento do projeto tinha de acontecer o mais rapidamente possível.

Tendo em conta a dimensão do projeto, acredito que este possa ter contribuído para atenuar os problemas e consequentes necessidades identificadas ou, pelo menos, fez com que as pessoas pensassem nos mesmos. Pensar nos problemas já é o caminho para a mudança. Desta forma, julgo que o projeto desenvolvido foi ao encontro da finalidade definida: promover o bem-estar e qualidade de vida dos internados da CPSM, melhorando os seus cuidados de saúde.

De um modo geral, o grupo esteve envolvido e participou sempre que solicitado no decurso de todas as sessões. Foi assíduo e pontual, salvo algumas situações pontuais e alheias à sua responsabilidade, como é o caso do participante que saiu em liberdade. Foram capazes de refletir sobre os assuntos expostos e de trazer à superfície novas linhas de discussão.

Relativamente à satisfação imediata apurada através dos cartões de avaliação ilustrados usados no final de cada sessão, depreende-se através da seguinte tabela que a maioria dos participantes gostou e achou divertido o que foi desenvolvido e tratado. As avaliações “*achei chato*” e “*não entendi*” foram justificadas e não estavam propriamente ligadas às sessões. No caso do “*achei chato*” deveu-se ao facto do participante ter sido interrompido pelos guardas e ter saído da sessão e o “*não entendi*” teve a ver com a escolha dos cartões de avaliação, que criou alguma confusão ao participante.

	“gostei”	“não gostei”	“achei chato”	“achei divertido”	“muito barulho”	“não entendi”
Sessão 1	4			4		
Sessão 2	4			2		1
Sessão 3			1	5		
Sessão 4	2			3	(1)	
Sessão 5	3			3		
Sessão 6	1			5	(1)	

Tabela 3. Satisfação imediata

A meu ver, mais do que o cumprimento integral dos objetivos delineados, este projeto permitiu e proporcionou às pessoas momentos que favoreceram a escuta ativa, a autonomia, a participação e o desenvolvimento de competências sociais e pessoais. Tudo isto num ambiente de liberdade e de participação ativa, onde lhes foi permitido serem espontâneos e criativos. No que diz respeito ao conhecimento adquirido por parte dos participantes, na minha opinião, os participantes já revelavam conhecimentos sobre os assuntos abordados, apenas foi necessário criar condições de partilha, estimular a participação e colocar as questões certas.

Relativamente ao impacto obtido com o projeto, não foi possível verificar modificações efetivas. No entanto, os discursos de alguns participantes demonstraram que, de alguma maneira, o projeto surtiu algum efeito nas suas vidas. Após o término do projeto, quando entrava na CPSM, os participantes faziam questão de vir ter comigo sempre que cortavam o cabelo, a barba ou mudavam de roupa. “*Doutora, ontem cortei o cabelo*”, “*Estes ténis são novos, gosta?*”, “*Hoje vou tomar banho*”. Ou, então, preocupavam-se em justificar o porquê de estarem a usar aquela roupa ou o motivo pelo qual estava suja. “*Esta é a roupa de trabalhar*”, “*Não tenho outra roupa, doutora*”. Um dos participantes, sempre que me cumprimentava, dizia: “*Doutora, já aprendi, as pontas não se deitam ao chão*”. Importa referir que, uns dias depois do desenvolvimento do projeto, consegui autorização para usar a máquina fotográfica do EP para tirar a fotografia pedida pelos participantes junto dos cartazes afixados na enfermaria. A fotografia foi revelada e afixada na sala de terapia com a assinatura de todos os participantes.

Por último, e não menos importante, de ressaltar que um projeto não vive só de ambições mas também da consciência dos seus limites (Boutinet, cit in Carvalho & Diogo, 1996). Assim, o discurso institucional, as regras e normas vigentes foram o

principal obstáculo externo, refletindo-se como referido no arranque das sessões à hora marcada e na imponência dos guardas prisionais ao assumir que os assuntos que têm a tratar com os internados são sempre prioritários em relação aos outros, neste caso, tendo interrompido mais do que uma vez o decurso de uma sessão.

A nível pessoal, o envolvimento neste projeto contribuiu para o aumento e consolidação de conhecimentos e para a amplificação de competências pessoais, sociais e profissionais. Pensar, desenhar e desenvolver um projeto com e para esta população foi, sem dúvida, uma missão desafiante. O envolvimento dos participantes superou as minhas expectativas e confirmou a premissa de que, quando são criadas as oportunidades certas, todos são capazes de participar da forma mais criativa, espontânea e pertinente.

## **5. Investigar em Educação**

### **5.1. Objecto de investigação**

Todos os investigadores se interpelam com um primeiro problema, que é o de querer começar bem o trabalho a que se propõem. Uma investigação remete para algo que se procura, que se quer saber. *“É um caminho para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, os desvios e as incertezas que isto implica”* (Quivy & Campenhoudt, 1998:29).

Pensar em investigação pressupõe um conjunto de etapas que devem ser pensadas e definidas antes de se ‘pisar’ o terreno e absorver o que ele nos pode dar como respostas àquilo que procuramos. Portanto, o desenho da investigação, não sendo um método, pode ser considerado como uma ferramenta capaz de nos auxiliar, enquanto investigadores. Para que se possa passar para o caminho da investigação deve-se, antes de mais, pensar no desenho da investigação, que deverá ter um certo grau de flexibilidade.

O desenho de investigação remete-nos para a estrutura e/ou organização que o investigador dá à sua investigação, desde a pergunta de partida a todas as outras opções ao longo do processo. Este processo envolve cinco etapas distintas desde a definição do tópico e questões, as perspetivas teóricas, os dados recolhidos, a análise dos dados e a escrita (Quivy & Campenhoudt, 1998). É prudente que se pense, previamente, nos resultados que se quer alcançar. É assim, na base do referido, que importa saber como

eu quero responder à questão e como vou fazê-lo; ter uma pergunta de partida é crucial. Não há 'receitas' que possam ser seguidas pois cada realidade é única; porém, há que definir as opções paradigmáticas para a investigação.

De forma a direcionar o meu pensamento e orientar a minha investigação, coloco uma questão central, que deve ser clara, pertinente e exequível: **De que forma o contexto prisional se assume como um contexto educativo?** Para além desta, traço alguns objetivos de investigação que me parecem adequados face à questão levantada. Perceber quais as dinâmicas educativas existentes no contexto prisional (formais, não formais, informais); Quais as políticas educativas vigentes para o contexto prisional; Entender qual o trabalho realizado pela equipa técnica com os reclusos; Conhecer as expectativas dos reclusos em relação às ofertas educativas disponíveis; Compreender como as diferentes dinâmicas educativas contribuirão para a reinserção do indivíduo na sociedade (qual a utilidade? qual o impacto? Que mudanças?).

Um autor que nos ajuda a pensar sobre as questões centrais de investigação é Bernard Charlot (2006), que nos alerta para o investigar sobre algo que ainda ninguém sabe caso contrário não vale a pena continuar/avançar, até porque o campo da educação é um campo saturado de discursos já estabelecidos. A necessidade de se questionar as coisas de forma diferente é premente para que fazer pesquisa se torne mais legítima. É preciso contrariar o estabelecido e os discursos, práticas e políticas prontas que comandam as pesquisas.

De acordo com o referido, tendo noção que não é uma temática original ou criativa, existindo muitos trabalhos de pesquisa/investigação e intervenção acerca do assunto. Ainda assim, na minha opinião continua a ser uma temática que necessita de mais respostas para além das que já existem. A relação entre Educação e Prisão parece ser disfuncional porém não incompatível. Penso que se devem (re) pensar novas estratégias para que esta relação possa se tornar mais lúcida. Saliento, também, a indiferença social e política que, parece estar ainda instituída no nosso sistema e será preciso mais e melhores mecanismos para contrariar a situação.

## **5.2. Postura de investigação**

De acordo com todo o que foi referido, anteriormente, importa, neste momento, deixar claro que a investigação está dependente de quem a realiza. Portanto, todo o processo tem uma 'mão' do investigador desde as decisões, as escolhas, a construção

teórica e as ideologias para o trabalho a desenvolver. Por norma, na maioria das vezes é dispensado pouco tempo a pensar na investigação e/ou intervenção, estando mais preocupados em partir para o terreno com a maior brevidade possível. Deve equacionar-se 'a pressa de chegar' pois isso levará a resultados pobres e de pouca qualidade. O investigador deve estabelecer um compromisso com ele mesmo e com os sujeitos da investigação, sendo capaz de assumir o controlo da investigação e assumir as suas próprias escolhas. Tendo consciência que o contexto social é mutável e não definitivo, existem questões que podem ser antecipadas e preparadas antes de contactar o terreno. Assim, todas as nossas escolhas e posições devem ser reflectidas e comedidas pois, as ações provenientes dessas escolhas vão ecoar no contexto escolhido.

Sendo o contexto social um contexto repleto de fenómenos dinâmicos e complexos esperam-se estratégias capazes de absorver toda a complexidade inerente ao contexto escolhido, designadamente, o contexto prisional. Parafraseando Bachelard (cit in Quivy & Campenhout, 1998: 25) "*o facto científico é conquistado, construído e verificado*". Portanto, deve ser conquistado rompendo com os preconceitos e as ideias pré-estabelecidas acerca de determinada realidade; construído pela razão e assente numa ruptura com o senso comum e verificado nos factos que a realidade nos consegue devolver.

No decorrer do estágio, estando ciente das limitações e entraves que o contexto em questão acarretava, estando confinada às questões de segurança e logística institucional assumi, sempre que possível, uma atitude assertiva e de curiosidade permanente.

O próximo momento incidirá sobre o posicionamento epistemológico e metodológico, enquanto investigadora, que orientou todo o percurso. Para tal, é necessário ter uma consciência crítica sobre o nosso posicionamento face à ciência e às opções que se vão tomando.

### **5.2.1. Posicionamento epistemológico**

Como forma de enquadrar este posicionamento, parece fazer sentido abordar o conceito de Epistemologia. A Epistemologia é entendida como «*o ramo da epistemologia que investiga a origem, a estrutura, os métodos e a validade do conhecimento*» (Runes cit. in Santos, 1989:19). Para Almeida e Pinto (cit. in Santos,

1989:21), a epistemologia «*tem por objecto as condições e os critérios de cientificidade dos discursos científicos*». Na perspectiva de Teixeira Fernandes, este diz-nos que à epistemologia cabe “*a tarefa de tornar consciente «a normatividade científica, produzida na própria prática da ciência»*” (cit. in Santos, 1989:21). Na área das Ciências da Educação o investigador estabelece uma relação íntima e direta com o terreno. Este pretende que a sua prática seja marcada “*«cientificamente» com dignidade e, igualmente, com pertinência*” (Hadji & Baillé, 2001:73).

Depois de identificar e analisar alguns dos pontos que se evidenciaram como mais importantes e ao pensar no processo de investigação, coloca-se a necessidade de me posicionar perante estes contributos. Portanto, face ao referido, investigadora na área das Ciências da Educação, posiciono-me epistemologicamente no paradigma da Ciência Pós-moderna. O paradigma Pós-moderno assente em métodos qualitativos e numa lógica de proximidade com o objecto de estudo fará parte das minhas escolhas epistemológicas. Ambicionando com a pesquisa “*aprender e aprende[r] algo a partir do que os sujeitos da investigação lhe confiam*” (Amado, 2000: 61).

A escolha paradigmática tem impacto ao longo de todo o trabalho sendo que, esta guiou toda a produção desde a corrente teórica, metodológica, os cuidados éticos e estéticos (recolha de dados e escrita), a argumentação, entre outras. As nossas posições e opções (epistemológicas e metodológicas) devem ser, desde logo, assumidas de acordo com os objetivos a que nos propomos e, ainda, tendo em consideração a realidade em constante mudança, onde a situação/realidade deve ser visualizada como um todo. Posto isto, é sabido que todas as nossas escolhas vão produzir impacto na realidade, no entanto, prevê-se que este paradigma não provoque danos maiores ao contexto de contacto. Esta escolha dita a possibilidade de um grau maior de proximidade com a realidade e os atores sociais que fazem parte integrante desta.

Neste sentido, tal como Pierre Bourdieu assumiu numa das suas mais conhecidas obras “*A Miséria do Mundo*”, também pretendo, *in locus*, compreender a visão das pessoas, os seus percursos de vida, o que sentem e o que projetam. Assim, é importante dar significado e sentido ao “*visível e (...) enunciável, (...) [ao] não discursivo e (...) discursivo (...) [e, tendo plena consciência que estes se encontram em] permanente conexão*” (Fischer:2003:380).

### 5.2.2. Posicionamento metodológico

A escolha da posição metodológica deve ser realizada tendo por base o ajuste ao objecto de investigação e ao investigador (Neves, 2008). Esta escolha não deve ser rígida mas rigorosa, isto é, o método ou conjunto de métodos a ser utilizados devem ser aplicados com rigor (Bourdieu,2001). Deste modo, em conformidade com as escolhas anteriores, assente numa atitude crítica e reflexiva, a escolha metodológica recai sobre o método qualitativo, parecendo ser o mais adequado para a compreensão e entendimento da temática.

A verdade é que não se pode afirmar que existem métodos melhores, mais rigorosos ou mais válidos do que outros. A sua aplicabilidade e eficiência dependem dos objetivos, do modelo e das características reais do contexto de investigação, portanto, *“só conhecemos correctamente um método de investigação depois de o termos experimentado por nós próprios”* (Quivy e Campenhoudt, 1998: 20).

De forma a suportar a minha investigação, como referido, recorri à metodologia qualitativa e aos seguintes métodos e técnicas, respetivamente: Análise Documental; Entrevista Semiestruturada; Observação; Notas de Terreno e a Análise de Conteúdo. A análise do regulamento geral dos estabelecimentos prisionais, do código de execução de penas e medidas privativas de liberdade e de documentos prisionais permitiram a recolha de informação útil acerca do sistema prisional, do seu funcionamento e especificidades. A entrevista semiestruturada foi o método escolhido para conhecer mais, profundamente, a realidade do contexto e o tema de investigação através dos discursos dos técnicos e dos reclusos. Posteriormente, os dados obtidos foram interpretados e organizados com recurso à análise de conteúdo. A observação dos diferentes espaços e tempos prisionais permitiram uma compilação rica de conhecimentos, vivências e experiências que culminaram nas notas de terreno.

Deste modo, como nos diz Pais (2002: 35), a metodologia permite *“(...) trotar a realidade, passear por ela em deambulações vadias, indiciando-a de forma bisbilhoteira, tentando ver o que nela se passa mesmo quando “nada se passa” (...)*”.

Nesta óptica, como investigadora, pretendo, ao longo do percurso de descoberta e construção, adotar uma atitude de pesquisadora viajante, que através do ‘vadiar sociológico’ vai para o terreno com um novo olhar para uma melhor compreensão da realidade. Nesta perspetiva incide a importância da sociologia da vida quotidiana, onde a curiosidade é o pilar da descoberta das singularidades e especificidades incluídas no



quotidiano. Não desperdiçando o que o social nos oferece, o cotidiano não deve ser como um simples conjunto de rotinas mas sim como um conjunto de acontecimentos excepcionais. São as tensões, os conflitos, as mudanças e a crise que ressaltam no caráter rotineiro do cotidiano (Pais, 2002).

De acordo com Pierre Bourdieu, a prática da pesquisa não tem sido adequadamente abordada. A relação de pesquisa é uma relação social e, por isso, não deixa de exercer os efeitos provocados pelo poder/submissão entre pesquisador/pesquisado. O autor propõe uma 'reflexividade reflexa' assente num olhar sociológico para perceber e controlar os efeitos da construção do conhecimento. Como nos diz, é necessário "*começar a interrogação já dominando os efeitos [implicados] inevitáveis das perguntas*" (Bourdieu, 2001:694).

No que refere ao método da entrevista, este tem como objetivo obter dados e opiniões sobre tópicos específicos apresentados pelo investigador. É através da entrevista que posso compreender o ponto de vista da pessoa entrevistada. Existe uma tipologia de entrevista que podem ser usadas de acordo com os objetivos a que o investigador se propõe. A entrevista semiestruturada foi a técnica utilizada, as questões são abertas e organizadas em tópicos, podendo surgir novas questões e alterar a ordem das mesmas consoante o rumo da mesma. A escolha do método da entrevista foi quase que imediata, tendo, contudo, consciência da sensibilidade do contexto, sendo que as pessoas têm necessidade de falar mas tem receio daquilo que se fala e com quem se fala. As entrevistas foram realizadas a uma amostra aleatória de 4 TSR e de 12 reclusos (8 da CASA e 4 da ULD). A escolha foi aleatória, contudo, no caso dos reclusos, apenas no universo de reclusos da CASA e da ULD, de acordo com sugestões da supervisora local.

Durante a entrevista existem duas formas de perceção e compreensão e uma não deverá anular a outra, ou seja, devemos reduzir ao máximo a violência simbólica usando o mesmo código linguístico do entrevistado e ocupar o mesmo lugar simbólico que estes. A postura do entrevistador deve ser de escuta ativa e metódica e de empatia: "*o sociólogo [deve ser] capaz de se colocar em seu lugar [do entrevistado] em pensamento*" (Bourdieu, 2001:699). A proximidade entre o entrevistador e o entrevistado traz uma maior segurança e colaboração. É essencial a construção de um modelo de entrevista que inclua perguntas claras, pois estas levarão a respostas claras, que sejam capazes de provocar no entrevistado um discurso extraordinário de autoanálise e livre de constrangimentos.

O processo de seleção da amostra decorreu na secção de reclusos como descrito: no interior de um estojo escolar coloquei os nomes das técnicas superiores, escritos num papel, e retirei quatro, aleatoriamente; do mesmo modo se processou a seleção dos reclusos, no interior do estojo escolar coloquei os números internos dos reclusos que integram a CASA e a ULD (cerca de 50), escritos num papel, e retirei doze, de forma aleatória. Antes de iniciar reuni com todos os participantes, apresentando-me e explicando o que estava a fazer no local e o que pretendia, apurando se queriam ou não fazer parte da amostra. Um dos elementos da amostra teve de ser substituído por motivos de doença, tirando de forma aleatória outro elemento. Foi ainda referido o uso do gravador para facilitar a conversa e que seria usado apenas para fins académicos, salvaguardando-se o anonimato. Para o uso do gravador e a entrada no estabelecimento realizei um requerimento ao Diretor do EP para obter a devida autorização (Apêndice III).

Como já referido, concedendo-lhes grande importância ao lugar que ocupam no contexto em questão, os TSR foram uma das minhas escolhas para a recolha de dados relevantes sob a forma de entrevistas semiestruturadas. Estes técnicos têm formações superiores nas áreas das ciências sociais e humanas como Serviço Social; Psicologia; bacharelato em Terapia Ocupacional, licenciatura em Psicologia e pós-graduação em Psicologia da Justiça; Psicologia Clínica e Mestrado em Psicologia Clínica, Cognitiva-Comportamental e Sistémica. Os mesmos desempenham funções no estabelecimento num período de tempo compreendido entre os 4 e os 35 anos. O tempo máximo foi, inicialmente, a exercer funções no Instituto de Reinserção Social, mas sempre com vínculo a esta instituição. As funções desempenhadas distribuem-se entre funções delegadas à adjunta da direção, de acompanhamento da escola e dos reclusos, mais detalhadamente, a realização da entrevista de acolhimento; o PTR, que é o equivalente ao PIR, no RC; a avaliação do plano de reeducação, verificando o cumprimento ou não dos objetivos delineados para cada sujeito; os relatórios para o TPR e os pareceres para conselho técnico, saídas jurisdicionais e saídas de curta duração.

A outra escolha, não menos importante, foram os reclusos do EPSCBM, os elementos principais deste contexto. Os reclusos entrevistados têm idades compreendidas entre os 20 e os 61 anos, todos eles de nacionalidade portuguesa. Relativamente ao estado civil, cinco indicaram ser solteiros, três casados, três divorciados e um viúvo. No que respeita às habilitações literárias, cinco reclusos possuem o 6º ano de escolaridade, um deles tendo concluído em contexto prisional;

cinco completaram o 9º ano de escolaridade, um deles tendo concluído em contexto prisional e encontra-se a concluir o 12º ano; um completou o 12º ano e um é licenciado em gestão. Quanto à ocupação profissional, a maioria dos participantes referiram experiências em diversas áreas; em contrapartida três encontravam-se desempregados e um nunca tinha contactado o mundo do trabalho. As experiências variavam entre broquista e cortador de cortiça, segurança em discotecas e bares em regime *part-time*, construção civil e em negócio próprio na área da tipografia/ litografia; construção civil, confeitaria/pastelaria; plaquista; litógrafo; encarregado de pavimentações e manobrador de máquinas; na área aos seguros e aviação; formador e gestor; segurança/vigilante e administrativo. Todos os reclusos são condenados, oito primários e quatro reincidentes. Os crimes pelos quais os indivíduos se encontram a cumprir a pena são variados, alguns deles com o tráfico de drogas como elemento comum: quatro indivíduos por tráfico; tráfico e moeda falsa; tráfico e arma proibida; furto; roubos; falsificação de moeda; condução ilegal, posse ilegal de arma, receptação e tentativa de homicídio; ofensa à integridade física e posse de arma; crimes contra o estado, burlas e falsificação de documentos. As penas aplicadas, de acordo com os crimes apresentados, variam entre os dois anos e meio e nove anos e seis meses. Os indivíduos começaram a cumprir as penas privativas de liberdade com idades compreendidas entre os dezoito e os cinquenta e sete anos e encontram-se privados de liberdade no mínimo há cinco meses e no máximo há cinco anos.

A investigação pretende incidir sobre os discursos e os sentidos que os indivíduos produzem em relação à temática escolhida. Para que a recolha seja o mais eficaz possível, a entrevista deve ser organizada por temas e com questões claras que permitam encontrar respostas à questão central (Amado, 2014). Daí surge o guião da entrevista, o mapa que auxilia o entrevistador ao longo do processo e que integra *“uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação do entrevistado”* (Quivy & Champenhoudt, 1992: 194).

Neste caso, elaborei dois guiões distintos, querendo, com isto, atender à especificidade dos participantes da amostra escolhida (técnicos e reclusos). O guião da entrevista aos técnicos (Apêndice IV) era constituído por cinco categorias, a primeira categoria pretendia caracterizar a amostra e perceber o percurso profissional dos técnicos; a percepção da importância da ocupação dos tempos livres, reunindo informações sobre a ocupação dos tempos livres dos indivíduos e qual a importância atribuída pelos técnicos; as estratégias de incentivo à ocupação dos tempos livres dos

reclusos, percebendo o que existe e de que modo é concretizável; o grau de participação dos reclusos, obtendo informações sobre a participação dos reclusos nas atividades e as condições de acesso às mesmas e, por último, o acompanhamento em contexto prisional, recolhendo informação sobre o acompanhamento dos reclusos em meio prisional, de que modo se realiza essa dinâmica e como poderá fazer diferença na reinserção e reintegração do indivíduo.

O guião da entrevista aos reclusos (Apêndice V) era constituído por seis categorias, sendo que a primeira pretendia recolher dados pessoais para caracterizar os participantes; a categoria do crime, condenação e atitude face ao crime foca-se na situação jurídico-penal do indivíduo e permitiu recolher informações que, também, integram a caracterização da amostra; o percurso antes da passagem pela prisão pretendia obter informação sobre o percurso de vida do recluso antes da prisão, sendo útil em termos de comparação e verificação de mudanças; na ocupação dos tempos livres, recolheram-se informações sobre o modo como os indivíduos usam o tempo na prisão e as rotinas institucionais; gostos e interesses, pretendia conhecer os gostos e interesses das pessoas, o motivo da participação nas atividades e qual o grau de adequação das mesmas. Deste modo, saber quais as atividades identificadas, permitindo situá-las no nível formal, informal e/ ou não formal e qual a importância atribuída. Por último, o percurso prisional que, de um modo geral, pretendia perceber a opinião das pessoas sobre o modo de funcionamento da prisão, apurar a sua satisfação e se reconhecem o tempo de cumprimento da pena como um instrumento válido para a futura reinserção.

Após os dados recolhidos *in locus*, neste caso, através de entrevistas que decorreram entre 25 de fevereiro e 9 de março, com uma duração média de trinta e três minutos, sendo a mais curta de dezanove minutos e a mais longa de sessenta e quatro minutos, o passo seguinte foi a transcrição. De ressaltar que as entrevistas decorreram normalmente: no caso dos técnicos realizaram-se nos respetivos gabinetes e no caso dos reclusos nos gabinetes de atendimento da CASA e da ULD. Apesar do nervosismo e da estranheza inicial dos reclusos participantes, procurei, com a minha postura, criar um ambiente empático e de confiança, deixando os participantes à vontade para partilhar aquilo que entendiam como partilhável. A conversa acabou por acontecer fluentemente e de forma espontânea, revelando-se aquele espaço um lugar de partilha, de escape, de desabafo, onde consegui obter depoimentos ricos e, em alguns casos, os participantes não conseguiram conter as emoções. Inevitavelmente, tendo em conta a especificidade

do contexto, algumas entrevistas foram interrompidas, uma ou mais vezes, por telefonemas, solicitações e esclarecimentos de dúvidas no gabinete, entrada e saída de estagiários, vigilância dos guardas, no entanto, foram retomadas na normalidade.

Retomando à transcrição, esta pressupõe que, neste momento, o entrevistador seja o mais fiel possível, reproduzindo tudo o que foi dito durante a entrevista. Transcritas todas as entrevistas, num processo desgastante e moroso, o conjunto dos dados obtidos constitui o 'corpus' (Bardin, 1997). Para o tratamento do 'corpus' foi utilizada a análise de conteúdo (Apêndice VI), assumindo-se como instrumento essencial de organização, interpretação e classificação dos dados brutos. Assim, fazer análise de conteúdo pressupõe

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (...) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (...) destas mensagens (Bardin, 1977:44).

Para a realização da análise de conteúdo não existe nenhuma receita universal a seguir; no entanto, existem linhas orientadoras que deverão fazer parte deste processo minucioso. A leitura flutuante do material constituiu o primeiro passo, pois é indispensável que se esteja familiarizado com o material que se vai analisar. Os dados recolhidos devem ser codificados, como nos diz Holsti (cit in Bardin, 1977:129): *“a codificação é o processo pela qual os dados em brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exacta das características pertinentes do conteúdo”*. Nesta lógica, a organização da codificação passa pela escolha das unidades de análise e de registo e, posteriormente, pela categorização. A categorização diz respeito a *“uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo género (analogia), com os critérios previamente definidos”* (Bardin, 1977:145). Segundo o mesmo autor, uma boa categorização deverá seguir os seguintes princípios: a exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, a objetividade e fidelidade e a produtividade.

A análise das entrevistas resultou em dois esquemas de análise distintos, um referente à análise das entrevistas dos técnicos e outro referente à dos reclusos do EPSCBM. Posto isto, relativamente à análise das entrevistas aos técnicos surgiu a seguinte categorização: Conceções Educativas em Contexto Prisional – Educação

Formal, Educação não formal e Educação Informal e Práticas Educativas e o Tratamento Penitenciário. No caso da análise das entrevistas aos reclusos surgiu a seguinte categorização: O Percorso de Vida do Recluso antes da Reclusão; O Percorso Prisional do Recluso e as Conceções Educativas em Contexto Prisional – Educação Formal, Educação não formal e Educação Informal.

## Capítulo IV – Na voz dos intervenientes: o entendimento e os significados das dinâmicas educativas em contexto prisional

### 6. Análise e interpretação dos dados

O presente capítulo dedica-se à análise e interpretação dos dados recolhidos. Os discursos das pessoas, aliados a todo o percurso de estágio entre pesquisa, observação, intervenção e escrita das notas de terreno, permitiram interpretar, de forma mais sustentada, a temática. A fase da discussão dos resultados é a fase mais aliciante depois de todo o tempo investido na realização das entrevistas, na sua transcrição e na elaboração da análise do conteúdo. Neste momento, o investigador encara a pertinência ou não das suas escolhas para levar avante a construção de uma história.

Os dados serão apresentados tendo por base as categorias que surgiram da análise de conteúdo das entrevistas realizadas à amostra selecionada.

#### 6.1. O Percurso de Vida do Recluso antes da Reclusão

As condições de vida em termos económicos, sociais e de saúde influenciam, inevitavelmente, o desenvolvimento e o percurso de vida das pessoas. Antes da passagem pela prisão, a maioria dos entrevistados descreve um percurso de vida marcado pelo consumo de estupefacientes, desde o haxixe até às drogas mais duras, como a cocaína e a heroína.

*“ (...) Depois entretanto houve os consumos, a partir dos dezassete. Comecei pelo haxixe, até chegar...” (R<sub>1</sub>).*

*“ (...) Um dia estava todo perdido, tinha metido meia pastilha, estava todo alucinado, experimentei, desgracei-me. Está a ver (...)” (R<sub>7</sub>).*

Como diz Clavel (2004:141), a precariedade remete-nos para uma situação “*de empobrecimento ou de incerteza financeira que gera uma fragilidade social*”. As consequências da precariedade podem conduzir à pobreza. Deste modo, uma pessoa ou família é considerada pobre se os níveis de recursos forem insuficientes relativamente aos padrões convencionais estabelecidos. As dificuldades económicas foram uma condição transversal à trajetória de desenvolvimento dos indivíduos, excetuando raros

casos em que referem uma vida financeira e profissional estáveis. Um dos casos refere, ainda, o recurso a práticas ilegais como a única forma de subsistência.

*“ Não foi uma vida também muito fácil (...)” (R<sub>1</sub>).*

*“ (...) Até vir preso foi tudo bom. Antes de me meter na droga era tudo bom. Tive uma vida boa, nunca me faltou nada” (R<sub>7</sub>).*

*“ Vamos dizer que vivi do trabalho, depois quando fui para a Venezuela... casei na Venezuela (...) os pais dessa rapariga com quem casei lá eram pessoas de dinheiro... pronto tive uma vida estável. Mas sempre trabalhei” (R<sub>3</sub>).*

*“Vendia droga não passava assim grandes dificuldades (...)” (R<sub>5</sub>).*

A família nuclear tem a responsabilidade de proporcionar as condições necessárias ou, pelo menos, suficientes ao desenvolvimento positivo das crianças e jovens. Nesta lógica, a família assume-se como o principal prestador de cuidados e agente de socialização (Aguiar,2011). No entanto, é sabido que *“competências e incompetências existem em todas as famílias”* (Sousa et al., 2007:68) independentemente, do contexto em que se inserem ou do estatuto que ocupam. A ausência de uma estrutura familiar capaz de apoiar e acompanhar as fases de desenvolvimento, como a infância e a adolescência, influenciaram, negativamente, as escolhas dos indivíduos. O R<sub>12</sub>, agora que reflete sobre o seu comportamento, aponta o divórcio precoce dos pais como uma das razões para tais comportamentos, alegando que sentia o distanciamento do pai.

*“ (...) Eu fui largado no mundo em chavalo... não houve pai não houve mãe, não houve ninguém para fazer fosse o que fosse... depois com uma mão à frente e outra atrás... alguma coisa tive de fazer pela vida que é mesmo assim. Não ia ficar sem comer o mês inteiro, não ia arranjar um trabalho e ficar o mês inteiro sem comer à espera para chegar o fim do mês e comer: “ Ah pronto agora já tirei a barriga de misérias”. Não tinha tempo para isso, tinha de vir rápido e tinha de vir de algum lado (...)” (R<sub>5</sub>).*

*“(...) Os meus pais divorciaram-se muito cedo, eu tinha dois anos de idade e à data não era muito comum os divórcios. Agora é uma coisa muito normal. E eu se calhar sentia um bocado isso, o distanciamento do meu pai (...)” (R<sub>12</sub>).*

Em contrapartida, verificam-se casos em que o suporte familiar sempre foi estruturado e há percursos de vida normativos, independentemente, dos contratemplos que foram surgindo.



*“(...) Eu tinha tudo para ser alguém na vida, tinha uma estrutura familiar em condições, tinha tudo e tive tudo, percebe? Só que deitei tudo a perder e vim aqui parar (...)” (R<sub>7</sub>).*

*“(...) sempre tive uma família que me apoiava muito e uma situação socioeconómica boa, com perspectivas de emprego sempre e sempre deitei tudo a perder (...)” (R<sub>12</sub>).*

*“Com altos e baixos mas mais com altos do que com baixos. Eu por natureza sou uma pessoa muito positiva, se acontece um percalço eu penso: “Ok teve de ser” mas supero facilmente as minhas dificuldades e do que está para trás a única coisa que me mancha é precisamente isto, de resto não tenho nada a apontar na minha vida (...)” (R<sub>9</sub>).*

Um dos indivíduos descreve, com revolta, uma infância marcada pela exclusão social, principalmente na escola. A escola, que deveria assumir um papel preponderante na promoção da justiça social e na concretização da igualdade de oportunidades para todos, neste caso, acaba por confirmar a teria da reprodução. Querendo isto dizer que a instituição-escola não atenua as desigualdades sociais mas, antes, reforça-as, permitindo a reprodução da cultura das classes dominantes (Bourdieu & Passeron, 1978).

*“(...) Eu cresci num beco, nasci no bairro do Aldoar com o chão em terra batida... um gajo chegava à escola e dizia que era do bairro do Aldoar éramos postos de lado, iamos para o fundo da turma e os pais dos meninos bonitos não queriam que a gente se misturasse com eles. Até na cantina nós comíamos num sítio diferente deles (...)” (R<sub>5</sub>).*

No que respeita às relações sociais, todos os entrevistados se caracterizam como pessoas sociáveis. Contudo, um deles apenas assume como verdadeiros amigos os irmãos e os pais. A nível de saúde não apontam nenhum problema grave. A passagem pela escola marca, inevitavelmente, a vida dos indivíduos. O espaço escolar, principalmente, os espaços e os momentos informais são os mais privilegiados, pois é aqui *“que encerra [a possibilidade] de constituição de grupos informais de pares”* (Fonseca, 2001: 137). Os pares podem produzir efeitos positivos na socialização, porém existem casos em que é no grupo de pares que surgem as oportunidades para o envolvimento em comportamentos desviantes (Costa, 2011). Na lógica do referido, foi na escola e na companhia dos grupos de pares que os indivíduos iniciaram os consumos. Os episódios referidos de mau comportamento, de faltas recorrentes e faltas disciplinares, de brincadeiras, do gosto maior pelo recreio do que pelos conteúdos curriculares traduzem-se em mau aproveitamento, absentismo e abandono escolar precoce. Dois casos de abandono escolar verificaram-se pela procura de independência e pelo sentido de obrigação de ajudar, financeiramente, a família. O R<sub>10</sub> arrepende-se de

não ter continuado os estudos isto porque o baixo nível de escolaridade limitou as suas escolhas e oportunidades. Também se verificam, contudo, casos de trajetória normativos e com bom aproveitamento, onde um dos indivíduos refere o ingresso no ensino superior. O R<sub>3</sub> refere ter concluído o quinto e o sexto ano em horário pós laboral.

*“(...) depois a partir do quinto ano comecei a faltar às aulas e a partir do sexto ano, para cima do sétimo ano começaram os consumos de drogas. Foi uma coisa muito rápida, das drogas leves para as anfetaminas e essas coisas todas (...)” (R<sub>12</sub>).*

*“(...) eu sempre fui bom aluno só que portava-me muito mal (...)” (R<sub>12</sub>).*

*“Correu normalmente. Fiz o nono ano, depois optei por trabalhar...(...) fiz a escolaridade obrigatória (...)” (R<sub>11</sub>).*

*“Sempre fui um excelente aluno (...)” (R<sub>9</sub>).*

*“(...) Eu era aquele gajo que todos os dias chegava à escola e fazia merda, ia suspenso, tinha sempre faltas disciplinares” (R<sub>5</sub>).*

*“(...) tive de deixar muito cedo para ir trabalhar” (R<sub>10</sub>).*

*“(...) Não quis estudar... o meu pai não queria, queria que eu continuasse. Eu queria ter uma profissão (...)” (R<sub>4</sub>).*

Como aponta Clavel (2004), a relação que os indivíduos estabelecem com o trabalho está intimamente ligada com a problemática da exclusão. O exercício de uma atividade permite suprir as necessidades básicas como alojamento, alimentação, saúde, educação, entre outras. Parafraseando o autor, *“o trabalho dá sentido à existência, assegura a integração dos indivíduos na sociedade e a coesão social”* (Clavel,2004:67). Através dos dados recolhidos percebe-se que os indivíduos contactaram o mundo do trabalho precocemente, entre os 11 e os 18 anos de idade, e exerceram profissões em diversas áreas, como já referido na caracterização da amostra. Os motivos apontados para esta situação foram a procura de independência, a pretensão de uma profissão e a carência económica da família. A precariedade das experiências profissionais deve-se, em parte, à baixa escolaridade e ao estilo de vida adotado pelos indivíduos, como é o caso dos consumos de drogas. Verificam-se, ainda, dois participantes que nunca estabeleceram contacto com o mundo do trabalho.

*“(...) éramos seis filhos todos ao encargo da minha mãe e eu tinha que ajudar. Era o filho mais velho e tive de tomar uma decisão e ajudar naquilo que podia, foi o que eu fiz (...)” (R<sub>1</sub>).*

*“Sou rapper. Não fiz mais nada a não ser isso” (R<sub>5</sub>).*

*“ Logo, na área de segurança, sim. (...) Não fiz logo disso vida, tive vários trabalhos aqueles trabalhos de miúdo desde trabalhar nas obras, no talho, no café e ao fim de semana tinha aquilo que eu gostava na altura (...)” (R<sub>11</sub>).*

*“ Quería ser independente” (R<sub>4</sub>).*

*“Teve de ser. Não havia outra opção... infelizmente... a família era pobre” (R<sub>10</sub>).*

*“(...) foram muitas portas fechadas. Uma pessoa com estudos já é complicado agora sem estudos... foi muita porta fechado, muita estupidez. Uma pessoa antigamente dava mais valor ao dinheiro do que ao resto. Uma pessoa vê os outros a ter as coisas e uma pessoa não tem nada quer trabalhar. É o que me arrependo de nunca ter estudado” (R<sub>10</sub>).*

Dumazedier (1974) refere a necessidade de desconstruir os conceitos de tempos livres e de lazer, defendendo que o lazer está inscrito nos tempos livres. Nesta lógica, classifica os tempos de lazer de acordo as necessidades do corpo e da mente assim, apresentam-se como

*“(...) lazeres físicos (prática desportiva), lazeres práticos (bricolage, jardinagem, crochet...), lazeres artísticos (viagens, férias, ida a espectáculos), lazeres intelectuais ( leitura de jornais, revistas, livros) e lazeres sociais (recepções familiares, convívios com amigos e familiares)” (Dumazedier, 1974: 93).*

Tendo por base o supracitado, a ocupação dos tempos livres dos indivíduos antes da reclusão variava entre diferentes tipos de lazer: os lazeres físicos como é o caso das atividades desportivas (corrida, caminhada, futebol, boxe, bicicleta, mergulho, queda livre,...); os lazeres artísticos, que variam entre cinema, viagens, viação, fotografia, praia e natureza; os lazeres intelectuais, onde apresentam o gosto pela leitura e escrita, e os lazeres sociais onde referem a frequência de cafés, convívios familiares e com amigos, atividades com os filhos. Também associado aos lazeres sociais, referem o consumo de haxixe com o grupo de pares ou isolados como forma de relaxamento e as práticas criminais.

*“Lá fora, antes dos consumos, praticava desporto. E mesmo depois dos consumos também. Jogava à bola com os meus amigos, escrevia, lia, via filmes. Jogos? Alguns, nem todos. Principalmente jogos de computador sem ser jogos de apostas” (R<sub>1</sub>).*

*“A fumar ganza todos os dias (risos). De manhã à noite. A escrever música e a gravar” (R<sub>5</sub>).*

*“A passear com os meus cães (...). Dentro disso, convívios familiares, ir ao cafezito” (R<sub>3</sub>).*

*“Um bocado de desporto, passeio, não sou muito dado a literatura ... conviver, família” (R<sub>8</sub>).*

*“Eu tenho o hobbie que é a aviação. Eu gosto muito de aviões e fotografia (...) (R<sub>9</sub>).*

*“Gosto de caminhar, gosto de natureza, gosto de praia. Passava com a família e amigos” (R<sub>9</sub>).*

*“(...) correr, andar de bicicleta, mergulhar, queda livre (...)” (R<sub>10</sub>).*

## 6.2. O Percurso Prisional do Recluso

A entrada e a passagem pela prisão assumem-se como acontecimentos significativos na vida dos indivíduos. A institucionalização acarreta uma série de rupturas e é necessário que os reclusos encontrem os mecanismos certos para a adaptação ao novo espaço e à subcultura prisional. A adaptação é um processo moroso que passa pela aprendizagem e apropriação do código exclusivo da instituição: quanto maior é a duração do cumprimento da pena, mais adaptado está - pelo menos em princípio - o recluso ao ambiente intramuros (Moreira, 2010).

Os sentimentos e as interpretações dos indivíduos acerca dos crimes cometidos são distintos. Se, por um lado, uns atribuem uma imagem negativa ao crime e sentem arrependimento e vergonha, outros entendem o crime como consequência de terceiros (familiares, vizinhos), dos consumos e das condições de vida adversas. Um dos entrevistados não mostra arrependimento, refere que se voltasse atrás no tempo e se encontrasse na mesma situação, voltava a cometer o crime; mostra-se, no entanto, consciente que na presença do juiz é importante demonstrar esse sentimento.

*“Eu fui quase forçado a isso porque aquilo era uma situação muito complicada em termos familiares (...)” (R<sub>9</sub>).*

*“Tinha de ser. Ou me matavam ou eu me defendia (...)” (R<sub>10</sub>).*

*“Sim arrependo-me. Sem dúvida alguma. Para me sentir bem comigo mesmo tenho de mostrar arrependimento (...)” (R<sub>7</sub>).*

*“(...) Foi mau não tinha noção da gravidade dos factos mas agora estou a cumprir” (R<sub>6</sub>).*

*“Vergonha. Acho que é mesmo a palavra correta. Porque se não fosse a droga nunca tinha cometido os crimes (...)” (R<sub>7</sub>).*

*“(...) Para mim o crime é a pior coisa que uma pessoa pode fazer mas, infelizmente, quando uma pessoa também se mete nos consumos de cocaína, de heroína, o haxixe, o ecstasy e por aí fora ... ‘prontos’, uma pessoa ‘descambeia’ (...)” (R<sub>1</sub>).*

*“(...) Eu no fundo não me arrependo do que fiz eu arrependo-me de não ter tido cabeça para ter juntado dinheiro. É a única coisa que me arrependo (...)” (R<sub>5</sub>).*

Os crimes cometidos pelos indivíduos empurraram-nos para penas privativas de liberdade que variam entre os dois anos e meio e nove anos e seis meses. A entrada na prisão traz uma série de adversidades que se tornam mais ténues à medida que os indivíduos se adaptam ao espaço e modo de funcionamento da instituição. O corte com

o mundo exterior tem como consequência o enfraquecimento dos laços familiares e afetivos e o sentimento de impotência para resolver questões familiares e económicas, por exemplo.

*“O mais difícil da privação é não poder estar com os nossos familiares (...)” (R<sub>1</sub>).*

*“ (...) Mas o que mata a mim é financeiramente não poder fazer nada. Não é o dinheiro que eu mando daqui que são trinta/quarenta euros que é suficiente (...)” (R<sub>10</sub>).*

Os indivíduos sentem na pele o controlo do sistema prisional, ficam confinados ao espaço prisional e à cela/camarata e têm de aprender a lidar com os outros reclusos.

*“ (...) imagine tanta hora ali dentro, com três pessoas dentro dum espaço tão pequeno. Estar ali das sete horas até às oito do outro dia. É muitas horas fechado, é saturante. Só que o ser humano adapta-se. Muitas das vezes é complicado porque nem todos os feitiços são iguais e uma pessoa tem de se adaptar. Mas o ser humano tem essa capacidade de se adaptar às coisas” (R<sub>7</sub>).*

*“ (...) É pressão diária que exercem sobre as pessoas para as tentar manter controladas” (R<sub>8</sub>).*

Os problemas de saúde psicológica fazem-se sentir ao longo do cumprimento da pena, nomeadamente as insónias e o estado de ansiedade. Como partilha o R<sub>7</sub>, “ (...) não durmo bem, sonho a noite toda, só pesadelos, acordo umas cinco vezes durante a noite, isto assim o cérebro não descansa” (R<sub>7</sub>)

As prisões acabam por ser o reflexo das insuficiências e dos efeitos da crise sentida, os edifícios são antigos e carecem de manutenção. A consequência mais imediata da crise, apontada por todos os indivíduos, é a alimentação, que não satisfaz os requisitos mínimos de uma refeição equilibrada. “A comida é mesmo demais... crua, mal feita, não há hipótese. É mesmo do pior (...)” (R<sub>2</sub>).

No que diz respeito à ocupação do tempo prisional, os reclusos ocupam o tempo de forma distinta. Goffman (1987) defende que as atividades em que os indivíduos participam podem atenuar a tensão psicológica criada pelo ambiente do local. Os entrevistados indicam as atividades desportivas (ginásio, futebol, caminhada, corrida) e de campo (plantação, cortar erva e arranjar o jardim), as atividades escolares (TIC, artes) e a frequência de cursos (horticultura, calceteiro, padaria/pastelaria), a leitura e a escrita, as terapias (programas específicos, psicomotricidade, terapia ocupacional), o recreio e a ocupação laboral como forma de ocuparem os dias.

*“ (...) ponha-me na cela a escrever ou a ver televisão, ou jogava um bocado de ping-pong, um bocado de matrecos (...)” (R<sub>1</sub>).*

*“(...) Ginásio e trabalho, nada mais. E jogar um play-station a noite, a queimar um bocado de tempo” (R<sub>2</sub>).*

*“(...) Também preenchia o meu tempo a ler, sempre fiz ginásio que é uma maneira de distrair e de aliviar o stress” (R<sub>3</sub>).*

*“(...) Vemos os filmes, à quinta-feira temos o GPS, à sexta-feira vamos ter uma nova terapia sobre a internet (...). (...) E temos terapias de motricidade, temos ginásio, jogamos à bola de vez em quando. É isso” (R<sub>6</sub>).*

*“Estou no futebol também, na seleção. E faço desporto aqui no ginásio. E leio um bocado tenho aí o calhamaço do livro para estudar e quando há estabilidade a gente lê um bocado” (R<sub>8</sub>).*

*“Tento correr, andar de bicicleta. (...) De resto é ver televisão, não sou muito de ler sou sincero é um erro meu (...)” (R<sub>10</sub>).*

*“O desporto, a seleção e na altura, no pavilhão, era faxina do ginásio de manhã à noite e dava aulas ao pessoal, ensinava-lhes algumas coisinhas. Fiz yoga, fiz um programa com a Dra. X que era de prevenção [Construir um plano de prevenção e contingência] (...)” (R<sub>10</sub>).*

Os reclusos apontam, ainda, a diferença que existe entre os diferentes regimes (ULD, RC, CASA) na ocupação do tempo prisional, nomeadamente nas ofertas e no desenvolvimento das atividades. No RC, os indivíduos sentiam maior dificuldade para ocuparem o tempo, havendo menos ofertas e acompanhamento do que na ULD, por exemplo.

*“(...) estive quase dois anos sem fazer absolutamente nada na cela” (R<sub>5</sub>).*

*“Quando estava lá em baixo [regime comum] não fazia muito, como você sabe aquilo também não interessa a ninguém. Aqui na ULD é diferente, fez ganhar outras... acordar cedo, tomar o pequeno-almoço a horas, almoçar a horas, jantar a horas... é diferente. Ter terapias... é outros hábitos (...)” (R<sub>6</sub>).*

*“Quando estava no pavilhão era mais difícil porque não tínhamos ocupação, ocupei sempre o tempo na leitura. Eu sou um devorador de notícias por assim dizer, tudo o que seja jornais, revistas, livros. Só para lhe dizer que aqui numa semana li quatro livros (...)” (R<sub>9</sub>).*

*“Doutora, agora aqui ocupa-se melhor. No regime comum era fumar ganza o dia todo, era isso... e jogar à bola, ir ao recreio pouco mais (...)” (R<sub>12</sub>).*

*“Lá em baixo [regime comum] era sempre fechado doutora. Sempre dentro do mesmo recinto, no mesmo pavilhão não há... só tem o recreio de manhã... à semana, ao fim de semana e à tarde (...)” (R<sub>1</sub>).*

O ritmo natural do RC fazia parecer que o tempo passava mais depressa, como relata o seguinte discurso: *“No pavilhão parece que passa melhor o tempo. Parece que*

*os dias andam mais rápido, por causa da movimentação que tem, dos filmes que se vê diariamente (...)*” (R<sub>2</sub>).

A ocupação do tempo acaba por se tornar uma rotina, e os reclusos organizam o seu dia de acordo com os horários estabelecidos, com as atividades disponíveis e em que participam.

*“Levanto-me, vou tomar o meu pequeno-almoço, vou tomar o meu banho, visto-me e vou para o trabalho. Venho do trabalho vou almoçar, estou um bocado no bar a socializar... a noite vem vou treinar, vou jantar, tomo o meu banho, vejo um bocado de televisão e adormeço. E passo assim”* (R<sub>11</sub>).

*“Vou trabalhar para o bar. É o que eu faço porque ali no bar não dá tempo de muita coisa. É de manhã até às seis. Começo às sete e meia e acaba às seis da tarde”* (R<sub>3</sub>).

Sobre as alternativas às atividades desenvolvidas e à ocupação do tempo prisional, os reclusos mencionam que o leque de ofertas (atividades socioculturais, desportivas, escolares, laborais) deveria aumentar. Neste sentido, de acordo com os seus gostos e necessidades, indicam o aumento das atividades ao ar livre, a periodicidade e a duração das atividades deveria ser ajustada e os ginásios podiam ser mais completos; no caso da CASA, as máquinas encontram-se no espaço exterior e já têm ferrugem.

*“Devia haver mais atividades relacionadas com artes como pintura, teatro. O projeto de dança devia ser repetido para outras pessoas que não chegaram a participar no primeiro. Cursos musicais, línguas. Acho que está muito desaproveitado (...)*” (R<sub>5</sub>).

*“(...) devia haver mais oportunidades de cursos e formações, mais desporto porque se o desporto for saudável é bom”* (R<sub>11</sub>).

Outra sugestão é a ampliação dos postos de trabalho e dos cursos leccionados, para que possam construir conhecimentos úteis para a futura reinserção. Também sugerem a integração de formação específica na área do civismo, do bem-estar e do código da estrada para indivíduos a cumprir pena por crimes rodoviários. Por fim, mencionam a importância da integração de atividades de estimulação cognitiva, como podemos verificar no discurso seguinte: *“(...) estimular as pessoas a jogar um bocado mais de xadrez, que também é bom pôr o pessoal a pensar (...)*” (R<sub>12</sub>).

Na lógica do referido, no que respeita às oportunidades de acesso às ofertas prisionais e à sua organização, os dados indicam que a estrutura prisional não é capaz de assegurar a ocupação para todos os reclusos devido à sobrelotação; no entanto, também

se assiste a casos em que as oportunidades não são aproveitadas. Os reclusos referem a necessidade de demonstrar interesse para que lhes seja dada uma oportunidade, nos casos em que as posturas são de desinteresse e desinvestimento torna-se mais difícil. No caso do acesso à escola, os reclusos encontram-se perante um dilema. Têm de escolher entre a escola e o trabalho, pois se quiserem frequentar as duas atividades em simultâneo, o ordenado prisional é cortado. Tendo em conta as condições socioeconómicas da maioria dos reclusos, estes acabam por optar pelo trabalho. “(...) *se pudesse andar a trabalhar, ganhar o mesmo e estudar... eu ia. Eles cortam, nem dá tempo para isso. Eles dizem logo: escola ou trabalho, não é? As duas coisas é um bocado difícil, percebe? Eu também preciso dos quarenta e dois euros*” (R<sub>2</sub>).

A opinião de que as atividades são limitadas é partilhada pela maioria dos indivíduos, excetuando a opinião que do R<sub>11</sub> que sente que “(...) *a cadeia dá-nos muitas facilidades para a gente querer ocupar o nosso tempo (...)*”. Partilham, ainda que a periodicidade e a duração das atividades são muito rígidas e que os critérios de seleção e admissão para a participação nas atividades são, por vezes, incompreendidos.

*“São limitadas, isso é geral. Mas mais vale haver uma do que não haver nenhuma. Então se houver quatro, cinco ou seis melhor ainda (...)*” (R<sub>10</sub>).

*“(...) é tudo muito curto. Às cinco da tarde termina tudo e só começou às duas ou duas e meia e depois? E de manhã começa às nove e às onze já acabou tudo*” (R<sub>8</sub>).

*“Isto está muito limitado e de certo modo muito restrito. Porque há pessoas que não lhes dão permissão para algumas coisas e eu não entendo porque e a outras dão permissão e eu também não entendo porquê. Acho que às vezes as coisas são muito mal avaliadas e não funcionam bem*” (R<sub>10</sub>).

Quem cumpre uma pena de prisão efetiva e passa os seus dias confinado ao espaço e tempo prisional acaba por perceber, mais profundamente, os meandros da dinâmica institucional. De acordo com os dados recolhidos, os reclusos refletem sobre as diferenças notórias entre os pavilhões e sobre as tentações e ilegalidades que fazem parte desta dinâmica.

*“(...) Nós notamos diferença de um sítio para o outro. Mesmo aqui dentro da sexta para o B, do B para o A, do A para a CASA.... nota-se uma diferença doida. São patamares completamente diferentes, parece que estamos noutra país. É que não é cidade, é país logo. Parece logo outros países. A forma de convívio, a forma de respeito, a forma das brincadeiras... tudo muda. A sexta nunca lá estive sem ser em trabalho é um ambiente pesado, as próprias condições dizem muita*



*coisa, depois os crimes que estão lá praticamente fazem confusão na cabeça de qualquer ser humano. No B é aquele pessoal jovem, já vivido, aquele pessoal da escola... é muito rápido, parece que está na autoestrada. Sexta é aldeia, anda muito devagarinho, muito esquisito, cada um no seu canto. O B é uma autoestrada, tudo em excesso de velocidade. No A é mais uma cidade, o pessoal tem de parar nos semáforos, tem de parar nos STOP's para não provocar um acidente. Aqui a CASA é mais parque de estacionamento, está tudo arrumadinho, toda a gente sabe qual é o seu lugar (...)" (R<sub>10</sub>).*

*"(...) Porque aqui é um azar, sabe que aqui um telemóvel é uma coisa que vale ouro. Eu posso não o ter, posso não ter meios mas se alguém o tiver e se uma pessoa puder usufruir... uma pessoa pensa... (...)" (R<sub>10</sub>).*

*"(...) lá em baixo [regime comum] sabe que a tentação é forte tanto a nível de telemóveis como haxixe uma vez que é uma cadeia aberta e é fácil meter essas coisas (...)" (R<sub>5</sub>).*

Quando questionados sobre o tratamento e o acompanhamento prisional, as opiniões e os discursos divergem entre aspetos positivos e negativos. Uma parte dos reclusos sente que lhes é prestado o apoio necessário, tal como demonstra o discurso seguinte: *"(...) não posso apontar o dedo a ninguém. Tudo o que pedi, sempre que fui falar com as pessoas sempre fui bem tratado, sempre me trataram bem, sempre me resolveram as coisas (...)" (R<sub>2</sub>).*

Acontece que o apoio prestado, em alguns casos, não é eficiente porque as condições não permitem que se faça de outra forma, refletindo-se isto na lentidão dos processos e num acompanhamento não tão regular como desejável.

*"É prestado o apoio às vezes não tão rápido como nós queremos mas é prestado" (R<sub>6</sub>).*

*"(...) Em dois mil e treze eu metia uma petição para a minha técnica de educação e era chamado passado quinze dias" (R<sub>5</sub>).*

*"Nós aqui temos a psicóloga que nos atende uma vez por semana e a psiquiatra. Mas também não dá para serem omnipresentes. Tem a clínica toda em cima da psiquiatra, não é? E as pessoas não fazem milagres (...)" (R<sub>12</sub>).*

*"(...) [no regime comum é] mais demorado, há uma técnica para não sei quantas pessoas e não se pode exigir muito mais. A culpa não é das doutoras, a culpa é do país. Não há dinheiro, não se recruta pessoas, não se pode fazer mais e as pessoas têm de se ajustar e tentar fazer o melhor que podem com o que têm (...)" (R<sub>12</sub>).*

A situação descrita poderá estar ligada à austeridade do país, também indicada por um dos entrevistados, comprometendo o funcionamento do sistema prisional a todos os níveis. A legislação prevê que sejam garantidas, pelas prisões, condições de vida

dignas e que se minimizem os efeitos adversos do cumprimento da pena. Porém, na opinião dos participantes era importante que se oferecessem mais e melhores condições aos reclusos.

*(...) a austeridade que se está a refletir aqui dentro (...). (...) estamos muito reduzidos em termos alimentares, a qualidade deixa um bocadinho a desejar (...)*” (R<sub>9</sub>).

*“(...) Dentro dos recursos que a cadeia tem acho que já está bem bom doutora. (...) dentro do contexto prisional acho que as pessoas não podem esperar muito mais (...)*” (R<sub>12</sub>).

Em contrapartida, um dos reclusos não se sente apoiado, alegando que o que está instituído não permite que as técnicas, neste caso, prestem o apoio devido.

*“(...) não me é prestado apoio nenhum. Ou seja, nós só temos o apoio que pedirmos. Ou melhor, isto está instituído que as técnicas, não estou a dizer que o problema é delas, está instituído assim... elas não são capazes de vir por nada chamar: “Então está tudo bem consigo?”, “O que você anda a fazer?”, “E a escola e o trabalho?”*” (R<sub>8</sub>).

Tal como toda a dinâmica parece diferir entre os diferentes pavilhões, como já mencionado, também os dados apontam para um tratamento e acompanhamento diferenciados entre o RC, a ULD e a CASA.

*“(...) Porque muitos lá em baixo [regime comum] não tem a mesma sorte do que uma pessoa aqui em cima, quer a alimentação... tudo em si... quer a própria aprendizagem, os horários, tudo, as próprias rotinas. Àquela hora temos de estar a pé, temos de fazer isto e aquilo, temos sempre as nossas rotinas”* (R<sub>1</sub>).

*“(...) É da água para o vinho. Aqui [ULD] é melhor em todos os sentidos (...)*” (R<sub>6</sub>).

*“(...) Ali passamos fome, lá em baixo. Passamos fome, isto é, no refeitório. Depois comemos chocapic, cerelac, salsichas e atum. É sempre a mesma coisa, sempre”* (R<sub>6</sub>).

*“(...) Quando estava lá em baixo desejava mesmo comer um prato de comida”* (R<sub>6</sub>).

*“(...) Lá em baixo [regime comum] é um degredo. Pelo menos aqui estou resguardado a certas coisas, não quer dizer que fosse ter uma recaída se tivesse lá em baixo mas aqui é diferente. A nível de condições, de higiene... é diferente, eu prefiro estar aqui”* (R<sub>7</sub>).

Os reclusos sentem-se meros números do sistema, como espelha o discurso do R<sub>5</sub> *“(...) Aqui dentro não passamos de um número: é mesmo assim, tão simples quanto isso”*. Além disso, indicam a estandardização de alguns processos, que acabam por criar um sentimento de descrença e desconfiança em relação ao funcionamento sistema.

*“(...) ele [juiz] não nos conhece, ele limita-se a fazer o que tem a fazer pelo que lhe põem à frente” (R<sub>8</sub>).*

*“(...) Isto há uma cartilha que eles seguem à risca. Quanto é que medes, quanto pesas, qual a tua idade e segundo esses parâmetros vais de precária. É reincidente, não é reincidente. Se for reincidente só vais de precária não sei quando, se fores primário... isto se portares sempre bem e não sei quê (R<sub>8</sub>).*

*“Acho que deviam tentar melhorar o que tem, sobretudo as leis e as formas de trabalhar. Porque se virem bem nós não somos todos iguais, nem toda a gente reage da mesma maneira (...)”(R<sub>10</sub>).*

*“Eu não entendo como é que uma pessoa que me vê uma vez por ano consegue dizer que eu sou isto e aquilo. (...) Os relatórios que ele [técnico IRS] faz é para eu não sair daqui de dentro. Faz-me confusão, há certas coisas que me fazem confusão” (R<sub>10</sub>).*

Os discursos dos entrevistados revelam que sentem que o sistema prisional e o seu modo de ação não garantem a criação das condições necessárias à futura reinserção, pois o sistema acaba por permitir que se perpetuem os vícios e comportamentos aditivos e de exclusão.

*“(...) A prisão só faz pior, só faz uma pessoa ir pior. Falo do regime comum, os mesmos hábitos que você tinha na rua tem aqui, fumar ganza, telemóvel, isto e aquilo. Mas telemóvel é o menos que lá fora é legal, não é? Fumar ganza, pessoas que fumam droga como cocaína e heroína podem continuar a fumar porque há na prisão e isso é mau, não é? Porque devia ser onde nós nos reinserimos e não é. Trabalho? Há trabalho para umas pessoas e para outras não há e é tudo uma casa a arder (...)” (R<sub>6</sub>).*

*“Como é que querem reabilitar uma pessoa se só consegue fazer uma chamada por dia de cinco minutos para a família? Explique-me” (R<sub>8</sub>).*

*“(...) pessoas que não têm nada na vida, que saem dali chegam aquela porta: Para onde vou? O que vou fazer? Há muita probabilidade de voltarem a reincidir no crime (...)” (R<sub>6</sub>).*

Dada a situação descrita, os reclusos sugerem que se aplique um maior profissionalismo ao que é desenvolvido, aliando uma maior sensibilidade ao perfil dos funcionários.

*“(...) Tem de se aplicar aqui às coisas um carácter mais profissional, mais intenso (...)” (R<sub>8</sub>).*

*“(...) as pessoas deviam parar e conversar com quem está no terreno, ver os erros, ver as falhas, ver o que se pode melhorar (...)” (R<sub>10</sub>).*

*“(...) Eu desde que estou aqui já vi sete ou oito pessoas a morrer e tudo por negligência. Porquê? Porque a pessoa provavelmente tem dois empregos, ou quer dormir, ou não está disposta ou está num dia não e o problema aqui é que as coisas se abafam. Custa. Das últimas pessoas que eu vi, nós batemos todos à porta do pavilhão, bater à porta, bater à porta e do*

*gênero “deixa bater”. Depois os guardas vêm “O que querem?”, “ O que vocês querem? Não estão a fazer barulho demais?”. “Não estamos a fazer barulho de mais porque está alguém a sentir-se mal”. “Isso é normal, isso é normal”. Depois vão chamar o enfermeiro e o enfermeiro é ali ao lado e demora vinte minutos. Quando dão fê uma pessoa morre dentro de uma cela (...)” (R<sub>10</sub>)”*

*“Olharem mais pelos reclusos, por exemplo. Darem mais benefícios, não dão. Mandar mais pessoas embora, que não mandam. Que o juiz fosse mais sensível às pessoas que, infelizmente, não o é (...)” (R<sub>6</sub>).*

Ao longo da vida estabelecemos um conjunto de relações quer por necessidade ou afinidade. As relações entre os reclusos e a formação de grupos são incontornáveis, tendendo a juntar-se aos seus semelhantes. Quando questionados sobre as relações que estabelecem com os colegas, os reclusos afirmam que se estabelecem boas relações com base no respeito mútuo, naturalmente, existindo uma maior empatia com uns colegas do que com outros. Existem casos em que as relações são hierarquizadas, pautadas pela agressividade, violência, poder e interesse.

*“[No regime comum] Há mais grupos. Quando há confusão com uma pessoa vão logo três ou quatro em cima. É chato” (R<sub>1</sub>).*

*“(...) Se calhar aqui retrai-me mais um pouco precisamente porque é cadeia e como era a primeira vez eu andei e tentei pôr os pezinhos devagarinho(...)” (R<sub>4</sub>).*

*“É boa, é normal. Nem todos dias acordamos bem dispostos mas é normal. Não sou antipático, mantenho a minha posição, eles têm a deles e eu tenho a minha” (R<sub>6</sub>).*

*“É como lá fora. Aqui é mais concentrado mas é como lá fora. Estou bem consigo ando consigo não estou bem consigo afasto-me. Depois sabe que aqui as tentações costumam sempre ir aos extremos, é diferente lá de fora (...)” (R<sub>10</sub>)*

*(...) [no regime comum] além das relações há sempre negociatas, há sempre muita coisa por trás. Lá em baixo também há uma ferramenta que se aprende para o resto da vida que é conseguirmos analisar as pessoas no mais curto espaço de tempo (...)” (R<sub>12</sub>).*

No caso das relações entre reclusos e funcionários (administrativos, técnicos e guardas prisionais) estas são, na maioria, relações cordiais que se gerem à base do respeito mútuo. Há casos de maior afinidade, quando o indivíduo vê naquela pessoa a única solução para o seu problema, para um desabafo ou para uma palavra de conforto. Em oposição, apontam a importância de um certo grau de distanciamento nas relações e é notório o abuso de poder por parte do corpo de guardas prisionais.

*“(...) eu não tenho nada a dizer, nem de técnicos nem de guardas... Eu dou-me ao respeito e respeito e igualmente fazem comigo. Claro que se a gente faltar ao respeito já sabe as consequências disso (...)” (R<sub>3</sub>).*

*“(...) Há aqueles guardas que já me fecharam várias vezes no castigo e volta e meia no pátio do castigo era a única pessoa com quem tinha para falar... não é um laço de amizade mas ganha uma certa afinidade” (R<sub>5</sub>).*

*“(...) lá em baixo [regime comum] os guardas vão fechar as portas e vão abrir, doutora. E temos de dar o nosso número para ao refeitório e para vir para dentro. (...) aqui na ULD durante o dia não estamos mais do que cinco minutos sem ver o guarda. Aqui há uma proximidade. Lá em baixo não, as da cozinha são mal encaradas todas, os guardas é como em todas as áreas: há pessoas boas e pessoas más, pessoas incompetentes e pessoas competentes. Isso ponto final. As enfermeiras, igual. Há enfermeiras cinco estrelas que compreendem as pessoas, outras cara feia e não querem saber. Mas isso acho que é em todo o lado não é por estar aqui. Há bons profissionais e maus profissionais, há quem seja corrupto e quem não seja, isto depois ali há de tudo” (R<sub>12</sub>).*

O período de reclusão traduz-se, inevitavelmente, num período de reflexão. A percepção dos reclusos sobre o período de privação de liberdade marcou-os de forma distinta. Deste modo, a passagem pela prisão é uma marca para toda a vida, que acarretou perdas irrecuperáveis como, por exemplo, o crescimento dos filhos e irmãos. O corte com o mundo exterior e com os laços familiares, por exemplo, fizeram com que os indivíduos valorizassem mais essas relações. De forma gradual, os indivíduos conformam-se com o novo estatuto de recluso, que irá fazer parte das suas vidas durante um determinado período de tempo. Para a maior parte dos indivíduos, a passagem pela prisão permitiu uma introspeção sobre o percurso de vida, sendo, sem sombra de dúvida, uma verdadeira lição de vida a não repetir. Em termos mais práticos, o percurso prisional trouxe um conjunto de novas aprendizagens e conhecimentos, contribuiu para a mudança de comportamentos/attitudes e a criação de novos hábitos e rotinas. Para os restantes indivíduos, o período de reclusão apenas se assumiu como uma perda de tempo e despertou o sentimento de revolta contra o sistema.

*“Aprendo muito, aprendo muito. Desde que vim para aqui aprendi a dar valor que não dava a muita coisa. Comecei a dar mais valor à minha família, comecei a pensar mais na vida, a ver os prós e contras e estou a aprender entre aspas a ser um homem melhor. Sem dúvida. E tenho consciência que quando sair daqui vou ser muito melhor do que aquilo que era (...)” (R<sub>2</sub>).*

*“(...) Desde que entrei aqui ganhei algumas ferramentas para não voltar a cometer os crimes. E com essas ferramentas, pondo-as em prática espero não cair nas mesmas asneiras (...)” (R<sub>12</sub>).*

*“Levo uma lição de vida muito grande. Um abre olhos, uma mudança de vida. Vou dar mais valor à vida e a mim mesmo porque só vivemos uma vez (...) (R<sub>7</sub>).*

*“(...) Isto é uma tatuagem que fica para o resto da vida. E eu próprio às vezes noto que a minha cabeça não anda muito bem (...) (R<sub>10</sub>).*

*“É o que eu mais quero [não voltar]. Estou a perder aqui muitos anos da minha vida. Aqui dois, quatro anos ou cinco parecem dez. É muito complicado” (R<sub>2</sub>).*

*“(...) aqui deu-me tempo para pensar em muita coisa (...)” (R<sub>4</sub>).*

*“Levo uma perda de tempo”; “(...) Serviu para perder a minha juventude” (R<sub>5</sub>)*

O momento da saída e do contacto com o exterior é o mais ansiado por todos. As expectativas de reinserção são abaladas pelo medo do preconceito e dos obstáculos que se poderão colocar ao novo estatuto de ex-recluso. Manter uma vida regrada e afastada dos hábitos aditivos, integrar novamente a família e o grupo de amigos e ser feliz são os desejos pessoais dos indivíduos. Partilham, ainda, a pretensão de ingressar numa profissão ou criar um negócio próprio, obter a carta de condução e apostar na formação académica e profissional.

*“(...) Ter esse prazer [ter uma família] mas agora sem haver os charros, sem haver as bebedeiras, dar prioridade a outras coisas boas, a outros prazeres da vida que não são só as drogas e o álcool que nos dão essa sensação de prazer (...)” (R<sub>12</sub>).*

*“(...) quando sair daqui uma das coisas que eu vou querer fazer é comprar uma máquina de tatuar profissional, e vou querer tirar um curso de tatuador. (...) ou cabeleireiro” (R<sub>5</sub>).*

*“Vou trabalhar e vou ser outra pessoa. Não vou andar aí a cometer crimes. Vou ser uma pessoa normal, dita normal na sociedade, não é? Normal somos todos mas dentro da sociedade (R<sub>6</sub>).*

*“(...) Quero ser feliz e quero sair daqui, ter o meu trabalho e pronto... já estou junto com outra rapariga há oito anos e fazer uma vida feliz. É o que eu quero, mais nada (R<sub>3</sub>).*

*“(...) quero tirar um curso de soldador e de inglês e vou trabalhar para a beira do meu pai. O meu pai tem uma empresa e mete-me a trabalhar. Mas eu quero aprender mais (...) (R<sub>6</sub>).*

*“(...) um gajo assim com a cara tatuada, não vai ser fácil arranjar certo tipo de trabalhos (R<sub>5</sub>).*

*“Muito mais complicada. Já faço agora trinta e cinco anos, registo criminal sujo, sem profissão. Não é fácil (...)” (R<sub>10</sub>).*

### **6.3. Conceções Educativas em Contexto Prisional: Educação Formal, Educação não formal e Educação Informal**

Esta categoria é comum à análise das entrevistas aos reclusos e aos técnicos. Deste modo, a análise e interpretação dos dados obtidos será realizada nesta secção.

Na perspectiva dos reclusos entrevistados, as diferentes atividades desenvolvidas no EP são importantes porque permitem a criação de hábitos e rotinas, o contacto com outros mundos e pessoas e a ocupação do tempo de modo diferente. A participação nas diferentes atividades proporciona momentos de aquisição de novas ferramentas, competências e saberes e permitem a manutenção de um corpo e mentes sãs.

*“ (...) É tudo só vantagens para aprender quando for lá para fora, porque quem não se levanta aqui para ir trabalhar também lá fora não se levanta ” (R<sub>3</sub>).*

*“ (...) é uma maneira de por um lado as pessoas saírem um bocado deste mundo, distrair-se com outras situações, ter contacto com outras pessoas e aproveitar (...) ” (R<sub>3</sub>).*

*“ (...) se uma pessoa não ocupa o tempo dá em maluquinho na cela (R<sub>3</sub>).*

*“ (...) Quem quiser deve estar ocupado mentalmente e fisicamente. O não estar ocupado só cria uma série de vícios e matutar ” (R<sub>8</sub>).*

*“ (...) [são] ferramentas que nos servem lá para fora, para a vida ” (R<sub>6</sub>).*

*“ (...) aprendesse sempre alguma coisa. Uma simples regra é uma aprendizagem (...) (R<sub>9</sub>).*

*“ (...) O desporto é uma forma de a gente aprender muita coisa na vida. A nossa postura, a nossa maneira de estar, a maneira de encarar as coisas, de ver as coisas (...) (R<sub>11</sub>).*

Quando inquiridos sobre o valor da escola, os reclusos revelam que a escola é um espaço privilegiado onde muitos deles conseguem obter uma nova oportunidade e experiência com o sistema escolar que, em tempos, tinha sido defraudada. Na escola, os reclusos podem aprender a ler e a escrever, adquirirem mais cultura e sabedoria e, neste espaço, é permitido o encontro de diferentes ideias. Tal como refere Frolander-Ulf (2001 cit. in Gabriel, 2007: 121), não existe razão *“para que a população prisional não consiga aprender a ler e a escrever antes do fim da sua pena”*. É também nesta lógica que os reclusos veem a escola, como um aparelho de combate ao analfabetismo. Um dos reclusos entrevistados acusa os colegas de um proveito inadequado da escola.

*“ (...) dá-nos mais cultura, mais sabedoria (...) ” (R<sub>2</sub>).*

*“ (...) A escola é cultura geral e as pessoas vão aprendendo mais qualquer coisa...mesmo inconscientemente aprendem sem querer ” (R<sub>3</sub>).*

*“ A escola para mim, no meio prisional, é muito importante. Só que o problema é que o pessoal não está interessado na escola (...) ” (R<sub>4</sub>).*

*“ (...) faz bem para não estarmos sempre confinados ao mesmo espaço. E para aprendermos sempre mais alguma coisa. E para vermos caras diferentes (...) ” (R<sub>6</sub>).*

*“ (...) Acho muito bom para darem oportunidade às pessoas de aprender um pouco mais porque vesse muitas pessoas analfabetas dentro das cadeias. (...) Há pessoas que se calhar não tiveram oportunidade de estudar lá fora e têm uma oportunidade aqui dentro” (R<sub>7</sub>).*

*“ (...) A escola é o básico para tudo, nós hoje em dia sem a escola, sem estudos não somos absolutamente nada. O maior número de pessoas analfabetas que eu vi na minha vida foi na cadeia. Em dois mil e dezasseis não acreditava que houvesse tanta gente sem saber ler nem escrever. Isso era no tempo da minha avó e da minha mãe que essas coisas existiam”(R<sub>11</sub>).*

O que motiva os reclusos a participar nas diferentes atividades desenvolvidas é a vontade de adquirir novos conhecimentos, de reforçar e testar as próprias capacidades. Os pareceres favoráveis nos relatórios também são uma das motivações para alguns reclusos.

*“(...) Optei em ir para a escola para reforçar as minhas capacidades de aprendizagem, ocupar a cabeça, ter uma ocupação mais reforçada aqui dentro e também demonstrar a mim mesmo que sou capaz (...) (R<sub>7</sub>).*

*“ (...) Muita gente vai para a escola porque eles fazem querer que é favorável” (R<sub>8</sub>).*

*“Aprendesse sempre qualquer coisa se a gente quiser (R<sub>8</sub>).*

De acordo com a opinião dos técnicos, existe um conjunto de atividades que se desenvolvem em prol do bem estar dos indivíduos, exceptuando a opinião de um técnico que sente que aquilo que é desenvolvido *“(...) fica um bocado aquém do desejado (...)” (T<sub>1</sub>)*. O conceito de bem estar tem sido explorado, essencialmente, em duas áreas: a do desenvolvimento do adulto e saúde mental (bem estar psicológico) e outra que se relaciona com *“aspetos psicossociais, (...) qualidade e (...) satisfação com as condições e circunstâncias de vida [(bem estar subjetivo)]” (Keys et al., 2002 cit. in Brandão, 2001:48)*.

Deste modo, as atividades promovidas pela instituição que visam assegurar e manter o bem-estar do recluso passam por atividades desportivas, os projetos e atividades de voluntariado em diferentes âmbitos (pintura, teatro, dança, religião) e atividades de índole terapêutica, não descurando os cuidados médicos e de enfermagem que são imprescindíveis, especialmente no caso dos internados da CPSM.

*“( ... ) aqui nesta população da clínica acaba por haver realmente muito cuidado, quer ao nível do serviço de educação mas também do serviço de enfermagem, dos médicos, etc..... em criar atividades que promovam o bem-estar físico e psicológico. As atividades de autoimagem, de*



*higiene, de relaxamento, é tudo obviamente com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dos doentes” (T<sub>4</sub>).*

*“(…) Temos sempre vários projetos de voluntariado que vão fazendo atividades diversas: teatro, dança, aplicação de algumas estratégias na área da psicologia (...)” (T<sub>2</sub>).*

*“(…) O ginásio e o desporto são duas atividades que a maior parte dos reclusos valoriza muito e que gosta muito e que estão associadas ao bem-estar deles (...)” (T<sub>2</sub>).*

Tal como refere Redondo (1993: 84), as prisões podem ser um espaço de tempo útil se forem capazes de disponibilizar aos reclusos *“ferramentas educativas e culturais a que, em muitos casos, não tiveram acesso”*. Nesta lógica, as atividades dinamizadas no EPSCBM centram-se, essencialmente, *“(…) em áreas associadas às bibliotecas, da promoção de leitura, do teatro, da poesia. [Nas áreas associadas ao] desporto, nos torneios, no futebol, no basquetebol, nos jogos de mesa (...) (T<sub>3</sub>).* Como forma de manter os reclusos/internados mais próximos das tradições proporcionam-se momentos festivos como as festas de natal, o magusto, os *“dias disto e dias daquilo” (T<sub>3</sub>).* Na perspetiva dos técnicos, os reclusos ocupam a maior parte do tempo entre a escola e o trabalho, as atividades desportivas e festivas e as bibliotecas; contudo, só uma pequena percentagem possui hábitos de leitura. Por conta própria, dedicam-se à televisão e à playstation, equipamentos *“que foram autorizados a entrar, que não eram há uns anos atrás (...)” (T<sub>1</sub>).*

*“(…) as atividades de tempo livre que estão em curso, neste momento, são as atividades associadas à leitura, são as atividades de desporto, são Yoga associado também com uma componente literária, yoga associado a leitura (...)” (T<sub>3</sub>).*

*“(…) Jogar futebol, vólei, basquete, aquilo que cada um deles gostar. Fazer uma caminhada, andar a correr a volta do pátio (...)” (T<sub>2</sub>).*

*“Os que vão à escola e os que trabalham, os que vão à escola na escola, os que trabalham na ocupação laboral; os que estão inativos vão ao recreio e estão na cela a jogar playstation, a ver televisão, ginásio” (T<sub>2</sub>).*

Na clínica, os tempos livres dos internados são passados no recreio. Os internados mais jovens interessam-se mais pelas atividades desportivas e que envolvam competitividade. Já a população mais idosa tem interesse pelo passeio terapêutico dinamizado pela técnica de psicomotricidade. Neste espaço dinamizam-se atividades de diferentes dimensões e em diferentes áreas como atividades de terapia ocupacional e de psicomotricidade, *“atividades ao nível da autoimagem, da higiene corporal e do*

*espaço, das competências sociais” (T<sub>4</sub>). Para além do mencionado, há sempre a preocupação de fomentar a adesão à biblioteca e, por consequência, estimular o gosto pela leitura.*

Sobre as alternativas às atividades existentes, os técnicos referem que seria importante começar por um levantamento daquilo que são os gostos e interesses dos indivíduos, propondo atividades em concordância com a recolha. Também a aplicação de uma dose de inovação e modernização iria favorecer a instituição. Os técnicos sugerem, ainda, a extensão do leque de ofertas como, por exemplo, formação profissional e oficinas de trabalho munidas de melhores condições, atividades ao ar livre, lúdicas e ocupacionais e todas aquelas que favoreçam a produção de competências.

*“(…) tudo que vier de inovação é bom. Eu acho que esta casa precisa de inovação. (...) não temos um estudo (...), um levantamento (...) do que eles gostariam, do que eles são capazes de gostar, eles se calhar também não sabem. (...) eles aderem bem a qualquer coisa que seja novo e em qualquer área (...) mais para a área do desporto, (...) da tecnologia” (T<sub>1</sub>).*

*“(…) Ter umas oficinas, por exemplo, mais bem dotadas com pessoas qualificadas para ensinar, uma serralharia, uma mecânica, uma... não temos” (T<sub>1</sub>).*

*“Eu acho que devia haver mais atividades. Os reclusos deviam estar mais ocupados. Devia haver mais atividades ao ar livre, mesmo que num recinto fechado (...)” (T<sub>2</sub>).*

*“(…) Agora, muitas outras claro que podiam ser desenvolvidas, quer ao nível de formação profissional quer ao nível das ocupações de tempos livres. Ainda continuamos realmente com falta de pessoal e continuamos com uma população ali na Clínica que está completamente inactiva ou que tem atividades muito pontuais numa ou duas tardes da semana e a maior parte do tempo estão inactivos quando poderiam desenvolver atividades lúdicas, ocupacionais, de produção de maiores competências e que não estão a ser feitas” (T<sub>4</sub>).*

Todas as atividades que integram o mapa de funcionamento institucional são pertinentes e não dispensáveis pois apresentam *“fundamentos válidos para a população onde estão a ser desenvolvidas (...)” (T<sub>4</sub>)*. A pertinência está dependente da preparação e desenvolvimento das atividades, que devem ser em conformidade com as necessidades específicas de cada indivíduo ou grupo. Porém, uma das lacunas apontadas é a insuficiência de técnicos com formação e sensibilidade suficiente para levar avante este processo.

*“(…) todas elas são importantes para determinado grupo (...) para aquele grupo se calhar é mais importante a atividade física ou desporto, para o outro se calhar é a atividade profissional. E todas elas acho que têm a mesma importância dependendo do grupo alvo” (T<sub>1</sub>).*

*“São todas pertinentes. (...) temos [de] adequar as atividades a cada caso (...). (...) aquilo que é mais difícil, é colocar realmente os técnicos com formação suficiente para perceberem que as atividades devem ser sempre individualizadas de acordo com as necessidades de cada indivíduo. (...) Todas as atividades são importantes desde que compatíveis com as necessidades que nós estamos a tentar colmatar em cada indivíduo muito particular” (T<sub>4</sub>).*

Dadas as características da população prisional, em específico, o nível baixo de escolaridade dos indivíduos, é atribuída maior importância às atividades educativas de nível formal para que se possam compensar essas carências.

O grau de participação dos reclusos nas atividades referidas depende do tema e da pessoa responsável pela dinamização. As temáticas do desporto, da música e da saúde são as mais privilegiadas. Como retrata o seguinte discurso: *“(...) depende um bocado do tempo e da forma como lhes é proposta a atividade (...) e por quem lhes é proposto. Se for uma pessoa de fora se calhar aderem mais do que se for uma pessoa de dentro (...)” (T<sub>1</sub>)*. A participação também difere com a população, ou seja, no caso da Clínica os internados idosos aderem facilmente *“(...) ao passeio terapêutico e às técnicas de psicomotricidade para aumentar o grau de autonomia (...). [Já] a população mais jovem, sobretudo numa fase inicial da medida, tem muita mais dificuldade de aderir a qualquer projeto seja uma atividade lúdica, seja uma atividade ocupacional, ou laboral ou académica (...)” (T<sub>4</sub>)*.

Na grande maioria, os reclusos não se mostram resistentes às atividades apresentadas e aderem com facilidade desde que lhes faça sentido. Tudo aquilo que possa contrariar a rotina do tempo prisional assemelha-se a uma lufada de ar fresco e é um modo diferente de preencher o tempo. Por norma, *“as atividades são direcionadas a quinze, vinte, trinta pessoas e normalmente estão à volta disso” (T<sub>3</sub>)*.

Nesta lógica, não podemos esquecer que a maioria da população prisional é proveniente de franjas sociais carenciadas e excluídas. As situações de pobreza lançam as pessoas para a margem, para percursos marcados pela privação de recursos suficientes à satisfação das necessidades básicas e por um conjunto de perdas pessoais e da vida em sociedade que influenciam o *“exercício como pessoa económica, política, social, e cultural e com a forma como cada um vive e sente a sua vida” (Nunes, 2006 cit in Fernandes, 2011: 5)*. Por este motivo, torna-se inútil querer incutir nos indivíduos os modelos que nos parecem os mais credíveis, pois que essas nunca foram as suas prioridades.

*“(...) temos muitas vezes conceitos de classe média para aplicar a uma população que vem de franjas muito excluídas e que não tem preocupações de ocupação de tempos livres, tem preocupações é de sobrevivência. E muitas vezes importamos os nossos modelos e tentamos incuti-los numa população que não está receptiva para eles (...)” (T<sub>3</sub>).*

Como já referido, a escola assume-se como a prioridade de intervenção educativa no contexto prisional. Em conformidade com os discursos dos técnicos, o valor da escola está na aquisição de competências e saberes e na criação de rotinas, sendo uma forma útil de ocupação do tempo prisional. Tendo em conta a baixa escolaridade da população prisional, *“(...) apostar fortemente na escola e na formação profissional é garantir mecanismos de escolha no futuro” (T<sub>3</sub>).*

O edifício da escola situa-se num espaço diferente do espaço prisional, o que por si só já é positivo, pois faz os reclusos *“(...) sair do sítio de pernoita para ir estudar, para ir à escola e para regressar depois à área prisional” (T<sub>4</sub>).* O facto de os professores não serem funcionários do estabelecimento é uma forma de os reclusos poderem contactar com o mundo exterior. A escola e as salas de aula são espaços onde os indivíduos se sentem ‘livres’, assumindo-se como espaços privilegiados na oferta de condições favoráveis ao sucesso da reintegração social (Costa, 2011).

Os reclusos que frequentam a escola estão motivados e fazem um esforço adicional em relação aos outros reclusos.

*“(...) Os que vão à escola fazem um esforço muito grande. Porque os que vão à escola, a escola é sempre de manhã. Esses têm mesmo de estar motivados, está frio e está a chover e têm de se levantar de manhã. Eu isso valorizo muito nos indivíduos que estão na escola. São indivíduos sem hábitos de trabalho, muitos deles nunca trabalharam, nunca fizeram nada e, agora, virem para a cadeia e levantarem-se cedo de manhã para irem para a escola é realmente um esforço”.  
“(...) Eu acho que só isso já se prevê que a reinserção irá ser mais fácil, não é? Ou pelo menos estão motivados para isso” (T<sub>2</sub>).*

Ainda em relação à escola e ao valor que esta apresenta, um dos técnicos vê o funcionamento da escola como deficitário.

*“(...) a escola não funciona muito bem...nos estabelecimentos prisionais. Temos professores empenhados (...). De resto é como funciona lá fora quase não é? Vem aqui dar as aulinhas e vão*

*embora e pronto. E ainda por cima sendo num estabelecimento prisional não têm se calhar a atenção que teriam com alunos ditos normais lá fora não é?” (T<sub>1</sub>).*

Em contexto prisional, a escola deve ser uma atrativa, capaz de cativar indivíduos “*descrente[s] das [suas] capacidades e sem coragem para enfrentar de novo a (...) escola, de linguagem inacessível e sem perspectivas de se tornar uma ferramenta importante no mercado de trabalho*”. A escola em contexto prisional é uma extensão do ensino regular, com um método de ensino e objetivos iguais para todos os alunos, quando a intervenção educativa deveria ser de acordo com as necessidades da população a que se destina (Gabriel, 2007: 9). Outra lacuna indicada, tal como revela o discurso seguinte, é o facto de os reclusos terem de escolher entre a escola e o trabalho, por questões económicas. “*(...) A escola falha desde logo porque eles precisam de ganhar dinheiro e preferem trabalho (...)*” (T<sub>1</sub>).

Os técnicos entrevistados vêem os tempos livres como uma forma útil de ocupação do tempo. Os reclusos passam uma grande parte do tempo dentro do espaço prisional (pavilhões e celas/camaratas) e precisam de libertar energias, essencialmente, em atividades que se desenvolvem ao ar livre.

*“(...) Estamos a falar de homens, presos, que precisam de libertar muita energia. E que, portanto, há várias atividades que eles podem desenvolver, essencialmente, ao ar livre (...).”*  
*“Eu acho que ao ar livre, eles estão presos dentro de quatro paredes, mas estarem a apanhar luz direta do dia e gastarem energia, não estarem fechados na cela a jogar playstation ou a ver televisão, saírem, é o essencial” (T<sub>2</sub>).*

Contudo, os tempos livres tendem a ser institucionalizados pois há uma propensão desmedida em preencher os tempos dos reclusos com atividades que se compreendem como adequadas a uma passagem mais suave pela prisão. Como nos revela o discurso do T<sub>3</sub>, “*(...) sem excessos que eles também precisam de descansar e isto não é um colégio em que as criancinhas tenham que andar a toque de caixa de manhã até à noite a fazer aquilo que nós compreendemos que é muito bom para elas*”.

Através dos sujeitos da investigação compreende-se que é atribuída à escola e à ocupação dos tempos livres uma importância preponderante na reinserção social dos reclusos. Deste modo, a escola garante a aquisição de ferramentas úteis para uma melhor reinserção social, quer ao nível da inserção no mundo do trabalho como ao nível

das relações interpessoais. Do mesmo modo, presume-se que “(...) *melhorar o nível intelectual também previne a reincidência criminal*” (T<sub>4</sub>).

*“(...) habilitando o individuo de condições para fazer escolhas, para pensar melhor, para ter acesso a instrumentos de informação que não tem à partida, quando tem níveis de literacia muito baixos não consegue nem defender-se, não consegue produzir um requerimento, a fazer uma pergunta (...). Obviamente que depois temos que associar a isto a escolha de cada um. Mas alguns não conseguem nem escolher não é? Porque não têm meios para poder sobreviver fora destas margens”* (T<sub>3</sub>).

O facto de os indivíduos se sentirem motivados a frequentar a escola é um bom pressuposto para uma melhor reinserção. Também a formação profissional se afigura como essencial “ (...) *porque a maior parte deles são indiferenciados e quando chegam lá fora se tiverem uma formação numa área qualquer podem, depois, desempenhar uma função na área onde fizeram uma formação*” (T<sub>2</sub>).

Já a ocupação dos tempos livres é uma forma de aquisição de diferentes competências em espaços também diferentes, permitindo aos indivíduos o estabelecimento de pontes e a criação de “(...) *dinâmicas de ocupação diferentes (...)*” (T<sub>3</sub>). Contudo, “ (...) *não podem ser projetos em que se insiram as pessoas como num colete porque nunca funcionam*” (T<sub>3</sub>).

À luz do mencionado, na opinião do T<sub>4</sub>, as atividades de tempo livre são uma prioridade para combater a grande problemática da população em questão, que são os aspetos do relacionamento interpessoal.

*“ (...) a ocupação dos tempos livres é tão importante ou mais importante do que a realização de atividades estruturadas. (...) permitem a aquisição de novas competências ao nível de, por exemplo, do relacionamento interpessoal, da tolerância à frustração, à contrariedade, ao conflito e, por isso, é nestas atividades que se promove um maior relacionamento entre os pares e também junto dos funcionários, e que permite a aquisição da capacidade de cumprir, por exemplo, as normas, as regras, de respeitar os outros e é muitas vezes o ponto de partida para a modificação do comportamento e da personalidade, para depois estes indivíduos virem mais tarde a aderir então a atividades estruturadas (...)”* (T<sub>4</sub>).

Atendendo à opinião dos técnicos entrevistados, a prisão pode ser vista como um espaço de partilha de saberes e competências no espaço da escola, nos grupos de

desporto e nas equipas multidisciplinares que desenvolvem o trabalho no EP. As equipas de trabalho são, efetivamente, multidisciplinares: “(...) e a interação entre os vários grupos profissionais é real até porque o pessoal é escasso em todos os sectores (...)” (T<sub>3</sub>). Na perspetiva do T<sub>2</sub>, a partilha fora do espaço escolar poderá não ser a mais adequada “ (...) porque falam um bocadinho do passado deles, mais associado ao crime do que propriamente partilhas positivas (...)” (T<sub>2</sub>).

Noutra perspetiva, verifica-se uma partilha insuficiente de competências e saberes em contexto prisional, como confirma o discurso do T<sub>4</sub>.

*“(...) privilegia[-se], ainda, pouco a questão da formação interpares e que me parece a mim a mais adequada porque desenvolve processos identificatórios. Se o formador for um deles é mais fácil ouvir, estar atentos e adquirirem os conhecimentos. (...) devia mesmo ser um espaço de partilha de saberes e de competências entre eles que se promovesse muito mais o debate, a discussão de ideias e o trabalho interpares que eu acho que é uma coisa que é pouco desenvolvida nos estabelecimentos prisionais” (T<sub>4</sub>).*

Ainda nesta categoria, analisam-se as perspetivas dos técnicos em relação ao contexto prisional como um contexto educativo. O T<sub>1</sub> não acredita que as prisões possam ser espaços educativos, alegando que “ (...) são instituições muito pesadas, com uma carga burocrática muito grande (...)”, acrescentando que mudar a educação de base num EP é uma tarefa muito difícil. A população prisional, neste momento é, essencialmente, de bairro. “ (...) Eles vêm para cá e nós não podemos mudar educações. (...) Eles vêm daquele ambiente e voltam para aquele ambiente. E cá dentro são o reflexo do que são lá fora, e da família que têm e das amizades que têm (...)” (T<sub>1</sub>). O discurso proferido está próximo do conceito de cultura da pobreza de Oscar Lewis: as pessoas que vivem em situações de pobreza têm uma cultura que sobrevive ao longo das gerações através da educação transmitida no seio familiar. A cultura desta classe é construída por um perfil e um conjunto de características próprias como, por exemplo, atitudes, normas e valores que são tidos como forma de adaptação ao estatuto que ocupam (Plana, 2013). O referido tende à culpabilização dos indivíduos pelas suas situações de vida, sugerindo-se que não seguem outros caminhos porque não querem.

Já o T<sub>3</sub> reconhece, de forma clara, o contexto prisional como um contexto educativo “(...) ao nível da integração do grupo, ao nível do acesso à escola, da formação profissional, do ambiente de trabalho prisional e da participação em grupo em atividades (...)”.

Os termos e os significados atribuídos têm um peso no modo como as pessoas interpretam as situações. O T<sub>4</sub> não se identifica com o termo educativo mas, preferencialmente, gostaria que o contexto prisional se assumisse como um contexto de mudança. Na sua perspectiva, quando se fala em educar “*dá a sensação que alguém tem conhecimentos ou competências que o outro não tem e parece-me uma coisa muito unidirecional em que eu estou a educar o outro (...)*”. Na sua relação com os indivíduos contraria a ideia de que está no contexto para ensinar mas sim reforça a ideia de que trabalhando em conjunto conseguirão atingir um determinado fim. Nesta lógica,

*“(...) modificar competências ou traços de personalidade não é ensinar coisa nenhuma, às vezes é incentivar que se experimente formas diferentes de se fazer as coisas e que o próprio perceba se era melhor como fazia antes ou como faz agora. E eu acho que isso é pouco, educar no conceito de ensinar ou de transmitir valores que é um conceito que eu não gosto nada particularmente neste meio, em que eu acho que esta população tem também competências tão importantes em tantas áreas e eu acho que o importante é que eles acreditem em si não é que tenham esta noção de que estão a ser educados por terceiros com mais valores ou com mais conhecimentos, ou com uma forma de ser, não sei, mais conhecedora das coisas (...)”(T<sub>4</sub>).*

No entanto, a forma como as coisas estão definidas define o contexto prisional como um contexto de manutenção de comportamentos, relações disfuncionais e hierarquizadas, ou seja, mantêm-se padrões muito semelhantes aos do exterior.

*“(...) É um espaço em que lá dentro, nos espaços de pernoita, de celas, de relacionamento entre eles acaba por... se nós continuarmos com cadeias com este número de reclusos, com o baixo número de recursos humanos e materiais, com uma imensa permanência dentro dos espaços prisionais e não fora nas escolas, nas oficinas, em atividades lúdicas, etc. em pequeninos grupos e se continuarmos, a assobiar para o lado e a permitir grandes grupos em espaços prisionais vamos estar a promover que se mantenham relações disfuncionais muito parecidas com as que se mantinham lá fora, em que lá fora eram crimes e aqui são permitidas. Por isso, continua a dominar os psicopatas, continuam os indivíduos com personalidade dependente aqui ainda serem mais dependentes, ainda a terem mais receio e continuam a haver relações perfeitamente enviesadas do poder, da superioridade da força física, do medo, do bullying e isto também existe aqui dentro. Por isso se o espaço for um espaço desprotegido eles vão continuar a ser exatamente como sempre foram, a relacionarem-se com os outros como sempre se relacionam. A cadeia só será um espaço de mudança se conseguir em termos de espaço físico, grupos pequeninos, homogêneos com recursos humanos capazes de trabalhar as suas... Pronto. Por isso acho que é um espaço educativo sempre que consegue promover atividades diferenciadas para um grupo de reclusos também diferenciados e aí será um espaço de mudança. Agora para*



*ser um espaço de mudança para a maior parte da população, precisará de mais recursos humanos e materiais, e de mais espaços físicos diferentes em que não estejam na realidade tantos homens numa atividade. Como se vê no regime comum há imensos indivíduos inativos que, com toda a certeza, manterão relações entre eles, muito parecidas do que faziam no exterior promovendo relações de domínio, de hierarquia, de violência, de agressividade em moldes idênticos aqueles que tinham no exterior (...)" (T<sub>4</sub>).*

#### **6.4. Práticas Educativas e o Tratamento Penitenciário**

Esta categoria reúne os dados recolhidos junto dos técnicos e que estão relacionados com as funções de um TSR, as necessidades prementes dos reclusos, a relação entre os recursos existentes e o acompanhamento prisional, as estratégias de incentivo à participação dos reclusos nas diferentes atividades desenvolvidas, o perfil e condições de acesso para as diferentes atividades desenvolvidas e, por fim, a prática institucional e a promoção da reinserção social dos reclusos.

Os TSR são responsáveis pelo acompanhamento dos reclusos ao longo do cumprimento da pena de prisão. Deste modo, realizam tarefas como a entrevista de acolhimentos dos reclusos/internados, a elaboração do PIR e do PTR para o caso dos internados da Clínica, as avaliações do percurso prisional, a elaboração de relatórios solicitados pelo TEP, pareceres para a atribuição das medidas de flexibilização das penas e o acompanhamento diário do recluso e das atividades que frequentam.

Assume-se e está previsto que os indivíduos condenados a uma pena de prisão estejam apenas privados de liberdade, por isso, as circunstâncias e as condições em que os indivíduos cumprem a pena não devem acrescentar consequências à punição determinada. No seguimento do referido, as condições intramuros devem aproximar-se, o mais possível, às condições de vida no exterior (Gabriel, 2007). Conforme os dados obtidos, ao longo do cumprimento da pena os reclusos têm carências ao nível das necessidades básicas, da ocupação laboral e formação escolar e profissional, o aumento da remuneração prisional e a remodelação e manutenção dos espaços prisionais.

*"(...) Pondo-me na pele deles são mesmo as básicas: a alimentação, é estar numa cela com menos humidade, menos frio... e ter algum dinheirinho para comprar a papa Nestlé (...)" (T<sub>1</sub>).*

*"(...) Ocupação laboral, essencialmente, que lhes dê algum dinheiro, que lhes permita fumar, tomar café, comprar umas bolachas. Nós neste momento, assim como no resto da sociedade,*

*temos uma população reclusa com muitas dificuldades económicas, porque se as famílias lá fora vivem mal também não lhes podem trazer dinheiro (...) Quer dizer, não terem produtos de higiene para tomar banho, não é? Nós estabelecimento prisional damos alguns produtos de higiene mas há coisas que para eles são muito mais importantes, o creme hidratante, cheirar bem, aquelas coisas que fazem bem à auto-estima que numa população deste género deve ser estimulada e não há essa possibilidade (...)” (T<sub>2</sub>).*

*“(...)necessidades habituais de populações que não concluíram a escola, que não fizeram formação profissional, que tem escassa experiência de trabalho” (T<sub>3</sub>).*

Além do mais, existem as necessidades de intervenção educativa que passam por *“(...) tentar modificar a personalidade [dos indivíduos] na capacidade de persistência, da perseverança nas atividades sem desistir, sem manifestar comportamentos muito instáveis, desistirem facilmente, tolerarem a frustração ou contrariedade” (T<sub>4</sub>).*

A análise realizada permitiu estabelecer uma relação entre o acompanhamento prisional, recursos existentes e o modo de funcionamento da instituição-prisão. Os técnicos indicam a insuficiência de recursos humanos e materiais, a falta de modernização, a degradação e inadequação dos espaços e a sobrelotação. Também apontam a colaboração insuficiente entre técnicos e guardas prisionais, as dificuldades na comunicação e a adesão dos reclusos ao proposto. O supracitado faz com que não se reúnam as condições necessárias *“(...) para que as coisas possam avançar da forma mais correta (...)” (T<sub>1</sub>),* comprometendo a qualidade do trabalho realizado. A base do problema está na falta, ou seja, na falta de guardas, de técnicos e de dinheiro aliado ao excesso de reclusos.

*“(...) Se temos cem reclusos acabamos por não fazer o trabalho de acompanhamento dos casos com o mesmo rigor, a mesma proximidade, a mesma regularidade do que se tivéssemos cinquenta. Isso parece óbvio. E a questão dos materiais igualmente. As pessoas por mais boa vontade que tenham não conseguem suprir as necessidades (...)” (T<sub>4</sub>).*

Atendendo ao referido, os estabelecimentos foram pensados para acolher um número de reclusos menor do que acolhem atualmente, por isso, as ofertas no âmbito da educação, trabalho e programas específicos revelam-se insuficientes. Assim sendo, a sobrelotação é um dos maiores problemas do sistema prisional (Moreira, 2010). Nesta ordem, a comunicação entre os técnicos e os reclusos é muito difícil. É logisticamente impossível que o técnico esteja com todos os reclusos, presencialmente para informar que determinada atividade vai acontecer, por exemplo.

*“(...) Trezentos e muitos [reclusos] e, portanto, não temos possibilidade de os chamar a todos e de lhes andar a explicar o que é que vai acontecer, não é? Portanto são afixados alguns avisos. Eles não são uma população que ligue muito a avisos, mesmo quando são coisas importantes. E, portanto, acho que a dificuldade é a divulgação. É chegar até eles a informação de que vai haver uma determinada atividade” (T<sub>2</sub>).*

Outra dificuldade apontada é a adesão dos indivíduos a determinadas atividades, essencialmente, no horário da manhã. Verifica-se que os indivíduos estão demasiado acomodados à situação de inatividade, no caso dos consumidores a motivação é menor para integrar qualquer atividade.

Os tempos e os espaços prisionais foram pensados e construídos na lógica “*da segurança, da vigilância e da disciplina*” deixando de parte a componente educativa Costa (2011:73). A prisão “*(...) [a nível de espaços] é muito fraca. (...) As bibliotecas são pouco convidativas, são espaços exíguos. As salas para conferências, para espetáculos são aproveitamentos de salas de visitas, de espaços de recreio interno (...)*” (T<sub>3</sub>).

*“(...) a prisão é muito dispersa e depois acaba por não haver um espaço específico para determinadas atividades, e o espaço acaba por ser o mesmo para várias atividades, ou seja, implica um horário, implica uma organização. (...) A nível de espaços acho que apesar de ser uma cadeia com um espaço ao ar livre muito agradável, para indivíduos que não têm regime aberto, dentro do pavilhão há poucos espaços” (T<sub>2</sub>).*

Na perspetiva do T<sub>4</sub>, os espaços prisionais

*“(...) deviam ser espaços muito privilegiados em termos de conforto para promover uma modificação muito consistente do indivíduo e na realidade nós não temos esses espaços de conforto em termos de temperatura, de área, de decoração, nem a nível dos tempos livres nem ao nível da escola, ou das atividades laborais ou dos próprios espaços onde eles pernoitam (...)”.*

Colocar uma instituição desta dimensão em funcionamento não é tarefa fácil: os projetos de entidades externas e os estágios curriculares asseguram o desenvolvimento de atividades durante um período de tempo, tornando-se difícil encontrar recursos humanos suficientes para dar continuidade às atividades desenvolvidas. Os técnicos também se sentem desapoitados pelo corpo de guardas prisionais que rejeitam certas

iniciativas e bloqueiam nas medidas de segurança. Contudo, há discursos animadores que partilham que apesar dos “(...) *escassos recursos quase em permanência (...) [a instituição] tem trabalhadores muito envolvidos na produção de bem-estar e na produção de condições e (...) consegue produzir trabalho que não é produzido noutros países com mais recursos*” (T<sub>3</sub>).

É sabido que a população prisional prefere ganhar dinheiro, mesmo que pouco, do que participar nas atividades propostas no âmbito escolar, terapêutico ou sociocultural. Como o EP não garante postos de trabalho suficientes para todos os interessados, este é o momento ideal para incentivar os indivíduos à integração nessas atividades (Gabriel, 2007).

Os técnicos são os elementos chave no incentivo à participação através dos atendimentos individuais e da elaboração conjunta do PTR e do PIR, que contemplam “(...) *o desporto, as horas livres, o trabalho e a escola (...)*” (T<sub>1</sub>). As estratégias devem ser adequadas às pessoas e tenta-se que haja, sempre que possível, um “(...) *reforço através destas atividades pontuais (...). Da deslocação da direção habitualmente nestes momentos. É tentar desbloquear alguns constrangimentos associados à vida na cadeia (...)*” (T<sub>3</sub>). A par dos técnicos também o grupo de pares assume um papel fundamental no incentivo à participação.

*“(...) se eles fizerem parte de um grupo coeso e se for um grupo que realmente incentive a participar, a não faltar, etc. vai funcionar muito melhor do que se for um grupo muito heterogéneo, que não tenha nada a ver um com os outros. (...) a incentivar é importante os técnicos depois na participação e na manutenção acho que aí é muito importante o grupo e a forma como o responsável da atividade trabalha o grupo (T<sub>4</sub>).*

O incentivo dos técnicos e do grupo de pares tem de ser aliado à motivação interna de cada um, a mobilização de múltiplas estratégias de incentivo torna-se inútil se os indivíduos não estiverem motivados para tal.

*“(...) acontece a motivação começar com uma motivação externa e não tanto como uma motivação interna. (...) Claro que a pessoa só muda quando a motivação passar a ser uma motivação interna, não é? Ele não vai ter a vida toda alguém a dar-lhe uma precária ou dar-lhe uma saída de curta duração (...)*” (T<sub>4</sub>).

*“(...) há sempre aquela motivação interna que tem a ver com o facto de se estar preso que é estar ocupado e demonstrar ao juiz que estão a fazer um esforço para estarem ocupados de uma forma útil e que frequentam a escola, e que são assíduos e estão interessados em fazer alguma coisa por eles” (T<sub>2</sub>).*

No que respeita ao perfil e condições de acesso para a participação nas atividades desenvolvidas, não existe um perfil de acesso definido. Porém, existem algumas imposições que surgem de projetos e atividades externas, como a idade, as habilitações literárias e reclusos em RAI, por exemplo. Não havendo um perfil definido e para além das imposições externas, percebe-se através do discurso seguinte que vão existindo critérios internos de seleção.

*“ (... ) se for uma pessoa de mais idade vamos dar prioridade ao mais novo, porque em princípio é uma pessoa que tem mais tempo pela frente. Temos em atenção isso tudo, até as habilitações literárias, para determinado tipo de atividades se for um analfabeto é difícil. Pronto, vamos tendo esses critérios, dentro desses critérios vamos fazendo as seleções. Mas não temos nada predefinido” (T<sub>2</sub>).*

De acordo com o referido pelo T<sub>4</sub>, os técnicos e as direções dos estabelecimentos prisionais devem conhecer muito bem a população prisional *“ (...) e, por isso, (...) não deverá haver um perfil do candidato para uma determinada atividade que esteja programada; devem sim elaborar [-se] atividades que sejam compatíveis com a população que, no momento, se encontra a cumprir pena (...)”* ou medida de segurança.

O funcionamento prático do referido devia ser, por exemplo, se há um

*“(...) grupo que tem problemas de consumo abusivo de álcool estabelecer, por exemplo, atividades de tempos livres que promovam competências de abstinência em situações de pressão social. Ou se temos um grupo de violência doméstica poder fazer atividades pedagógicas que promovam o espírito de cidadania, de relações interpessoais e de respeito pelo outro. Se tivermos um grupo mais jovem também terão de ser atividades diferentes se tivermos uma população mais idosa (...)” (T<sub>4</sub>).*

Por fim, os dados obtidos apresentam a relação entre a prática institucional e a promoção da reinserção social dos reclusos. Antes de mais, parece fazer sentido começar a interpretação dos dados com a partilha de uma nota de terreno, dando conta da conversa informal com os técnicos que refletem sobre a situação atual do sistema e da instituição.

*“(...)A primeira missão dos serviços prisionais é a de guardar os presos. Vive-se um flagelo na instituição que é o de haver tanta gente desocupada dentro dos pavilhões, jovens sem ocupação e sem flexibilização das penas. O que existe para oferecer no regime comum são meia dúzia de*

*vagas para faxinas e é normal que as pessoas quanto menos façam menos lhes apeteça fazer. O primeiro passo da mudança seria murar toda a prisão, porque não se vai correr o risco de colocar os reclusos sobre a tentação tamanha das pequenas vedações, dos murinhos, dos campos e zonas de gado perto das estradas” (Nota de Terreno, 12 de janeiro de 2016).*

Acredita-se que a missão dos serviços prisionais é concretizável na medida em que o facto de os indivíduos terem de se adaptar a um conjunto de regras já se revela organizador. O acompanhamento ao recluso é feito na lógica da avaliação das necessidades mais imediatas, sempre com o consentimento do mesmo. E *“(…) isto tem importância, o envolver do próprio no processo e facultar-lhe o acesso a atividades que não foram realizadas em tempo próprio ou em tempo habitual. (...) há ferramentas que promovem a reinserção social” (T<sub>3</sub>)*. A reincidência criminal não é tão alta como o que se supõe, o que significa que alguma coisa de positivo é realizada junto dos reclusos. Porém, não há como apurar

*“(…) se a punição de estar privado de liberdade por um determinado tempo, sem mais, se atuaria ao nível da reincidência criminal da mesma forma que promovendo ou não algum tipo de trabalho extra. Nós queremos acreditar que sim, não é? Que se conseguirmos que o indivíduo saia com melhores qualificações académicas, com melhor formação profissional, certamente terá facilidade em entrar no mundo do trabalho e ter um comportamento socialmente responsável, não reincidindo em crimes que aparentemente são crimes, maioritariamente, de furtos, de roubos. E, por isso, eu acho que a esse nível e ao nível do tratamento da toxicodependência que é um fator de risco muito elevado na reincidência criminal, nós conseguimos trabalhar em termos da reinserção. E aqui o estabelecimento prisional tem uma unidade livre de drogas, por isso, ao nível da toxicodependência temos um tratamento diferenciado para isso e acho que toda a equipa está muito sensível à questão da formação profissional, do aumento das qualificações académicas, de inserir os reclusos em atividades laborais, em atividades desportivas, socioculturais (...)” (T<sub>4</sub>)*.

Neste momento, a prática institucional tem de se moldar às condições e aos recursos existentes. Acontece que *“(…) os reclusos são muitos, as dificuldades são muitas e os técnicos são poucos (...)” (T<sub>2</sub>)*; quando os técnicos chegam ao terreno já sabem as limitações que vão encontrar e é na base do seu investimento que a reinserção é feita, *“(…) daquilo que cada um de investe neles e que tem para dar (...)” (T<sub>2</sub>)*. Nesta ordem de ideias,

*“Ninguém pode (...) achar que só uma pessoa e sem material nenhum de intervenção que vai modificar o mundo ou que vai modificar trezentos ou quatrocentos ou quinhentos homens. (...) acreditar que somos capazes de alterar um bocadinho e, às vezes, o suficiente para ter um*

*percurso de vida diferente daquele que a pessoa teve até esta data e que o conduziu aqui. Eu acho que acreditar é uma coisa muito importante e aquilo que eu noto no sistema prisional é que, apesar de tudo, em termos de recursos humanos hoje as pessoas têm uma formação que me parece mais adequada com esse acreditar e com esse investir, sem grandes romantismos de alterarmos o outro mas alterarmos aspetos disfuncionais do outro que é uma coisa importante. E por isso eu acho que o sistema prisional, sim, consegue realmente ter uma equipa que a mim aparenta ser uma equipa empenhada nessa modificação de personalidade do outro e na reinserção social. Agora com muitas limitações, sim. Desde logo na questão, por exemplo, da reinserção em final de pena, que é uma coisa que passa a estar dependente da equipa de educação e não da equipa de reinserção social. E, por sua vez, passamos a estar dependentes do apoio da segurança social com todas as limitações que nós temos aqui dentro mas que a segurança social também tem lá fora. E ao nível, por exemplo, da Clínica e da saúde mental, tem sido uma dificuldade imensa arranjar estruturas adequadas ao acompanhamento no exterior desta população.*

Outra perspetiva baseia-se na noção de que a missão dos sistemas prisionais fica comprometida desde logo pela descrença depositada nos indivíduos e na sua futura reinserção. A nota de terreno seguinte revela esta perspetiva.

*“ (...) Em conversa com a supervisora local, no gabinete, são partilhados ensinamentos que quero guardar e que fazem todo o sentido. A moldagem de comportamentos é uma coisa lenta, que demora tempo, não é imediato e eu acredito que somos capazes disso. Não é só o facto de eu dizer que aquele caminho é o certo que vai surtir efeito, devemos ser persistentes, assertivos, praticar a legalidade. Não posso pensar em cansar-me ao longo dos anos de trabalho” (Nota de Terreno, 18 maio de 2016).*

Os profissionais têm de estar preparados para encarar os sucessos e insucessos das populações e devem acreditar no que fazem. A descrença e o preconceito dos profissionais em relação aos reclusos/internados coloca em causa a intervenção pretendida.

*“Quantas vezes já ouvi nesta casa dizer, não foram só guardas, malta da secretaria malta do economato: eles não valem o que comem”; “São delinquentes. São pessoas a abater. E cada vez está mais assim. Pessoas que trabalham cá há tanto tempo. Quando eu digo: são doentes. A resposta que ouço: são doentes para uma coisa, são espertos para outra”; “Eles [guardas] não estão a acreditar naquilo que fazem e nem sequer pensam que são uma peça chave para mudar atitudes e comportamentos. Se uma pessoa lhes pede uma coisa dessas: isso não é das minhas funções” (T<sub>1</sub>).*

Na lógica desta perspectiva, a missão não é concretizável na íntegra; no entanto, podem identificar-se momentos que fazem sentido na passagem dos indivíduos pela prisão e que podem ser o clique de que precisam. Assim, o T1 sente “ (...) *que há coisas, há programas, há acompanhamentos, há momentos que podem ser até chave, o clique que eles têm que dar (...) toda a gente dizia aquela sua maneira de olhar, aquele raspanete que me deu, aquele puxão de orelha fez o clique. Portanto, pode efetivamente haver um clique que seja dado por qualquer coisa (...)*”.

Por fim, deve ter-se consciência que as condições e as ferramentas necessárias ao sucesso de uma reinserção futura não são da total responsabilidade dos sistemas prisionais.

*“(...) Obviamente que os instrumentos do ambiente prisional, não alteram as condições sociais nem é suposto que alterem. E as condições sociais do indivíduo mantêm-se; não é um problema para ser resolvido pelo sistema prisional”; “(...) a reincidência criminal não tem a ver só com aquilo que se faz no ambiente prisional. Tem a ver com o modelo social que não é suposto que seja a prisão a alterar” (T<sub>3</sub>);*

*“(...) A família, nós não podemos mudar, eles nasceram naquela. Muitas das vezes, uma casa nova também não podemos dar, eles nasceram no bairro e é para o bairro que vão voltar (...)*” (T<sub>2</sub>).

O que significa que os indivíduos que cumprem pena de prisão são cidadãos que pertencem à sociedade e que, após o cumprimento da pena, regressam aos espaços e lugares a que pertencem. Assim, todo o processo de reinserção é responsabilidade de todos (Morgado, 2012).



## Considerações Finais

Chegado este momento, fica a sensação de que muito ficou por dizer. A exigência de uma descrição sucinta de todo o percurso de estágio e de toda a experiência vivida assumiu-se como a tarefa mais difícil. O desejo de contactar o contexto prisional sempre foi a minha vontade, tendo consciência que, depois de ali estar, tinha duas opções: amar ou odiar. O certo é que o fascínio pela realidade, pelas histórias e pelas relações que fui estabelecendo com as pessoas apoderaram-se de mim.

A permanência no local durante cinco meses permitiu observar de perto e compreender alguns dos processos que fazem parte do funcionamento institucional. Esta experiência possibilitou a desmistificação dos preconceitos incutidos pela sociedade em relação às pessoas que cumprem pena de prisão, podendo afirmar que “*quem vê caras não vê corações*”, o que significa que a aparência das pessoas não dita a propensão para a prática de crimes. Acontece que cada um de nós poderia ter sido diferente se as circunstâncias de desenvolvimento fossem, também, diferentes. Na maioria dos casos, um conjunto de circunstâncias adversas e de imprevistos despoletaram, naturalmente, as situações que levaram as pessoas a cometer os crimes, aliando a isto a inexistência ou falha das redes de apoio.

Os dias na prisão nunca eram iguais, ao contrário do que sentem os reclusos e os internados da CPSM. Durante o percurso de estágio, apesar de ter tido oportunidade de contactar diferentes espaços e momentos, o espaço da clínica foi aquele que contactei mais de perto. O contacto inicial despertou um sentimento de insegurança dada a especificidade do lugar. A ansiedade tomava conta de mim, tinha receio de não conseguir lidar com as situações delicadas e com as fragilidades físicas e psíquicas apresentadas pelos internados. Atormentava-me, ainda, a panóplia de crimes macabros que se reuniam naquele espaço, especialmente, os de cariz sexual, que são os que mais me sensibilizam. À medida que o tempo passou, o sentimento de insegurança transformou-se em fascínio, percebi que o que caracteriza a clínica não são os crimes cometidos por aquelas pessoas mas sim as próprias pessoas e as suas singularidades. No começo, a curiosidade era permanente, saía da clínica diretamente para a secção de reclusos, consultava os processos individuais para saber qual o crime cometido por aquela pessoa. Alguns faziam-me tremer, chocavam-me até, mas, no dia seguinte, chegava à clínica e o meu cérebro conseguia desligar-se das descrições dos crimes que tinha lido.

Apresento como dificuldade a questão do princípio ético da distância ótima apresentado por Carvalho e Baptista (2004) e posso afirmar que depois de algum tempo de contato com as pessoas implicadas no contexto de estágio, tornou-se inevitável a criação de afinidade e compaixão pelas mesmas. Afinal o que é isto da distância ótima? Como se define? Na minha opinião é um irrealismo pois existem situações em que, inevitavelmente, a emoção se sobrepõe à razão. É impossível sair daquele portão que separa os dois mundos e ficar indiferente àquelas histórias e àquelas pessoas: a fragilidade dos internados que deambulavam pelos corredores, onde as patologias tomavam conta dos seus movimentos e das suas expressões faciais; medidas de segurança que já duram há mais de trinta anos e as condições em que cumprem a medida. Quando entrava na clínica era confrontada pela sede de atenção dos internados: esta situação consumia-me demasiado pois tornava-se impossível dar a devida atenção a todos. Os indivíduos queriam ser ouvidos e eu limitava-me a escutar, partilhavam histórias de vida com o entusiasmo de quem conta verdades absolutas mas, na realidade, não passavam de ilusões quando averiguadas nos processos individuais. Mas quem era eu para questioná-los? Era só uma ouvinte que escutava, atentamente, as suas verdades e isso bastava-lhes.

Para além da questão interventiva também a questão investigativa compôs esta viagem. Assim, através dados obtidos com as entrevistas realizadas aos técnicos e reclusos e das informações recolhidas durante todo o percurso, foi possível responder à questão central e aos objetivos traçados. A pergunta levantada, **De que forma o contexto prisional se assume como um contexto educativo?**, surge da premissa de que a educação, como direito inegável, permite a aquisição de competências e ferramentas capazes de ultrapassar desigualdades, injustiças e relações dicotómicas, tornando-se imprescindível nos processos de reinserção social.

Na linha do referido, o regulamento geral dos estabelecimentos prisionais prevê, na área do tratamento prisional, as ofertas existentes e o seu modo de atuação. As ofertas inserem-se no âmbito do ensino e formação profissional (formal), dos programas específicos e das atividades socioculturais e desportivas (não formal e informal).

Verifica-se que, para além do previsto, as prisões continuam a ser o espelho da austeridade e das desigualdades sentidas no país, aliando tudo isto ao maior problema do sistema prisional que é a sobrelotação. Nesta medida, o modo de funcionamento da instituição é pautado, diariamente, por insuficiências que tentam ser colmatadas pela 'boa vontade' daqueles que acreditam no trabalho que realizam. Outra lacuna apontada

prende-se no facto de os espaços prisionais terem sido pensados apenas na lógica da segurança, colocando de parte a componente educativa, traduzindo-se na carência dos lugares de desenvolvimento das atividades. Na opinião dos reclusos, o leque de ofertas (atividades socioculturais, desportivas, escolares e laborais) devia ser aumentado e, de acordo com as suas necessidades, deviam ver-se aumentadas as atividades ao ar livre, a periodicidade e duração das mesmas e a conservação dos espaços (ginásio). Contudo, para além das sugestões, os reclusos preferem, indiscutivelmente, o trabalho à participação nas diferentes atividades desenvolvidas, os técnicos e o grupo de pares assumem uma grande importância no incentivo à participação.

No que refere à missão da instituição, os discursos referem que a primeira missão do estabelecimento é a de guardar dos presos, ao invés de incidir na criação de condições de reinserção social dos reclusos. Os dados referem que a missão definida pode ficar comprometida pela descrença e preconceito dos profissionais em relação aos reclusos e internados. Outro dado expõe que a reincidência criminal não é tão alta como aquilo que se pensa; isto significa que algo de positivo tem sido desenvolvido. Assim, deste modo, há quem refira que a missão é concretizável pelo simples facto de os indivíduos se munirem de um conjunto de mecanismos de adaptação às regras e normas prisionais.

Os espaços prisionais devem ser capazes de oferecer as condições necessárias à verdadeira mudança. Os condicionalismos que pautaram as vidas dos indivíduos, como as situações de pobreza, o baixo nível de escolaridade e as falhas nas redes de suporte dificultam a tarefa de intervenção e a mudança de perspetivas de vida (Gabriel, 2007). A propósito, Cunha (2008: 25) propõe que as prisões devem “ (...) *procurar reproduzir as condições que se apresentam em meio livre e facultar ao recluso as oportunidades de que usufruem o comum dos cidadãos*”. Mediante o exposto, os técnicos apelam à consciência de que as condições e as ferramentas necessárias ao sucesso de uma reinserção futura não são da total responsabilidade dos sistemas prisionais.

Em resposta à questão levantada, tendo em conta os discursos e significados partilhados, não sendo generalizáveis, pode dizer-se que há quem acredite que as prisões não podem ser espaços educativos pelo peso e carga burocrática que envolvem; outras reconhecem o contexto como educativo pela integração em grupo e participação em atividades, pelo acesso à escola e à formação profissional; e há quem não se identifique com o termo educativo mas, preferencialmente, gostaria que o contexto prisional se assumisse como um contexto de mudança.

Por fim, parece pertinente mencionar o desconhecimento apresentado por alguns técnicos e pelos reclusos sobre as ciências da educação. O senso comum alia, de imediato, as ciências da educação aos contextos de educação formal, tendo sido questionada, a cada passo, a pertinência do meu lugar naquele contexto. Nesta lógica, importa esclarecer que o fenómeno educativo é muito complexo e reduzi-lo ao contexto formal é descaracterizá-lo. Tal como diz Mialaret (1996: 100), *“as ciências da educação têm pois em primeiro lugar um interesse prático: o de ajudar a acção pedagógica qualquer que seja o nível em que ela se situa”*, seja no âmbito formal, não formal e informal. O desconhecimento de que se fala deve-se à *“(...) inexistência de um campo profissional específico de atuação, e ainda à diversidade de funções que os profissionais nesta área podem exercer, o que dificulta a construção de uma identidade profissional sólida”* (Mota, 2010: 92).

## Referências Bibliográficas

- Afonso, Carla (2012). *Excesso de peso, ingestão nutricional e atividade física em mulheres de um Estabelecimento Prisional*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Aguiar, Tânia (2011). *A importância dos pais na escola: A relação da família com a escola no contexto de um CAFAP*. Tese de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Amado, João (2011). Ciências da Educação – Que Estatuto Epistemológico?. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Extra série, 45-55. Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Amado, Jorge (2000). A Técnica da Análise de Conteúdo. *Referência*. (5) novembro.
- Antunes, Célia (2010). *Passar a bola para a capacitação “desformalizando” o formal: Educação, Lazer e Acção Social, os contextos de educação não formal como dispositivos de capacitação para o empowerment pessoal e social*. Tese de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Antunes, Maria da Conceição (2008). *Educação, Saúde e Desenvolvimento*. Coimbra: Edições Almedina, SA.
- Barata et al. (2012). *Avaliação do Programa Mais Sucesso Escola*. Lisboa: Direção-Geral de Estatísticas de Educação e Ciência – Ministério da Educação e Ciência.
- Bardin, Laurence (1997). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bourdieu, Pierre & Passeron, Jean- Claude (1978). *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Lisboa: Editorial Veja.
- Bourdieu, Pierre (2001). *A Miséria do Mundo*. (4ªed). Petrópolis: Editora Vozes.
- Brandão, Diana (2011). *O bem-estar psicológico em indivíduos com paralisia cerebral e seus cuidadores: contributos da auto-eficácia, suporte social e esperança*. Tese de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Campos, Sandra (2015). *Sistemas prisionais europeus*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Canário, Rui (1999). *Educação de adultos: Um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa – Formação.

- Capul, Maurice & Lemay, Michel (2003). *Da educação à intervenção social*. Porto: Porto Editora.
- Carvalho Amâncio & Carvalho, Graça (2006). *Educação para a Saúde: conceitos, práticas e necessidades de formação*. Loures: Edições Lusociência.
- Carvalho, Adalberto Dias & Baptista, Isabel (2004). *Educação Social: Fundamentos e Estratégias*. Porto: Porto Editora.
- Carvalho, Angelina & Diogo, Fernando (1996). *Projecto Educativo*. Porto: Edições Afrontamento.
- Carvalho, Rosário (n.d.). *Direcção Geral do Património Cultural- Património Cultural*. Retirado em janeiro 25, 2016. <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/72939>.
- Cavaco, Carmen (2002). *Aprender fora da Escola: Percursos de formação experiencial*. Lisboa: Educa-Formação.
- Cembranos et al. (1988). *La Animación Sociocultural: Una propuesta metodológica Capítulo II. El análisis de la realidad*. Madrid: Editorial Popular.
- Charlot, Bernard (2006). A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. *Revista Brasileira de Educação*, 11 (31).
- Clavel, Gilbert (2004). *A sociedade da Exclusão: compreendê-la para dela sair*. Porto: Porto Editora.
- Cosme, Adriana & Trindade, Rui (2001). *Área de Projecto. Percursos com sentidos*. Porto: ASA.
- Cosme, Ariana; Trindade, Rui (2007). *Escola a Tempo Inteiro: Escola para que te quero?* Porto: Profedições.
- Costa, Alexandra et al (2007). Os licenciados em Ciências da Educação: itinerários de inserção e configuração da profissão. *Educação, Sociedade & Culturas*, Nº24, 39-65.
- Costa, Alfredo Bruto (1998). *Exclusões sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Costa, Enio (2011). *Educar para libertar: por uma política educacional para o sistema prisional brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado da Bahia, Brasil.
- Costa, Vanessa (2011). *Grupo de pares e delinquência juvenil: influência dos pares delinquentes na adolescência*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e

- Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal. Cunha, Manuela Ivone (2002). *Entre o Bairro e a Prisão: tráfico e trajectos*. Lisboa: Fim de Século.
- Delors, Jacques (1996). *Educação - Um tesouro a descobrir*. Porto: Edições ASA;
- Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais & Ministério da Justiça (2014) *Relatório de Atividades e Autoavaliação*. Lisboa.
- Direcção- Geral dos Serviços Prisionais & Ministério da Justiça (2010). *Relatório de actividades de 2010*. VOL.II.
- Direcção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (2016). *Estatísticas*. Retirado em janeiro 22, 2016. [http://www.dgsp.mj.pt/backoffice/uploads/anuais/2015032304034903EST-PRIS2014\\_lotac\\_reclus.pdf](http://www.dgsp.mj.pt/backoffice/uploads/anuais/2015032304034903EST-PRIS2014_lotac_reclus.pdf).
- Dumazedier, Joffre (1974). *Sociologia Empírica do Lazer*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Emediato, Carlos (1978). Educação e transformação social. *Análise Social*, XIV (54), 2.º, 207-217.
- Falconi, Romeu (1998). *Sistema presidencial: reinserção social?* São Paulo: Ícone.
- Fernandes, Liliana (2011). *Estudo exploratório da delinquência juvenil no limiar da pobreza*. Tese de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Fisher, Rosa (2003). *Foucault revoluciona a pesquisa em educação?*. 21 (02), 371-389, Perspectiva, Florianópolis.
- Fonseca, Laura (2001). *Culturas juvenis, percursos femininos: experiências e subjectividades na educação de raparigas*. Oeiras: Celta Editores.
- Foucault, Michel. (1999). *Vigiar e Punir. Nascimento da Prisão*. (20ª Ed.) Petrópolis: Editora Vozes.
- Franco, Hugo (2016). Portugal é o nono país da Europa com as prisões mais cheias. Retirado em setembro 12, 2016 de <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2016-03-08-Portugal-e-o-nono-pais-da-Europa-com-as-prisoas-mais-cheias>.
- Freire, Adriano (1997). *Estratégia – Sucesso em Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo
- Gabriel, Diana (2007). *(De) Formação de Adultos em Contexto Prisional: Um Contributo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

- Gadotti, Moacir (2005). A questão da educação formal/não-formal. In *Instituto International des droits de l'enfant (IDE) droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution?*. Sion: Suisse.
- Goffman, Erving (1961). *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva.
- Goffman, Erving (1987). *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva, S.A.
- Gohn, Maria da Glória (2006). Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 14 (50), 27-38.
- Gonçalves, Rui Abrunhosa (1993). *A adaptação à prisão: um processo vivido e observado*. Lisboa: Direcção-Geral dos Serviços Prisionais.
- Gonçalves, Rui Abrunhosa (2000). *Delinquência, Crime e Adaptação à Prisão*. (nº3) Coleção Psicologia Clínica e Psiquiatria. Coimbra: Quarteto Editora.
- Gonçalves, Rui Abrunhosa (2002). *Delinquência, Crime e Adaptação à Prisão*. (2ªed.) Coimbra Quarteto.
- Hadji, Charles e Baillé, Jacques (2001). *Investigação e Educação: Para uma "nova aliança" – 10 questões acerca da prova*. Porto: Porto Editora.
- Lima, Rosa (2003). *Desenvolvimento levantado do chão ... com os pés assentes na terra: Desenvolvimento local e investigação participativa - Animação Comunitária*. Tese de Mestrado, Faculdade de Psicologia Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Lourenço, Arlindo & Onofre, Elenice (2011). *Espaço da prisão e suas práticas educativas: enfoques e perspectivas contemporâneas*. (org.) São Carlos: EDUFSCAR.
- Madureira, Leonel (2013). *A Educação e Formação de Adultos em Estabelecimentos Prisionais: Dos Percursos Formativos Aos Significados Atribuídos Às Formação*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Mialaret, Gaston (1996). *As Ciências da Educação*. 7ª. Edição. Lisboa: Livros e Leituras.
- Monteiro, Alcides (1996). *Sociologia- Problemas e práticas- metodologias de avaliação*. Centro de investigação e estudos de sociologia: ISCTE.



- Monteiro, Alcides (2000). *A avaliação em projectos de intervenção social: reflexões a partir de uma prática*, In Sociologia, problemas e práticas, metodologias de avaliação (nº22) (pp.137-154), Lisboa: ISCTE.
- Moreira, Nuno (2010). *Suicídio nas prisões*. Porto: Livpsic.
- Morgado, Sónia (2012). *A educação para o empreendedorismo em contexto prisional*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Mota, Andreia (2010). *Em busca de um sentido no saber pratico: A construção de uma profissionalidade em Ciências da Educação a partir de uma dinâmica de trabalho na casa da juventude de Gondomar*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Neves, Tiago (2008). *Entre Educativo e o Penitenciário. Etnografia de um centro de internamento de menores delinquentes*. Porto: Edições Afrontamento.
- Onofre, Elenice & Julião, Elionaldo (2013). *A Educação na Prisão como Política Pública: entre desafios e tarefas*. Educação & Realidade, 38 (1), jan./mar., 51-69. Porto Alegre.
- Organização Mundial de Saúde (1987). *Carta de Ottawa para a promoção da saúde*. Lisboa: [s.n.].
- Pais, José Machado (2002). *Sociologia da vida quotidiana*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Pereira, Filipe (2010). *A Avaliação do Impacto da Formação: Um estudo exploratório na força aérea*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Pinho, Ana (n/d). *A intervenção reeducativa e formativa com indivíduos em situação de reclusão: o trabalho do técnico superior de reeducação e formação profissional em contexto prisional*. Relatório de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Plana, Virginia (2013). *La Cultura de la pobreza: una breve reflexión desde la Ecología cultural. Culture of poverty: a short reflection from Cultural ecology*. APEA. Asociación Profesional Extremeña de Antropología. ETNICEX (5),121-131.
- Provedor da Justiça (1997). *Instituto de Reinserção Social - Relatório especial do Provedor de Justiça à Assembleia da República 1997*. Lisboa: Provedoria de Justiça.

- Provedoria de Justiça (2003). *As Nossas Prisões – III Relatório*. Lisboa: Provedoria de Justiça - Divisão de Documentação e Composição. Retirado em setembro 12, 2016. [http://www.provedorjus.pt/site/public/archive/doc/AsNossas\\_Prisoes\\_IIIRelatorio.pdf](http://www.provedorjus.pt/site/public/archive/doc/AsNossas_Prisoes_IIIRelatorio.pdf).
- Quivy, Raymond & Campenhoudt, Luc Van (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Grávida.
- Redondo, Santiago (1993) *Evaluar e intervenir en las prisiones*. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, SA.
- Reichenbach, Mendes (2012). *A prisão contempla de uma forma empírica*. Chiado Editora.
- Rodrigues, Ana et al (2007). *Educar o Outro – As questões de Género, dos Direitos Humanos e da Educação nas Prisões Portuguesas*. Humana Global;
- Rodrigues, Pedro (1994). As três lógicas da avaliação de dispositivos educativos. In *Para uma Fundamentação da avaliação em Educação*. (pp.93-109) Lisboa: Colibri.
- Rosnow, Ralph & Georgoudi, Marianthi (1986). *Contextualism and understanding in behavioral science: Implications for research and theory*. New York: Praeger.
- Santos Silva, Augusto & Rothes, Luís (1998). Educação de Adultos. In Silva, et al, *A evolução do sistema educativo e o PRODEP. Estudos Temáticos*. Volume III, (pp. 18-103). Lisboa: Ministério da Educação.
- Santos, Boaventura et al (2003). *A reinserção dos reclusos. Um contributo para o*
- Serrano, Gloria Pérez (2008). *Elaboração de Projectos Sociais - Casos práticos*. Porto: Porto Editora.
- Sousa, Liliana et al (2007). *Famílias pobres: desafios à intervenção social*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Teixeira, Sebastião (2013). *Gestão das Organizações*. (3ªed.) Escolar Editora: Lisboa;
- UNESCO (2006). *Educando para a Liberdade. Trajetória, Debates e Proposições de um projeto para a educação nas prisões brasileiras*. Brasil: Brasília.
- Wacquant, Loïc (2008). *As duas faces do gueto*. São Paulo: Boitempo Editorial.

## Apêndices

## **Apêndice I – Planificação das sessões do projeto**

### **1ª Sessão:**

- A sessão inicia com a recepção dos participantes;
- Explicação ao grupo do motivo e objetivos das sessões, a importância da presença e participação de todos, mas salientando o carácter não obrigatório;
- Exposição da organização das sessões e das regras de funcionamento do grupo (hora marcada, sem entradas ou saídas a meio da sessão, falar na sua vez, respeito pelo outro e pelas suas opiniões);
- Exercício de dinâmica de grupo: “*O novelo*”

**Objetivo:** Proporcionar num ambiente descontraído e divertido, um primeiro contacto entre os participantes

**Tempo:** aproximadamente 15 minutos

**Material:** novelo

### **Desenvolvimento:**

Os participantes estão sentados nas cadeiras dispostas em círculo. O primeiro participante diz o seu nome, idade, os seus gostos e interesses, aquilo que parece mais relevante para a sua apresentação. Depois disto atira o novelo a outro participante (ficando com a ponta na mão), o processo repete-se até todos os participantes se terem apresentado;

Com a intenção de iniciar a participação pede-se aos participantes que pensem nos cuidados de imagem, higiene pessoal e do espaço. As ideias vão sendo escritas no papel de cenário exposto na parede. Pretende-se a criação da discussão em grupo, do raciocínio, da produção e partilha de ideias e da promoção da criatividade;

**Avaliação da sessão:** com cartões ilustrados avaliam a sessão em gostei, não gostei, achei chato, achei divertido, muito barulho, não entendi.

### **2ª Sessão:**

- Receção dos participantes na sala;
- Aquecimento do grupo (5 minutos): Pede-se aos participantes que circulem pela sala de diferentes formas e em silêncio: olhar para os olhos dos outros;

cumprimentar o colega; andar rápido como se fossem apanhar o comboio; andar devagar; parar no sítio com os olhos fechados; espreguiçar; balançar o corpo;

- Exercício de dinâmica de grupo: “ O espelho”

**Objetivo:** Identificação de características e competências pessoais; Valorização do pessoal

**Tempo:** aproximadamente 35 minutos

**Material:** caixa e espelho de rosto

**Desenvolvimento:** O grupo é orientado para que cada um, à vez, se dirija para a mesa onde está a caixa. Não devem dizer quem é a pessoa que está dentro da caixa e devem dizer características sobre essa pessoa, valorizando-a e dizendo o que mais gosta nela. No final, depois de todos fazerem o exercício, deve falar-se sobre estas emoções e sentimentos e partilhá-los com o restante grupo.

**Avaliação da sessão:** com cartões ilustrados avaliam a sessão em gostei, não gostei, achei chato, achei divertido, muito barulho, não entendi.

### **3ª Sessão:**

- Receber os participantes, perguntar como correu a semana e se ainda se lembram do que foi feito na sessão anterior (5 minutos);
- Distribuir pelos participantes diferentes caras (contente, triste, ‘assim-assim’), cada um apresenta a ‘cara’ que expressa a sua disposição no momento e explica o motivo. Os participantes que apresentem as ‘caras’ tristes ou ‘assim-assim’ devem apresentar soluções para contrariar essas emoções com a ajuda dos outros participantes. Pretende-se que os participantes expressem e conversem sobre os sentimentos; criem soluções; se coloquem no lugar do outro e aspirem a mudança (aproximadamente 15 minutos);
- Exercício de dinâmica de grupo “Como vejo o outro”:

**Objetivo:** Consciencializar as pessoas para as diferenças; aprofundar o conhecimento interpessoal; valorização do outro; incentivar à mudança

**Tempo:** 30 minutos

**Desenvolvimento:** O grupo divide-se em dois e senta-se frente a frente com um colega do outro grupo. Devem observar o seu par e pensar na imagem física e comportamento do outro, um aspeto positivo e um aspeto a melhorar, qual o conselho. Em voz alta, à

vez, partilham com o par e com o grupo o que pensaram. Cada um deve ouvir as opiniões e não tecer comentários até ao final da partilha. No final podem comentar o exercício e o que pensam do que foi dito;

**Avaliação da sessão:** com cartões ilustrados avaliam a sessão em gostei, não gostei, achei chato, achei divertido, muito barulho, não entendi.

#### **4ª Sessão:**

**Objetivos:** Estimular à prática de hábitos de higiene pessoal e demonstrar a importância dos cuidados com o corpo e da higiene para a saúde;

- Receber os participantes e perceber se se lembram do que foi discutido na primeira sessão (partilha de ideias no papel de cenário). Depois de um tempo para pensarem e partilharem, expõe-se o papel de cenário desenvolvido na 1ª sessão;
- De seguida, espera-se que as pessoas reflitam sobre os seus hábitos e atitudes de higiene e cuidado colocando algumas questões:
  1. O que devemos fazer para manter o nosso corpo limpo?
  2. Que cuidados devem ter com as unhas e o cabelo?
  3. Como devemos cuidar dos nossos dentes?
  4. Qual a forma mais correta de limpar os ouvidos?
  5. Como devemos cuidar da nossa roupa?
  6. As roupas do inverno são as mesmas do verão?
  7. O que devemos usar para dormir?
- Após a participação das pessoas, apresentar noções gerais de cuidados de higiene (pessoal e oral), recorrendo a imagens ilustrativas que facilitem a compreensão dos processos (banho, cabelo, unhas, boca, lavar mãos, vestuário);
- Mostrar um kit de produtos de higiene pessoal;
- Em torno desta exposição deve estimular-se as pessoas para a participação;
- Atividade prática para consolidar conhecimentos e estimular à prática do banho. São cedidas diversas imagens que fazem parte das etapas do banho e espera-se que os participantes em grupo ordenem as imagens;

**Avaliação da sessão:** com cartões ilustrados avaliam a sessão em gostei, não gostei, achei chato, achei divertido, muito barulho, não entendi.

### **5ª Sessão:**

**Objetivos:** Sensibilizar as pessoas para o respeito pelos espaços e estimular o espírito de pertença e partilha dos mesmos;

- Receber os participantes, lembrar o que foi trabalhado na sessão anterior;
- Introduzir o tema da higienização e preservação do espaço. Questionar os participantes: O que devemos fazer para manter os espaços limpos (adaptar ao espaço da CPSM)?;
- Escrever no papel de cenário as ideias chave que vão sendo partilhadas;
- Atividade prática: Num saco, diferentes imagens com bons e maus comportamentos em relação à preservação, manutenção e limpeza dos espaços. Cada participante retira uma imagem e, de acordo com a sua interpretação, posiciona a imagem no lado “Bom” ou “Mau” (palavras expostas na parede). Discussão acerca das posições de cada um;

**Avaliação da sessão:** com cartões ilustrados avaliam a sessão em gostei, não gostei, achei chato, achei divertido, muito barulho, não entendi.

### **6ª Sessão:**

**Objetivos:** desenvolver a criatividade e o raciocínio lógico; refletir sobre o que foi aprendido; estimular o espírito de grupo;

- Receber os participantes;
- Produzir um apanhado geral das sessões e das aprendizagens dos participantes;
- **Atividade prática:** Divisão do grupo em subgrupos. Cada subgrupo deverá elaborar um cartaz com recurso a materiais de pintura, recortes e escrita com os conteúdos discutidos nas sessões. Os cartazes depois de concluídos serão expostos num local a definir;

**Avaliação da sessão:** com cartões ilustrados avaliam a sessão em gostei, não gostei, achei chato, achei divertido, muito barulho, não entendi;

**Avaliação global das sessões.**

## Apêndice II – Autorização para a entrada do espelho de rosto

Ex. <sup>mo</sup> Senhor Diretor

NO âmbito do projeto "Educação para a Saúde - cuidados de imagem, higiene pessoal e do espaço" a desenvolver na Clínica Psiquiátrica e de Saúde Mental, solicito a sua autorização para a entrada de um espelho de rosto. Este será usado para o desenvolvimento de um exercício de dinâmica de grupo na próxima quinta-feira.

Atenciosamente,  
Marta Sampaio

Autorizado  
16/3/19



### Apêndice III – Autorização para a entrada do gravador

Ex.º Sr. Diretor,

De acordo com o meu plano de estágio, aprovado pela Direcção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, gostaria de dar início às entrevistas dirigidas aos reclusos e Técnicos Superiores de Reeducação. A informação recolhida nas entrevistas semi-estruturadas será útil para a temática do meu estudo intitulado “Dinâmicas educativas em contexto prisional”, com o objetivo de perceber de que forma estas dinâmicas (formais, não formais e informais) influenciam a reintegração dos indivíduos. Para isso peço autorização para a entrada de um gravador, que considero ser necessário.

Atenciosamente,

Marta Sampaio

Marta Sampaio

*Planta - an  
serv. Unitários  
com passivo  
Garcia  
16/8/12*

## **Apêndice IV – Guião da entrevista realizada aos Técnicos Superiores de Reeducação**

Sou aluna do 2º ano do Mestrado em Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. A presente entrevista surge no âmbito de uma investigação intitulada “Dinâmicas Educativas em Contexto Prisional”, desenvolvida ao longo do estágio curricular nesta instituição. A minha pesquisa tem como objetivo perceber de que forma o contexto prisional se assume como educativo e como as dinâmicas educativas aí existentes contribuirão para o processo de reinserção social dos indivíduos.

A entrevista será gravada e usada apenas para fins académicos, sendo assegurada a confidencialidade.

O item seguinte recolhe informações sobre o percurso profissional dos Técnicos, auxiliando na caracterização da amostra da presente investigação.

### **I- Percurso Profissional**

- 1- Habilitações literárias
- 2- Qual a categoria profissional?
- 3- Há quanto tempo trabalha na instituição?
- 4- Quais as funções que desempenha na instituição?

Obter informações sobre a ocupação dos tempos livre dos indivíduos e qual a importância atribuída pelos técnicos.

### **II- Percepção da importância da ocupação dos tempos livres**

- 5- Como é que os reclusos ocupam o seu tempo?
  - 6- De que forma a ocupação do tempo na prisão se relaciona com a reinserção dos reclusos?
  - 7- Que atividades promovidas pela instituição visam assegurar o bem-estar do recluso?
- Perceber se os espaços são adequados e suficientes para a realização da atividades.

8- Como caracteriza a prisão a nível de espaços para o desenvolvimento dessas atividades?

Entender qual a importância dada às diferentes atividades existentes, em que dimensões educativas (formal, informal, não formal) se inserem e quais se destacam.

9- Qual o grau de importância e pertinência atribuído às diferentes atividades desenvolvidas?

10- Qual a importância da escola neste contexto?

11- De que modo a escola pode contribuir para a reinserção social dos reclusos?

Perceber o que existe e de que modo é concretizável.

### **III- Estratégias para a ocupação dos tempos livres dos reclusos**

12- Atualmente, que tipo de atividades são desenvolvidas para tornar o tempo livre dos reclusos em tempo útil?

13-De que modo a prisão pode ser um espaço de partilha de saberes e de competências?

Ao longo da minha permanência no local é frequente ouvir que os reclusos não aderem nem querem participar nas atividades desenvolvidas. Na minha opinião seria importante repensar as ofertas e as estratégias de incentivo à participação.

14- Que estratégias são utilizadas para motivar a participação dos reclusos?

15- Qual a participação/adesão por parte dos reclusos nessas atividades?

16- Com que dificuldades se debatem na organização e desenvolvimento das atividades junto dos reclusos?

Obter informação sobre a participação dos reclusos e as condições de acesso.

### **IV- Participação dos reclusos**

17- Os reclusos aceitam novas propostas (novos programas, projetos, atividades socioculturais)?

18- Na sua opinião, para além do que existe, que outras atividades poderiam ser desenvolvidas em contexto prisional e/ou quais eram dispensáveis?

19- Quem desempenha um papel mais ativo no incentivo à participação (os técnicos, os outros reclusos ou participam por espontânea vontade)?

Perceber quais os processos de selecção dos indivíduos para as atividades estando implícita a ideia de que não são dadas as mesmas oportunidades e condições a todos os reclusos de participar.

20- Quais as condições de acesso e/ou o perfil do candidato para a participação nas diferentes atividades?

Recolher informação sobre o acompanhamento dos reclusos em meio prisional, importa perceber como se realiza essa dinâmica e como poderá fazer diferença na reinserção e reintegração.

#### **V- Acompanhamento em contexto prisional**

20- Quais são as principais necessidades dos reclusos?

21- Como é que o trabalho realizado pela instituição promove a reinserção dos reclusos?

Recolher informação sobre os recursos humanos e materiais se são suficientes para as tarefas e o número de reclusos que têm de acompanhar.

22- Qual a sua posição em relação aos recursos (humanos/ materiais) existentes?

Apurar junto dos Técnicos Superiores de Educação qual a efectiva missão dos sistemas prisionais, o que está previsto e o que se verifica.

23- Como é que a missão dos sistemas prisionais se realiza na prática?

O papel da educação assenta “ *na produção de novos desejos, necessidades e possibilidades*” e torna os indivíduos mais conscientes e críticos em relação às suas vidas (Costa, 2011: 70). Neste sentido importa saber quais as situações que caracterizam o contexto prisional como educativo.

24- De que forma o contexto prisional se assume como um espaço educativo?

## **Apêndice V – Guião da entrevista realizada aos reclusos**

Sou aluna do 2º ano do Mestrado em Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. A presente entrevista surge no âmbito de uma investigação intitulada “Dinâmicas Educativas em Contexto Prisional”, desenvolvida ao longo do estágio curricular nesta instituição. A minha pesquisa tem como objetivo perceber de que forma o contexto prisional se assume como educativo e como as dinâmicas educativas aí existentes contribuem para o processo de reinserção social dos indivíduos.

A entrevista será gravada e usada apenas para fins académicos, sendo assegurada a confidencialidade.

O item seguinte será útil para caracterizar a amostra que se insere na investigação. Os três primeiros dados são os mais usados, os últimos podem dar conta da relação entre os indivíduos e a escola e a integração no mundo do trabalho. O acesso e o percurso dos indivíduos em relação a estes dois domínios sociais (Escola e Trabalho) podem estar intimamente ligados com a situação económica dos mesmos (Alfredo Bruto da Costa, 1998).

### **I- Dados pessoais**

- 1- Idade
- 2- Nacionalidade
- 3- Estado Civil
- 4- Habilitações Literárias
- 5- Profissão

Este item foca-se na situação jurídico penal do indivíduo e permite recolher informações que também farão parte da caracterização da amostra.

### **II- Crime, condenação e atitude face ao crime**

Entender qual a relação do indivíduo com o contexto, sendo diferente em termos de relação com a instituição, conhecimento das regras e normas institucionais e

consequente e adaptação, sendo o recluso primário ou reincidente. Permitindo perceber ou questionar o papel da prisão no caso de ser reincidente.

6- É primário ou reincidente?

7- Qual o motivo pelo qual está neste estabelecimento?

8- É Condenado ou Preventivo?

9- Que pena lhe foi atribuída?

10- Com que idade iniciou o cumprimento da pena?

O acesso a algumas ofertas no estabelecimento prisional pode estar condicionado com as medidas de flexibilização da pena, importa conhecer o tempo de cumprimento da pena.

11 - Há quanto tempo se encontra a cumprir pena?

As duas próximas questões permitem perceber qual a atitude das pessoas face ao crime e de que modo a privação da liberdade os ajudará a moldar as suas atitudes rumo a um projeto futuro.

12- Qual a sua interpretação da prática que o trouxe a esta situação?

13- O que é mais difícil na vida em privação de liberdade?

No próximo item pretendo obter informação sobre o percurso de vida do recluso antes da prisão, sendo útil em termos de comparação e verificação de mudanças.

### **III- Percurso antes da passagem pela prisão**

Entender o processo de escolarização do indivíduo, qual foi a relação do indivíduo com a escola, se seguiu um percurso normativo ou se se verificam episódios de absentismo ou abandono escolar precoce.

14- No que refere ao percurso escolar, como o descreve? Com que idade deixou a escola e o motivo?

Conhecer a idade média com que os indivíduos ingressaram no mundo do trabalho e em que áreas.

15- Com que idade iniciou a vida profissional? Em que área?

Entender o percurso de vida das pessoas até ao momento de reclusão nos domínios económicos, sociais e de saúde. Esta descrição vai permitir a recolha de informação necessária para entender o estatuto social do indivíduo, se experimentou a condição de pobreza, de exclusão ou se padeceu/padece de algum problema de saúde. As condições a que as pessoas estão sujeitas podem influenciar o percurso normativo da vida dos

indivíduos e levá-los a privarem-se de alguns domínios importantes da vida, neste caso, domínio da educação.

16- Como descreve o seu percurso de vida até ao momento (em termos económicos, sociais, saúde)?

Perceber se os indivíduos se encontravam envolvidos em atividades sócio educativas e culturais e com quem partilhavam esses momentos.

17- Como ocupava os tempos livres e com quem?

Perceber o modo como os indivíduos usam o tempo na prisão e as rotinas institucionais.

#### **IV- Ocupação dos tempos livres**

19- Como é ocupado o tempo na prisão? O que faz desde que se levanta até que se deita?

20- De que forma gostaria de ocupar o seu tempo?

21- Que vantagens e desvantagens identifica, em meio prisional, para que as pessoas ocupem o seu tempo?

Conhecer os gostos e interesses das pessoas, o motivo da participação nas atividades e qual o grau de adequação das mesmas. Deste modo, saber quais as atividades identificadas, permitindo situá-las no nível formal, informal e/ ou não formal e qual a importância atribuída.

#### **V – Gostos e interesses**

22- Que atividades frequenta?

23- Qual a que mais gosta de frequentar? Motivo.

24- Frequenta a escola? Se sim, qual o motivo dessa opção.

25- Que importância atribui à escola?

26- Que tipo de atividades gostaria de ver desenvolvidas na prisão?

27- Qual a sua opinião sobre as atividades que aqui se desenvolvem?

De um modo geral perceber a opinião das pessoas sobre o modo de funcionamento da prisão, apurar a sua satisfação e se reconhecem o tempo de cumprimento da pena como um instrumento válido para a futura reinserção.

## **VI- Percurso prisional**

28- De acordo com as suas necessidades, de que modo avalia o apoio que lhe é prestado?

As relações interpessoais fazem parte do universo de todos os indivíduos, em contexto prisional essas relações deverão ser geridas da melhor maneira sendo que os espaços e os tempos são partilhados por todos.

29- Como definiria a relação com os seus colegas?

30- Como definiria a relação com os funcionários?

Perceber sentidos e significados atribuídos pelos indivíduos ao cumprimento da pena de prisão e se este se associa a um período de aprendizagem e mudanças, com ferramentas válidas para a reinserção.

31- Como interpreta a sua estada neste estabelecimento?



## **Apêndice VI – Tabela da Análise de Conteúdo da Equipa Técnica**

Categorias	Subcategorias	Unidades de Análise	Unidades de Registo
<p align="center"><b>Conceções Educativas em Contexto Prisional – Educação Formal, Educação não formal e Educação Informal</b></p>	<p align="center"><b>Ocupação do tempo prisional</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Tecnologias</li> <li>✓ Atividades desportivas</li> <li>✓ Bibliotecas</li> <li>✓ Escola e trabalho</li> <li>✓ Atividades festivas</li> <li>✓ Alternativas às atividades existentes</li> <li>✓ As atividades não visam o bem-estar dos reclusos</li> <li>✓ As atividades visam o bem estar dos reclusos</li> </ul>	<p><i>T<sub>1</sub> – Acho que é mais virado para as televisões, playstation's, essas coisas agora das tecnologias que foram autorizadas a entrar, que não eram há uns anos atrás (...)</i></p> <p><i>T<sub>3</sub> – (...) As atividades (...) estão centradas em áreas associadas às bibliotecas, da promoção de leitura, do teatro, da poesia. Muito centradas também no desporto, nos torneios, no futebol, no basquetebol, nos jogos de mesa. (...) temos algumas atividades de vídeo. Depois há aquelas festas que fazem parte da tradição do tecido social como natais e dias disto e dias daquilo, magustos (...).</i></p> <p><i>T<sub>3</sub> – (...) as atividades de tempo livre que estão em curso, neste momento, são as atividades associadas à leitura, são as atividades de desporto, são Yoga associado também com uma componente literária, yoga associado a leitura. (...) na clínica atividades de pintura dinamizadas por voluntários (...). Temos os passeios terapêuticos dirigidos aos doentes da clínica que se destinam a melhorar a mobilidade de pessoas institucionalizadas há muitos anos.</i></p>

			<p><i>T<sub>4</sub> – (...) tento envolvê-los em atividades de terapia ocupacional, (...) há atividades protocoladas com entidades externas, na eira, onde eles fazem os tubos e as molas; têm também atividades ao nível da autoimagem, da higiene corporal e do espaço, das competências sociais. Tem técnicas de relaxamento com a terapeuta de psicomotricidade (...). Na população mais idosa têm também o passeio terapêutico com a técnica de psicomotricidade (...).</i></p> <p><i>T<sub>2</sub> – Os que vão à escola e os que trabalham, os que vão à escola na escola, os que trabalham na ocupação laboral; os que estão inativos vão ao recreio e estão na cela a jogar playstation, a ver televisão, ginásio.</i></p> <p><i>T<sub>2</sub> – (...) Jogar futebol, vôlei, basquete, aquilo que cada um deles gostar. Fazer uma caminhada, andar a correr a volta do pátio (...).</i></p> <p><i>T<sub>1</sub> – (...) Ter umas oficinas, por exemplo, mais bem dotadas com pessoas qualificadas para ensinar, uma serralharia, uma mecânica, uma... não temos.</i></p> <p><i>T<sub>2</sub> – Eu acho que devia haver mais atividades. Os reclusos deviam estar mais ocupados. Devia</i></p>
--	--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<p><i>haver mais atividades ao ar livre, mesmo que num recinto fechado (...).</i></p> <p><i>T<sub>1</sub> – (...) tudo que vier de inovação é bom. Eu acho que esta casa precisa de inovação. (...) não temos um estudo (...), um levantamento (...) do que eles gostariam, do que eles são capazes de gostar, eles se calhar também não sabem. (...) eles aderem bem a qualquer coisa que seja novo e em qualquer área (...) mais para a área do desporto, (...) da tecnologia.</i></p> <p><i>T<sub>4</sub> – (...) Agora, muitas outras claro que podiam ser desenvolvidas, quer ao nível de formação profissional quer ao nível das ocupações de tempos livres. Ainda continuamos realmente com falta de pessoal e continuamos com uma população ali na Clínica que está completamente inactiva ou que tem atividades muito pontuais numa ou duas tardes da semana e a maior parte do tempo estão inactivos quando poderiam desenvolver atividades lúdicas, ocupacionais, de produção de maiores competências e que não estão a ser feitas.</i></p> <p><i>T<sub>4</sub> – (...) aqui nesta população da clínica acaba por haver realmente muito cuidado, quer ao</i></p>
--	--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<p><i>nível do serviço de educação mas também do serviço de enfermagem, dos médicos, etc..... em criar atividades que promovam o bem-estar físico e psicológico. As atividades de autoimagem, de higiene, de relaxamento, é tudo obviamente com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dos doentes.</i></p> <p><i>T<sub>2</sub> – (...) Temos sempre vários projetos de voluntariado que vão fazendo atividades diversas: teatro, dança, aplicação de algumas estratégias na área da psicologia (...).</i></p> <p><i>T<sub>2</sub> – (...) O ginásio e o desporto são duas atividades que a maior parte dos reclusos valoriza muito e que gosta muito e que estão associadas ao bem-estar deles (...).</i></p>
	<p><b>Grau de pertinência e de participação nas diferentes atividades desenvolvidas</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ As atividades desenvolvidas são pertinentes e não dispensáveis</li> <li>✓ Maior importância ao nível formal</li> <li>✓ Aceitação de novas propostas</li> <li>✓ Ocupar o tempo de forma diferente</li> <li>✓ Participação dependente do tema e do dinamizador</li> <li>✓ Participação difere consoante a</li> </ul>	<p><i>T<sub>1</sub> – (...) todas elas são importantes para determinado grupo (...) para aquele grupo se calhar é mais importante a atividade física ou desporto, para o outro se calhar é a atividade profissional. E todas elas acho que têm a mesma importância dependendo do grupo alvo.</i></p> <p><i>T<sub>4</sub> – São todas pertinentes. (...) temos [de] adequar as atividades a cada caso (...). (...) aquilo que é mais difícil, é colocar realmente os</i></p>

		população	<p><i>técnicos com formação suficiente para perceberem que as atividades devem ser sempre individualizadas de acordo com as necessidades de cada indivíduo. (...) Todas as atividades são importantes desde que compatíveis com as necessidades que nós estamos a tentar colmatar em cada indivíduo muito particular.</i></p> <p><i>T<sub>4</sub> – (...) nenhuma deveria ser dispensada. Todas elas estão a decorrer porque apresentam, na minha opinião, fundamentos válidos para a população onde estão a ser desenvolvidas (...).</i></p> <p><i>T<sub>1</sub> – (...) depende um bocado do tempo e da forma como lhes é proposta a atividade (...) e por quem lhes é proposto. Se for uma pessoa de fora se calhar aderem mais do que se for uma pessoa de dentro (...).</i></p> <p><i>T<sub>3</sub> – (...) As atividades são direcionadas a quinze, vinte, trinta pessoas e normalmente estão à volta disso.</i></p> <p><i>T<sub>4</sub> – (...) a população mais idosa [adere muito bem] ao passeio terapêutico e às técnicas de psicomotricidade para aumentar o grau de autonomia (...). A população mais jovem, sobretudo numa fase inicial da medida, tem</i></p>
--	--	-----------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<p><i>muita mais dificuldade de aderir a qualquer projeto seja uma atividade lúdica, seja uma atividade ocupacional, ou laboral ou acadêmica. (...) Mas a adesão ali na Clínica costuma ser sempre muito grande. Eles gostam de atividades sobretudo que envolvam pessoas que vêm de fora.</i></p> <p><i>T<sub>3</sub> – (...) temos muitas vezes conceitos de classe média para aplicar a uma população que vem de franjas muito excluídas e que não tem preocupações de ocupação de tempos livres, tem preocupações é de sobrevivência. E muitas vezes importamos os nossos modelos e tentamos incuti-los numa população que não está receptível para eles (...).</i></p>
	<p><b>O valor da escola na perspectiva dos técnicos</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Aquisição de competências</li> <li>✓ Criação de rotinas</li> <li>✓ Deficiente funcionamento da escola</li> <li>✓ Forma útil de ocupação</li> </ul>	<p><i>T<sub>3</sub> – (...) a escolaridade da nossa população é tão baixa que apostar fortemente na escola e na formação profissional é garantir mecanismos de escolha no futuro.</i></p> <p><i>T<sub>2</sub> – (...) Os que vão à escola fazem um esforço muito grande. Porque os que vão à escola, a escola é sempre de manhã. Esses têm mesmo de estar motivados, está frio e está a chover e têm de se levantar de manhã. Eu isso valorizo muito</i></p>

			<p><i>nos indivíduos que estão na escola. São indivíduos sem hábitos de trabalho, muitos deles nunca trabalharam, nunca fizeram nada e, agora, virem para a cadeia e levantarem-se cedo de manhã para irem para a escola é realmente um esforço.</i></p> <p><i>T<sub>2</sub> – (...) os que vão à escola acho muito importante, acho que são aqueles indivíduos que estão a fazer um esforço, que acordam todos dia de manhã cedo, que vão ao pequeno-almoço mais cedo, que se estiver a chover ou com frio se levantam da cama para vir até à escola. Eu acho que só isso já se prevê que a reinserção irá ser mais fácil, não é? Ou pelo menos estão motivados para isso.</i></p> <p><i>T<sub>1</sub> – (...) a escola não funciona muito bem...nos estabelecimentos prisionais. Temos professores empenhados (...). De resto é como funciona lá fora quase não é? Vem aqui dar as aulinhas e vão embora e pronto. E ainda por cima sendo num estabelecimento prisional não têm se calhar a atenção que teriam com alunos ditos normais lá fora não é?</i></p> <p><i>T<sub>1</sub> – (...) A escola falha desde logo porque eles</i></p>
--	--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------



			<p><i>precisam de ganhar dinheiro e preferem trabalho (...).</i></p> <p><i>T<sub>4</sub> – A escola, para mim, parece extremamente importante por vários motivos. (...) a escola aqui (...) está em local diferente do espaço prisional, por isso, obriga-os a sair (...). (...) Sair do sítio de pernoita para ir estudar, para ir à escola e para regressar depois à área prisional. Os professores são professores que não são funcionários da casa, por isso, (...) têm contacto com professores de fora.</i></p>
	<p><b>Importância atribuída pelos técnicos aos tempos livres</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Libertar energias</li> <li>✓ Sair do espaço - cela</li> <li>✓ Forma útil de ocupação</li> <li>✓ Atividades não devem ser excessivas</li> </ul>	<p><i>T<sub>2</sub> – (...) Estamos a falar de homens, presos, que precisam de libertar muita energia. E que, portanto, há várias atividades que eles podem desenvolver, essencialmente, ao ar livre (...)</i></p> <p><i>T<sub>3</sub> – (...) sem excessos que eles também precisam de descansar e isto não é um colégio em que as criancinhas tenham que andar a toque de caixa de manhã até à noite a fazer aquilo que nós compreendemos que é muito bom para elas.</i></p>
	<p><b>A importância da ocupação do tempo prisional para a reinserção social dos reclusos</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ A escola como meio de reinserção do recluso</li> <li>✓ A ocupação dos tempos livres como</li> </ul>	<p><i>T<sub>3</sub> – (...) habilitando o indivíduo de condições para fazer escolhas, para pensar melhor, para ter acesso a instrumentos de informação que não tem à partida, quando tem níveis de literacia</i></p>

		<p>forma de adquirir diferentes competências</p>	<p><i>muito baixos não consegue nem defender-se, não consegue produzir um requerimento, a fazer uma pergunta (...). Obviamente que depois temos que associar a isto a escolha de cada um. Mas alguns não conseguem nem escolher não é? Porque não têm meios para poder sobreviver fora destas margens.</i></p> <p><i>T<sub>4</sub> – (...) melhorar o nível intelectual também previne a reincidência criminal.</i></p> <p><i>T<sub>2</sub> – (...) se os indivíduos fizerem um esforço, uma vez que a escola não é remunerada e que lhes dá ferramentas para uma melhor reinserção. Podem arranjar uma ocupação laboral melhor lá fora, no exterior... se estiverem motivados para irem à escola acho que é um bom pressuposto para uma melhor reinserção. A formação profissional também acho muito importante, não é? Porque a maior parte deles são indiferenciados e quando chegam lá fora se tiverem uma formação numa área qualquer podem, depois, desempenhar uma função na área onde fizeram uma formação.</i></p> <p><i>T<sub>3</sub> – (...) A ocupação dos tempos livres pode ajudar as pessoas a estabelecerem pontes, a</i></p>
--	--	--------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p><i>criarem dinâmicas de ocupação diferentes mas não podem ser projetos em que se insiram as pessoas como num colete porque nunca funcionam.</i></p> <p><i>T<sub>4</sub> – (...) a ocupação dos tempos livres é tão importante ou mais importante do que a realização de atividades estruturadas. (...) permitem a aquisição de novas competências ao nível de, por exemplo, do relacionamento interpessoal, da tolerância à frustração, à contrariedade, ao conflito e, por isso, é nestas atividades que se promove um maior relacionamento entre os pares e também junto dos funcionários, e que permite a aquisição da capacidade de cumprir, por exemplo, as normas, as regras de respeitar os outros e é muitas vezes o ponto de partida para a modificação do comportamento e da personalidade, para depois estes indivíduos virem mais tarde a aderir então a atividades estruturadas. (...) as atividades de tempo livre são as prioritárias para modificar aquilo que habitualmente é a grande problemática desta população que é o aspeto de relacionamento interpessoal.</i></p>
--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p><b>A prisão como espaço de partilha de saberes e competências</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ O espaço da escola na partilha de saberes e competências</li> <li>✓ Espaços de debate</li> <li>✓ Equipas multidisciplinares</li> <li>✓ Partilha insuficiente</li> </ul>	<p><i>T<sub>2</sub> – A partilha de saberes e de competências poderá ser na escola, fora da escola se calhar a partilha não é a mais adequada não é? As experiências que eles partilham se calhar não são as mais adequadas, não é? Porque falam um bocadinho do passado deles mais associado ao crime do que propriamente partilhas positivas. Agora na escola acho que sim.</i></p> <p><i>T<sub>3</sub> – (...) as equipas são multidisciplinares... e a interação entre os vários grupos profissionais é real até porque o pessoal é escasso em todos os sectores (...).</i></p> <p><i>T<sub>4</sub> – Eu acho que não tem sido. (...) privilegia[se], ainda, pouco a questão da formação interpares e que me parece a mim a mais adequada porque desenvolve processos identificatórios. Se o formador for um deles é mais fácil ouvir, estar atentos e adquirirem os conhecimentos. (...) devia mesmo ser um espaço de partilha de saberes e de competências entre eles que se promovesse muito mais o debate, a discussão de ideias e o trabalho interpares que eu acho que é uma coisa que é pouco desenvolvida nos estabelecimentos prisionais</i></p>
--	--------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p><b>O contexto prisional como um contexto educativo</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Contexto não educativo</li> <li>✓ Contexto educativo</li> <li>✓ Contexto de mudança</li> <li>✓ Contexto de manutenção de comportamentos</li> </ul>	<p><i>T<sub>1</sub> - Não, não acredito nesse efeito nestas instituições. São instituições muito pesadas, com uma carga burocrática muito grande, não têm... (...).</i></p> <p><i>T<sub>1</sub> - (...) temos uma população prisional muito diferente. Temos uma população de bairro essencialmente. Eles vêm para cá e nos não podemos mudar educações. Não podemos mudar formações de base. Mudar formações de base se calhar podemos um bocadinho mas a educação de base é muito difícil mudar num estabelecimento prisional. Eles vêm daquele ambiente e voltam para aquele ambiente. E cá dentro são o reflexo do que são lá fora, e da família que têm e das amizades que têm (...).</i></p> <p><i>T<sub>3</sub> - (...) Ao nível da integração do grupo, ao nível do acesso à escola, à formação profissional, ao ambiente de trabalho prisional, à participação em grupo em atividades (...).</i></p> <p><i>T<sub>4</sub> - (...) Acho que o aspeto de educar é um aspeto que dá a sensação que alguém tem conhecimentos ou competências que o outro não tem e parece-me uma coisa muito unidirecional em que eu estou a educar o outro. E, por isso, eu</i></p>
--	---------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<p><i>não gosto do termo espaço educativo, e não gosto do termo de serviços de educação e ensino, e não gosto do termo de técnica superior de reeducação e tento sempre na relação com os doentes na Clínica ou com os reclusos nos programas grupais onde estou, de tentar exatamente inverter isso, que é não vou lá ensinar nada vamos trabalhar todos juntos para tentar atingir um determinado fim. E acho que modificar competências ou traços de personalidade não é ensinar coisa nenhuma, às vezes é incentivar que se experimente formas diferentes de se fazer as coisas e que o próprio perceba se era melhor como fazia antes ou como faz agora. E eu acho que isso é pouco, educar no conceito de ensinar ou de transmitir valores que é um conceito que eu não gosto nada particularmente neste meio, em que eu acho que esta população tem também competências tão importantes em tantas áreas e eu acho que o importante é que eles acreditem em si não é que tenham esta noção de que estão a ser educados por terceiros com mais valores ou com mais conhecimentos, ou com uma forma de ser, não</i></p>
--	--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<p><i>sei, mais conhecedora das coisas. E, por isso, acho que um espaço educativo não gostaria mais que se mudasse o contexto para ser um espaço de mudança. Mas sendo um espaço de mudança, aí sim, eu acho que na realidade pode ser um espaço de mudança, muitas vezes, sendo certo que da maneira como está determinado é um espaço de manutenção de muitas outras. É um espaço em que lá dentro, nos espaços de pernoita, de celas, de relacionamento entre eles acaba por... se nós continuarmos com cadeias com este número de reclusos, com o baixo número de recursos humanos e materiais, com uma imensa permanência dentro dos espaços prisionais e não fora nas escolas, nas oficinas, em atividades lúdicas, etc. em pequeninos grupos e se continuarmos, a assobiar para o lado e a permitir grandes grupos em espaços prisionais vamos estar a promover que se mantenham relações disfuncionais muito parecidas com as que se mantinham lá fora, em que lá fora eram crimes e aqui são permitidas. Por isso, continua a dominar os psicopatas, continuam os indivíduos com personalidade dependente aqui</i></p>
--	--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<p><i>ainda serem mais dependentes, ainda a terem mais receio e continuam a haver relações perfeitamente enviesadas do poder, da superioridade da força física, do medo, do bullying e isto também existe aqui dentro. Por isso se o espaço for um espaço desprotegido eles vão continuar a ser exatamente como sempre foram, a relacionarem-se com os outros como sempre se relacionam. A cadeia só será um espaço de mudança se conseguir em termos de espaço físico, grupos pequeninos, homogéneos com recursos humanos capazes de trabalhar as suas... Pronto. Por isso acho que é um espaço educativo sempre que consegue promover atividades diferenciadas para um grupo de reclusos também diferenciados e aí será um espaço de mudança. Agora para ser um espaço de mudança para a maior parte da população, precisará de mais recursos humanos e materiais, e de mais espaços físicos diferentes em que não estejam na realidade tantos homens numa atividade. Como se vê no regime comum há imensos indivíduos inativos que, com toda a certeza, manterão relações entre eles, muito</i></p>
--	--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------



			<i>parecidas do que faziam no exterior promovendo relações de domínio, de hierarquia, de violência, de agressividade em moldes idênticos aqueles que tinham no exterior.</i>
<b>Práticas Educativas e o Tratamento Penitenciário</b>	<b>As Funções do Técnico Superior de Reeducação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Realização da Entrevista de Acolhimento</li> <li>✓ Plano Terapêutico de Reabilitação – Plano Individual de Readaptação</li> <li>✓ Avaliações do percurso prisional</li> <li>✓ Realizações de Relatórios para o T.E.P., pareceres para a atribuição das medidas flexibilizadoras das penas</li> <li>✓ Acompanhamento diário do recluso e das atividades que frequenta</li> </ul>	<p><i>T<sub>4</sub> – (...) faço a entrevista de acolhimento, depois faço a avaliação sempre que o plano terapêutico de reabilitação que é o equivalente ao P.I.R., no regime comum. Depois vou avaliando o plano de reeducação. Vou vendo se os objetivos estão a ser cumpridos ou não, o que é necessário para cada sujeito. (...) os relatórios para o Tribunal de Execução das Penas e os pareceres para Conselho Técnico, para saídas jurisdicionais e saídas de curta duração.</i></p> <p><i>T<sub>2</sub> – O acompanhamento dos reclusos e a escola.</i></p>
	<b>Necessidades prementes dos reclusos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Necessidades básicas</li> <li>✓ Ocupação laboral</li> <li>✓ Remodelação dos espaços</li> <li>✓ Maior remuneração laboral</li> <li>✓ Acompanhamento pessoal e grupal</li> </ul>	<p><i>T<sub>1</sub> – As básicas. Pondo-me na pele deles são mesmo as básicas: a alimentação, é estar numa cela com menos humidade, menos frio... e ter algum dinheirinho para comprar a papa Nestlé. (...) é ocupação laboral e as necessidades básicas.</i></p>

	<p><b>Relação entre os recursos e o acompanhamento prisional</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Insuficiência de recursos humanos e material</li> <li>✓ Falta de modernização</li> <li>✓ Sobrelotação</li> <li>✓ Colaboração insuficiente entre técnicos e guardas prisionais</li> <li>✓ Inadequação dos espaços</li> <li>✓ Degradação dos espaços</li> <li>✓ Dificuldades na comunicação</li> <li>✓ A adesão dos reclusos</li> </ul>	<p><i>T<sub>3</sub> – (...) com escassos recursos quase em permanência (...) tem trabalhadores muito envolvidos na produção de bem-estar e na produção de condições e (...) consegue produzir trabalho que não é produzido noutros países com mais recursos.</i></p> <p><i>T<sub>3</sub> – (...) [a nível de espaços] é muito fraca. (...) As bibliotecas são pouco convidativas, são espaços exíguos. As salas para conferências, para espectáculos são aproveitamentos de salas de visitas, de espaços de recreio interno (...).</i></p> <p><i>T<sub>4</sub> – (...) os espaços são muito pobres e limitados como são todos os espaços da prisão (...). (...) Os espaços deviam ser espaços muito privilegiados em termos de conforto para promover uma modificação muito consistente do indivíduo e na realidade nós não temos esses espaços de conforto em termos de temperatura, em termos de área, em termos de decoração, nem a nível dos tempos livres nem ao nível da escola, ou das atividades laborais ou dos próprios espaços onde eles pernoitam.</i></p> <p><i>T<sub>2</sub> – (...) a prisão é muito dispersa e depois acaba por não haver um espaço específico para</i></p>
--	----------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<p>determinadas atividades, e o espaço acaba por ser o mesmo para várias atividades, ou seja, implica um horário, implica uma organização. (...) A nível de espaços acho que apesar de ser uma cadeia com um espaço ao ar livre muito agradável, para indivíduos que não têm regime aberto, dentro do pavilhão há poucos espaços.</p> <p>T<sub>2</sub> – (...) o mais difícil é a comunicação. É avisar, nós temos trezentos e vários reclusos, não é? Trezentos e muitos e, portanto, não temos possibilidade de os chamar a todos e de lhes andar a explicar o que é que vai acontecer, não é? Portanto são afixados alguns avisos. Eles não são uma população que ligue muito a avisos, mesmo quando são coisas importantes. E, portanto, acho que a dificuldade é a divulgação. É chegar até eles a informação de que vai haver uma determinada atividade.</p>
	<p><b>Estratégias de incentivo à participação dos reclusos nas diferentes atividades desenvolvidas</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Elaboração conjunta do PIR e PTR</li> <li>✓ Motivação interna</li> <li>✓ Atendimento individual</li> </ul>	<p>T<sub>1</sub> – (...) fazemos um plano, um PIR quando eles entram, tentamos contemplar tudo, tentamos contemplar as horas livres, tentamos contemplar o desporto, as horas livres, o trabalho, a escola (...).</p> <p>T<sub>3</sub> – (...) atendimento individual (...) e é o</p>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Prémios</li> <li>✓ Estratégias adequadas às pessoas</li> <li>✓ Técnicos e grupo de pares têm um papel mais ativo no incentivo</li> </ul>	<p><i>reforço através destas atividades pontuais (...). Da deslocação da direcção habitualmente nestes momentos. É tentar desbloquear alguns constrangimentos associados à vida na cadeia (...). (...) Há prémios por vezes também (...).</i></p>
	<p style="text-align: center;"><b>Perfil e condições de acesso para as diferentes atividades desenvolvidas</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Inexistência de perfil de acesso</li> <li>✓ Reclusos em regime aberto</li> <li>✓ Imposições externas</li> <li>✓ Idade</li> <li>✓ Habitações literárias</li> <li>✓ Motivação</li> </ul>	<p><i>T<sub>4</sub> – (...) o estabelecimento deve conhecer bem os doentes e os reclusos e com base no perfil da população estabelecer atividades que sejam compatíveis com aquilo que se pretende daquela população. E pode ser diferente de um ano para o outro ou de um semestre para o outro. E, por isso, eu acho que nós, os técnicos e as direcções, devemos ser realmente mais proactivos a conhecer muito bem a população. E se temos, por exemplo, um grupo que tem problemas de consumo abusivo de álcool estabelecer, por exemplo, atividades de tempos livres que promovam competências de abstinência em situações de pressão social. Ou se temos um grupo de violência doméstica poder fazer atividades pedagógicas que promovam o espírito de cidadania, de relações interpessoais e de respeito pelo outro. Se tivermos um grupo mais jovem também terão de ser atividades diferentes</i></p>

			<p><i>se tivermos uma população mais idosa. E, por isso, eu acho que não deverá haver um perfil do candidato para uma determinada atividade que esteja programada devemos sim elaborar atividades que sejam compatíveis com a população que, neste momento, se encontra a cumprir pena.</i></p> <p><i>T<sub>2</sub> – (...) temos aquelas imposições quando há cursos, por exemplo, vem as imposições do exterior. Tem de ter x idade, tem de ter tal habilitação literária, pronto isso temos de cumprir. (...) se for uma pessoa de mais idade vamos dar prioridade ao mais novo, porque em princípio é uma pessoa que tem mais tempo pela frente. Temos em atenção isso tudo, até as habilitações literárias, para determinado tipo de atividades se for um analfabeto é difícil. Pronto, vamos tendo esses critérios, dentro desses critérios vamos fazendo as selecções. Mas não temos nada predefinido.</i></p>
	<p><b>A prática institucional e a promoção da reinserção social dos reclusos</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Missão dos serviços prisionais concretizável</li> <li>✓ Missão dos serviços prisionais não</li> </ul>	<p><i>T<sub>3</sub> – (...) a adaptação de um conjunto de regras a um grupo são por si só a organizadora (...). (...) Depois tentasse dotar as pessoas a partir da avaliação das necessidades (...) E tentasse</i></p>

		<p>concretizável na íntegra</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Missão dos serviços prisionais não concretizável</li> <li>✓ Descrença na reinserção social do recluso</li> <li>✓ Adequação da prática institucional às condições existentes</li> </ul>	<p><i>perceber quais são as necessidades mais fundamentais daquele indivíduo concreto, com o seu acordo, e isto tem importância, o envolver do próprio no processo e facultar-lhe o acesso a atividades que lá, por exemplo, não foi realizada em tempo próprio ou em tempo habitual. (...) há ferramentas que promovem a reinserção social. Obviamente que, os instrumentos do ambiente prisional, não alteram as condições sociais nem é suposto que alterem. E as condições sociais do indivíduo mantêm-se não é um problema para ser resolvido pelo sistema prisional.</i></p> <p><i>T<sub>2</sub> – É assim, nós somos poucos e eles são muitos. Os reclusos são muitos, as dificuldades são muitas e os técnicos são poucos. Eu acho que cada um de nós faz o que pode não é? Tenta acompanhá-los, tenta orientá-los para eles, aqui internamente, terem uma ocupação laboral ou fazerem formação profissional de forma lá fora poderem exercer uma atividade. Porque, como lhe disse, a maior parte deles é indiferenciado. Ou frequentarem a escola, aumentarem a escolaridade, até adquirirem algum gosto por voltar a estudar. Muitos deles não estudam há</i></p>
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p><i>muitos anos e quando voltam aqui a escola alguns adquirem o gosto por estudar e ficam motivados para depois lá fora continuar. Eu acho que são essas as ferramentas. E acreditar neles, eu acho que é muito importante, quando nós depositamos a nossa confiança neles e dizemos: “Olhe que vou inscrevê-lo, vai ver que vai conseguir e vai aumentar a sua escolaridade. Quando chegar lá fora, vai poder inscrever-se na escola, fazer uma coisa melhor. Ainda é novo. Ainda pode fazer outras coisas”. E eu acho que é o que podemos fazer por eles, essencialmente. A família, nós não podemos mudar, eles nasceram naquela. Muitas das vezes, uma casa nova também não podemos dar, eles nasceram no bairro e é para o bairro que vão voltar. Portanto, é só a esse nível que podemos fazer algumas alterações.</i></p>
--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

## **Apêndice VII – Tabela da Análise de Conteúdo dos Reclusos**



Categoria	Subcategoria	Unidade de Análise	Unidade de Registo
<p align="center"><b>O Percurso de Vida do Recluso antes da Reclusão</b></p>	<p align="center"><b>A passagem pela escola</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Primeiro contato com drogas</li> <li>✓ Absentismo escolar</li> <li>✓ Frequência da escola em horário pós laboral</li> <li>✓ Abandono escolar precoce</li> <li>✓ Mau aproveitamento escolar</li> <li>✓ Bom rendimento escolar</li> <li>✓ Percurso escolar normativo</li> </ul>	<p><i>R<sub>12</sub> – (...) depois a partir do quinto ano comecei a faltar às aulas e a partir do sexto ano, para cima do sétimo ano começaram os consumos de drogas. Foi uma coisa muito rápida, das drogas leves para as anfetaminas e essas coisas todas (...).</i></p> <p><i>R<sub>4</sub> – (...) Não quis estudar... o meu pai não queria, queria que eu continuasse. Eu queria ter uma profissão (...).</i></p> <p><i>R<sub>10</sub> – (...) tive de deixar muito cedo para ir trabalhar.</i></p> <p><i>R<sub>5</sub> – (...) Eu era aquele gajo que todos os dias chegava à escola e fazia merda, ia suspenso, tinha sempre faltas disciplinares. Fui parar a colégios e assim sucessivamente.</i></p> <p><i>R<sub>11</sub> – Correu normalmente. Fiz o nono ano, depois optei por trabalhar...(…) fiz a escolaridade obrigatória (...).</i></p> <p><i>R<sub>9</sub> – Sempre fui um excelente aluno (...).</i></p> <p><i>R<sub>12</sub> – (...) eu sempre fui bom aluno só que portava-me muito mal (...).</i></p>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Experiências profissionais</li> </ul>	<p><i>R<sub>1</sub> – (...) éramos seis filhos todos ao encargo da minha mãe e eu tinha que ajudar. Era o filho mais</i></p>

	<p><b>A inserção na vida profissional</b></p>	<p>precoces</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Experiências em diversas áreas</li> <li>✓ Procura de independência</li> <li>✓ Integração laboral precoce por motivos de carência familiar</li> <li>✓ Inserção dificultada devido à escolaridade</li> <li>✓ Nunca contactou o mundo do trabalho</li> </ul>	<p><i>velho e tive de tomar uma decisão e ajudar naquilo que podia, foi o que eu fiz (...).</i></p> <p><i>R<sub>5</sub> – Sou rapper. Não fiz mais nada a não ser isso.</i></p> <p><i>R<sub>11</sub> – Logo, na área de segurança, sim. (...) Não fiz logo disso vida, tive vários trabalhos aqueles trabalhos de miúdo desde trabalhar nas obras, no talho, no café e ao fim de semana tinha aquilo que eu gostava na altura (...).</i></p> <p><i>R<sub>4</sub> – Queria ser independente.</i></p> <p><i>R<sub>10</sub> – Teve de ser. Não havia outra opção... infelizmente... a família era pobre.</i></p> <p><i>R<sub>10</sub> – (...) foram muitas portas fechadas. Uma pessoa com estudos já é complicado agora sem estudos... foi muita porta fechado, muita estupidez. Uma pessoa antigamente dava mais valor ao dinheiro do que ao resto. Uma pessoa vê os outros a ter as coisas e uma pessoa não tem nada quer trabalhar. É o que me arrependo de nunca ter estudado.</i></p>
	<p><b>As condições de vida dos reclusos em termos económicos, sociais e de saúde</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Percursos marcados por consumos</li> </ul>	<p><i>R<sub>1</sub> – (...) Depois entretanto houve os consumos, a partir dos dezassete. Comecei pelo haxixe, até chegar...</i></p> <p><i>R<sub>1</sub> - “ Não foi uma vida também muito fácil (...).”</i></p>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Ausência de estrutura familiar</li> <li>✓ Infância marcada pela exclusão social</li> <li>✓ Dificuldades económicas</li> <li>✓ Bom relacionamento social</li> <li>✓ Ausência de problemas graves de saúde</li> <li>✓ Estabilidade financeira e profissional</li> <li>✓ Estrutura familiar coesa</li> <li>✓ Percurso de vida normativo</li> </ul>	<p><i>R<sub>7</sub> – (...) meti-me na droga com vinte e quatro anos. Fiz tropa, vim da tropa, na tropa vi pessoas a fumar droga e nunca me meti. Nunca. O meu pai andava a fazer obras em Inglaterra, vinha cá de férias, comecei a sair com o pessoal da minha zona (...) fui para o Porto para a noite e perdi-me. Saíam da discoteca todos tolos com pastilhas na cabeça, aí leva-me ao São João de Deus e ponham-se a consumir canecos de coca no meu carro, “experimenta, experimenta, experimenta”. Um dia estava todo perdido, tinha metido meia pastilha, estava todo alucinado, experimentei, desgracei-me. Está a ver (...).</i></p> <p><i>R<sub>12</sub> – (...) Os meus pais divorciaram-se muito cedo, eu tinha dois anos de idade e à data não era muito comum os divórcios. Agora é uma coisa muito normal. E eu se calhar sentia um bocado isso, o distanciamento do meu pai (...).</i></p> <p><i>R<sub>5</sub> – (...) Eu fui largado no mundo em chavalo... não houve pai não houve mãe, não houve ninguém para fazer fosse o que fosse... depois com uma mão à frente e outra atrás... alguma coisa tive de fazer pela vida que é mesmo assim. Não ia ficar sem comer o mês inteiro, não ia arranjar um trabalho e</i></p>
--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<p><i>ficar o mês inteiro sem comer à espera para chegar o fim do mês e comer: “ Ah pronto agora já tirei a barriga de misérias”. Não tinha tempo para isso, tinha de vir rápido e tinha de vir de algum lado (...).</i></p> <p><i>R<sub>5</sub> – (...) Eu cresci num beco, nasci no bairro do Aldoar com o chão em terra batida... um gajo chegava à escola e dizia que era do bairro do Aldoar éramos postos de lado, íamos para o fundo da turma e os pais dos meninos bonitos não queriam que a gente se misturasse com eles. Até na cantina nós comíamos num sítio diferente deles (...).</i></p> <p><i>R<sub>3</sub> – Vamos dizer que vivi do trabalho, depois quando fui para a Venezuela... casei na Venezuela (...) os pais dessa rapariga com quem casei lá eram pessoas de dinheiro... pronto tive uma vida estável. Mas sempre trabalhei.</i></p> <p><i>R<sub>5</sub> – Vendia droga não passava assim grandes dificuldades (...).</i></p> <p><i>R<sub>7</sub> – (...) Eu tinha tudo para ser alguém na vida, tinha uma estrutura familiar em condições, tinha tudo e tive tudo, percebe? Só que deitei tudo a perder e vim aqui parar (...).</i></p>
--	--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<p><i>R<sub>7</sub> – (...) Até vir preso foi tudo bom. Antes de me meter na droga era tudo bom. Tive uma vida boa, nunca me faltou nada.</i></p> <p><i>R<sub>9</sub> – Com altos e baixos mas mais com altos do que com baixos. Eu por natureza sou uma pessoa muito positiva, se acontece um percalço eu penso: “Ok teve de ser” mas supero facilmente as minhas dificuldades e do que está para trás a única coisa que me mancha é precisamente isto, de resto não tenho nada a apontar na minha vida (...).</i></p> <p><i>R<sub>12</sub> – (...) sempre tive uma família que me apoiava muito e uma situação socioeconómica boa, com perspectivas de emprego sempre e sempre deitei tudo a perder (...).</i></p>
	<p><b>Ocupação dos tempos livres antes reclusão</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Atividades desportivas (corrida, caminhada, futebol, boxe, bicicleta, mergulho, queda livre,...)</li> <li>✓ Frequência de espaços de lazer (cafés, cinema)</li> </ul>	<p><i>R<sub>1</sub> – Lá fora antes dos consumos praticava desporto. E mesmo depois dos consumos também. Jogava à bola com os meus amigos, escrevia, lia, via filmes. Jogos? Alguns, nem todos. Principalmente jogos de computador sem ser jogos de apostas.</i></p> <p><i>R<sub>5</sub> – A fumar ganza todos os dias (risos). De manhã à noite. A escrever música e a gravar.</i></p> <p><i>R<sub>3</sub> – A passear com os meus cães (...) Desporto...</i></p>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Viagens</li> <li>✓ Consumo haxixe</li> <li>✓ Convívios familiares e com amigos</li> <li>✓ Primeiro contato com o mundo crime</li> <li>✓ Aviação, fotografia, praia e natureza</li> <li>✓ Atividades com os filhos</li> </ul>	<p><i>faço muito desporto, correr... cinema. Dentro disso, convívios familiares, ir ao cafezito.</i></p> <p><i>R<sub>8</sub> – Um bocado de desporto, passeio, não sou muito dado a literatura... passeio, conviver, família.</i></p> <p><i>R<sub>9</sub> – Eu tenho o hobbie que é a aviação. Eu gosto muito de aviões e fotografia (...).</i></p> <p><i>R<sub>9</sub> – (...) Gosto de caminhar, gosto de natureza, gosto de praia. Passava com a família e amigos.</i></p> <p><i>R<sub>10</sub> – (...) correr, andar de bicicleta, mergulhar, queda livre (...).</i></p>
	<p><b>Interpretação do crime no olhar de quem o cometeu</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Imagem negativa do crime</li> <li>✓ (Não) Arrependimento</li> </ul>	<p><i>R<sub>1</sub> – Interpretei mal, não é? Para mim o crime é a pior coisa que uma pessoa pode fazer mas, infelizmente, quando uma pessoa também se mete nos consumos de cocaína, de heroína, o haxixe, o ecstasy e por aí fora ... ‘prontos’, uma pessoa ‘descambeia’ (...).</i></p> <p><i>R<sub>6</sub> – Foi mau. Foi mau não tinha noção da</i></p>

<p><b>O Percurso Prisional do Recluso</b></p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Crime consequência dos consumos e das condições de vida</li> <li>✓ Sentimento de vergonha</li> <li>✓ Crime consequência de terceiros</li> </ul>	<p><i>gravidade dos factos mas agora estou a cumprir.</i></p> <p><i>R<sub>7</sub> – Sim arrependo-me. Sem dúvida alguma. Para me sentir bem comigo mesmo tenho de mostrar arrependimento (...).</i></p> <p><i>R<sub>5</sub> – (...) Eu no fundo não me arrependo do que fiz eu arrependo-me de não ter tido cabeça para ter juntado dinheiro. É a única coisa que me arrependo. É a realidade, não vou estar a mentir.</i></p> <p><i>R<sub>7</sub> – Vergonha. Acho que é mesmo a palavra correta. Porque se não fosse a droga nunca tinha cometido os crimes. Só que a droga levou-me a fazer loucuras, não é? Coisas que às vezes eu penso, agora que estou lúcido, começo a pensar em coisas que eu fiz e digo: “ Como é que eu fui capaz de cometer esses crimes?”. Porque a droga leva mesmo uma pessoa à loucura, a fazer coisas impensáveis mesmo. Arrependimento acima de tudo.</i></p> <p><i>R<sub>9</sub> – Eu fui quase forçado a isso porque aquilo era uma situação muito complicada em termos familiares com a mãe dos meus filhos, gastou-me mais do que aquilo que ganhava, depois endividamo-nos muito durante um ano e depois quando a banca colapsou foi quando demos o</i></p>
-----------------------------------------------	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<p><i>estouro por assim dizer. O motivo foi esse. Não houve motivo intencional ou premeditado nem nada.</i></p> <p><i>R<sub>10</sub> – Tinha de ser. Ou me matavam ou eu me defendia. Não posso dizer muito mais sobre isso. Tentaram-me matar mais do que uma vez. É como eu digo eu estou de roupa mas se mostrar eu tenho marcas que comprovam isso.</i></p>
	<p><b>A privação de liberdade e as suas adversidades</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Enfraquecimento dos lados familiares e afectivos</li> <li>✓ Sentimento de impotência</li> <li>✓ Ausência de contato com o exterior</li> <li>✓ Má alimentação</li> <li>✓ Relacionamento entre reclusos</li> <li>✓ Confinado ao espaço prisão/</li> </ul>	<p><i>R<sub>1</sub> – O mais difícil da privação é não poder estar com os nossos familiares (...).</i></p> <p><i>R<sub>10</sub> – (...) Mas o que mata a mim é financeiramente não poder fazer nada. Não é o dinheiro que eu mando daqui que são trinta/quarenta euros que é suficiente. Para quem tinha uma vida estável, ter de começar a vender carros e tudo não é fácil (...).</i></p> <p><i>R<sub>2</sub> – A comida é mesmo demais... crua, mal feita, não há hipótese. É mesmo do pior (...).</i></p> <p><i>R<sub>7</sub> – (...) imagine tanta hora ali dentro, com três pessoas dentro dum espaço tão pequeno. Estar ali das sete horas até às oito do outro dia. É muitas horas fechado, é saturante. Só que o ser humano adapta-se. (...) Muitas das vezes é complicado porque nem todos os feitos são iguais e uma pessoa tem de se adaptar. Mas o ser humano tem</i></p>



		<p>cela</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Consequências de saúde (insónias, ansiedade)</li> <li>✓ Controlo pelo sistema prisional</li> </ul>	<p><i>essa capacidade de se adaptar às coisas.</i></p> <p><i>R<sub>7</sub> – (...) não durmo bem, sonho a noite toda, só pesadelos, acordo umas cinco vezes durante a noite, isto assim o cérebro não descansa.</i></p> <p><i>R<sub>8</sub> – (...) É pressão diária que exercem sobre as pessoas para as tentar manter controladas (...).</i></p>
	<p><b>Perceção do período de reclusão</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Boas aprendizagens</li> <li>✓ Cumprimento da pena como uma lição de vida</li> <li>✓ Criação de hábitos e rotinas</li> <li>✓ Valorização da família</li> <li>✓ A prisão é marca para a vida toda</li> <li>✓ Conformação ao estatuto de recluso</li> </ul>	<p><i>R<sub>2</sub> – Aprendo muito, aprendo muito. Desde que vim para aqui aprendi a dar valor que não dava a muita coisa. Comecei a dar mais valor à minha família, comecei a pensar mais na vida, a ver os prós e contras e estou a aprender entre aspas a ser um homem melhor. Sem dívida. E tenho consciência que quando sair daqui vou ser muito melhor do que aquilo que era. Eu já era bom apesar de ter feito o que fiz e de andar no que andei, que não é isso que impede eu ser boa ou má pessoa (...).</i></p> <p><i>R<sub>12</sub> – (...) espero ganhar ferramentas aqui na ULD que tenho tentado aprender alguma coisa. Desde que entrei aqui ganhei algumas ferramentas para não voltar a cometer os crimes. E com essas ferramentas, pondo-as em prática espero não cair nas mesmas asneiras (...).</i></p>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Experiencia a não repetir</li> <li>✓ Introspecção dos percursos de vida</li> <li>✓ Mudança de comportamentos/attitudes</li> <li>✓ Sentimento de perda de tempo</li> <li>✓ Perdas irrecuperáveis</li> <li>✓ Revolta contra o sistema</li> </ul>	<p><i>R<sub>7</sub> – Levo uma lição de vida muito grande. Um abre olhos, uma mudança de vida. Vou dar mais valor à vida e a mim mesmo porque só vivemos uma vez. E é isso, acho que se deve aproveitar da melhor maneira possível.</i></p> <p><i>R<sub>1</sub> – Hábitos necessários para ir lá para fora. É o que uma pessoa mais precisa. Vou estar na cama até ao meio dia? Não, não pode. Uma pessoa se tiver que seguir a vida em frente tem de acordar cedo, trabalhar, tudo direitinho. É o que eu pretendo.</i></p> <p><i>R<sub>10</sub> – Para quem está lá fora passa [rápido], aqui dentro é muito diferente. É pouco tempo comparado com o que anda aí mas é uma marca muito grande. Isto é uma tatuagem que fica para o resto da vida. E eu próprio às vezes noto que a minha cabeça não anda muito bem (...).</i></p> <p><i>R<sub>2</sub> – É o que eu mais quero [não voltar]. Estou a perder aqui muitos anos da minha vida. Aqui dois, quatro anos ou cinco parecem dez. É muito complicado.</i></p> <p><i>R<sub>4</sub> – (...) aqui deu-me tempo para pensar em muita coisa (...).</i></p> <p><i>R<sub>5</sub> – Levo uma perda de tempo.</i></p>
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<i>R<sub>5</sub> – (...) Serviu para perder a minha juventude.</i>
	<b>Expectativas de reinserção social</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Integrar novamente a família e grupo de amigos</li> <li>✓ Manter-se afastado dos hábitos aditivos</li> <li>✓ Ingressar numa profissão</li> <li>✓ Criar negócio próprio</li> <li>✓ Ser feliz</li> <li>✓ Formação académica e profissional</li> <li>✓ Tirar carta de condução</li> <li>✓ Manter uma vida regrada</li> <li>✓ Medo do preconceito e dos obstáculos que se colocam</li> </ul>	<p><i>R<sub>12</sub> – (...) Ter esse prazer [ter uma família] mas agora sem haver os charros, sem haver as bebedeiras, dar prioridade a outras coisas boas, a outros prazeres da vida que não são só as drogas e o álcool que nos dão essa sensação de prazer (...).</i></p> <p><i>R<sub>5</sub> – (...) quando sair daqui uma das coisas que eu vou querer fazer é comprar uma máquina de tatuar profissional, e vou querer tirar um curso de tatuador. (...) ou cabeleireiro.</i></p> <p><i>R<sub>6</sub> – Vou trabalhar e vou ser outra pessoa. Não vou andar aí a cometer crimes. Vou ser uma pessoa normal, dita normal na sociedade, não é? Normal somos todos mas dentro da sociedade.</i></p> <p><i>R<sub>3</sub> – (...) Quero ser feliz e quero sair daqui, ter o meu trabalho e pronto... já estou junto com outra rapariga há oito anos e fazer uma vida feliz. É o que eu quero, mais nada.</i></p> <p><i>R<sub>6</sub> – (...) quero tirar um curso de soldador e de inglês e vou trabalhar para a beira do meu pai. O meu pai tem uma empresa e mete-me a trabalhar. Mas eu quero aprender mais (...).</i></p> <p><i>R<sub>5</sub> – (...) um gajo assim com a cara tatuada, não</i></p>

			<p>vai ser fácil arranjar certo tipo de trabalhos.</p> <p><i>R<sub>10</sub></i> – Muito mais complicada. Já faço agora trinta e cinco anos, registo criminal sujo, sem profissão. Não é fácil (...).</p>
	<b>Dinâmica institucional</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Diferenças notórias entre pavilhões</li> <li>✓ Tentações e ilegalidades</li> </ul>	<p><i>R<sub>10</sub></i> – (...) Nós notamos diferença de um sítio para o outro. Mesmo aqui dentro da sexta para o B, do B para o A, do A para a CASA... nota-se uma diferença doida. São patamares completamente diferentes, parece que estamos noutra país. É que não é cidade, é país logo. Parece logo outros países. A forma de convívio, a forma de respeito, a forma das brincadeiras... tudo muda. A sexta nunca lá estive sem ser em trabalho é um ambiente pesado, as próprias condições dizem muita coisa, depois os crimes que estão lá praticamente fazem confusão na cabeça de qualquer ser humano. No B é aquele pessoal jovem, já vivido, aquele pessoal da escola... é muito rápido, parece que está na autoestrada. Sexta é aldeia, anda muito devagarinho, muito esquisito, cada um no seu canto. O B é uma autoestrada, tudo em excesso de velocidade. No A é mais uma cidade, o pessoal tem de parar nos semáforos, tem de parar nos STOP's</p>

			<p><i>para não provocar um acidente. Aqui a CASA é mais parque de estacionamento, está tudo arrumadinho, toda a gente sabe qual é o seu lugar.</i></p> <p><i>R<sub>10</sub> – (...) Porque aqui é um azar, sabe que aqui um telemóvel é uma coisa que vale ouro. Eu posso não o ter, posso não ter meios mas se alguém o tiver e se uma pessoa puder usufruir... uma pessoa pensa... Mas lá como o pessoal é mais necessitado é mais unido, percebe?</i></p> <p><i>R<sub>5</sub> – (...) lá em baixo sabe que a tentação é forte tanto a nível de telemóveis como haxixe uma vez que é uma cadeia aberta e é fácil meter essas coisas (...).</i></p>
	<p><b>Ocupação do tempo prisional</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Atividades desportivas</li> <li>✓ Terapias</li> <li>✓ Recreio</li> </ul>	<p><i>R<sub>1</sub> – (...) ou ponha-me na cela a escrever ou a ver televisão, ou jogava um bocado de ping-pong, um bocado de matrecos (...).</i></p> <p><i>R<sub>1</sub> – Lá em baixo [regime comum] era sempre fechado doutora. Sempre dentro do mesmo recinto, no mesmo pavilhão não há... só tem o recreio de manhã... à semana, ao fim de semana é à tarde.</i></p> <p><i>R<sub>2</sub> – (...) Ginásio e trabalho, nada mais. E jogar um play-station a noite, a queimar um bocado de tempo.</i></p> <p><i>R<sub>2</sub> – No pavilhão parece que passa melhor o tempo.</i></p>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Leitura</li> <li>✓ Atividades de campo</li> <li>✓ Atividades escolares e frequência de cursos</li> <li>✓ Ocupação laboral</li> <li>✓ Quotidiano Rotineiro</li> <li>✓ A ocupação do tempo prisional diferencia-se por regimes (ULD, regime comum, CASA)</li> </ul>	<p><i>Parece que os dias andam mais rápido, por causa da movimentação que tem, dos filmes que se vê diariamente, não é?</i></p> <p><i>R<sub>3</sub> – Vou trabalhar para o bar. É o que eu faço porque ali no bar não dá tempo de muita coisa. É de manhã até às seis. Começo às sete e meia e acaba às seis da tarde.</i></p> <p><i>R<sub>3</sub> – (...) Também preenchia o meu tempo a ler, sempre fiz ginásio que é uma maneira de distrair e de aliviar o stress.</i></p> <p><i>R<sub>5</sub> – (...) tive quase dois anos sem fazer absolutamente nada na cela.</i></p> <p><i>R<sub>6</sub> – Quando estava lá em baixo [regime comum] não fazia muito, como você sabe aquilo também não interessa a ninguém. Aqui na ULD é diferente, fez ganhar outras... acordar cedo, tomar o pequeno-almoço a horas, almoçar a horas, jantar a horas... é diferente. Ter terapias... é outros hábitos (...).</i></p> <p><i>R<sub>6</sub> – (...) Vemos os filmes, à quinta-feira temos o GPS, à sexta-feira vamos ter uma nova terapia sobre a internet (...). (...) E temos terapias de motricidade, temos ginásio, jogamos à bola de vez em quando. É isso.</i></p>
--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<p><i>R<sub>8</sub> – Estou no futebol também, na seleção. E faço desporto aqui no ginásio. E leio um bocado tenho aí o calhamaço do livro para estudar e quando há estabilidade a gente lê um bocado.</i></p> <p><i>R<sub>9</sub> – Quando estava no pavilhão era mais difícil porque não tínhamos ocupação, ocupei sempre o tempo na leitura. Eu sou um devorador de notícias por assim dizer, tudo o que seja jornais, revistas, livros. Só para lhe dizer que aqui numa semana li quatro livros (...).</i></p> <p><i>R<sub>10</sub> – Tento correr, andar de bicicleta. (...) De resto é ver televisão, não sou muito de ler sou sincero é um erro meu (...).</i></p> <p><i>R<sub>10</sub> – O desporto, a seleção e na altura, no pavilhão, era faxina do ginásio de manhã à noite e dava aulas ao pessoal, ensinava-lhes algumas coisinhas. Fiz yoga, fiz um programa com a Dra. X que era de prevenção [Construir um plano de prevenção e contingência] (...).</i></p> <p><i>R<sub>11</sub> – Levanto-me, vou tomar o meu pequeno-almoço, vou tomar o meu banho, visto-me e vou para o trabalho. Venho do trabalho vou almoçar, estou um bocado no bar a socializar... a noite vem vou treinar, vou jantar, tomo o meu banho, vejo um</i></p>
--	--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<p><i>bocado de televisão e adormeço. E passo assim.</i></p> <p><i>R<sub>12</sub> – Doutora, agora aqui ocupasse melhor. No regime comum era fumar ganza o dia todo, era isso... e jogar à bola, ir ao recreio pouco mais. Aqui à segunda-feira de manhã agora temos os filmes, temos uma terapia a nível de cinema. À tarde temos o inglês. À terça de manhã temos o futebol lá fora quando está bom tempo se não vamos para o ginásio. Terça à tarde de quinze em quinze dias temos a engenheira na horta. À quarta de manhã temos outra vez o cinema e à quarta de tarde é o atendimento. À quinta de tarde temos o programa com a doutora. Estamos sempre ocupados e isso é bom, doutora. À quinta de manhã é terapia com a psicóloga (...).</i></p>
	<p><b>Alternativas às atividades desenvolvidas e à ocupação do tempo prisional</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Aumentar o leque de ofertas (atividades socioculturais, desportivas, escolares, laborais)</li> <li>✓ Formação específica de</li> </ul>	<p><i>R<sub>11</sub> – (...) devia haver mais oportunidades de cursos e formações, mais desporto porque se o desporto for saudável é bom. (...) Agora aqui na cadeia devia haver mais desporto, mais escola, criar mais postos de trabalho para a gente poder ocupar o tempo aqui dentro.</i></p> <p><i>R<sub>5</sub> – Devia haver mais atividades relacionadas com artes como pintura, teatro. O projeto de dança</i></p>



		<p>civismo, bem estar e o código da estrada</p> <p>✓ Atividades de estimulação cognitiva</p>	<p><i>devia ser repetido para outras pessoas que não chegaram a participar no primeiro. Cursos musicais, línguas. Acho que está muito desaproveitado (...).</i></p> <p><i>R<sub>12</sub> – (...) estimular as pessoas a jogar um bocado mais de xadrez que também é bom pôr o pessoal a pensar (...).</i></p>
	<p><b>O Tratamento e Acompanhamento Prisional</b></p>	<p>✓ É prestado o apoio necessário aos reclusos</p> <p>✓ Os reclusos não se sentem apoiados</p> <p>✓ O apoio prestado não é eficiente</p> <p>✓ Tratamento e acompanhamento diferenciado entre regime comum, ULD e CASA</p> <p>✓ O tratamento e o acompanhamento não visam a</p>	<p><i>R<sub>2</sub> – (...) não posso apontar o dedo a ninguém. Tudo o que pedi, sempre que fui falar com as pessoas sempre fui bem tratado, sempre me trataram bem, sempre me resolveram as coisas (...).</i></p> <p><i>R<sub>12</sub> – Nós aqui temos a psicóloga que nos atende uma vez por semana e a psiquiatra. Mas também não dá para serem omnipresentes. Tem a clínica toda em cima da psiquiatra, não é? E as pessoas não fazem milagres. Se o estado não abre um bocado a torneira as pessoas também não se conseguem desdobrar. Se tivéssemos aqui uma psicóloga com mais frequência... ela também vai estando por aqui se tivermos algum problema mesmo, mais urgente, se pedir ela está sempre pronta a ajudar. A ajuda que nos é dada no contexto das terapias já é bom para nós.</i></p>

		<p>reinserção social dos reclusos</p> <p>✓ O modo de tratamento e acompanhamento são estandardizados</p> <p>✓ Aplicar maior profissionalismo ao que é desenvolvido</p> <p>✓ Maior sensibilidade por parte dos funcionários</p> <p>✓ Oferecer mais e melhores condições aos reclusos</p> <p>✓ Os reclusos sentem-se meros números do sistema</p> <p>✓ A austeridade compromete o funcionamento do sistema</p>	<p><i>R<sub>12</sub> – (...) no regime comum já é diferente. Mais demorado, há uma técnica para não sei quantas pessoas e não se pode exigir muito mais. A culpa não é das dotoras, a culpa é do país. Não há dinheiro, não se recruta pessoas, não se pode fazer mais e as pessoas têm de se ajustar e tentar fazer o melhor que podem com o que têm (...).</i></p> <p><i>R<sub>8</sub> – O apoio que me é prestado, não me é prestado apoio nenhum. Ou seja, nós só temos o apoio que pedirmos. Ou melhor, isto está instituído que as técnicas, não estou a dizer que o problema é delas, está instituído assim... elas não são capazes de vir por nada chamar: “Então está tudo bem consigo?”, “O que você anda a fazer?”, “ E a escola e o trabalho?”.</i></p> <p><i>R<sub>8</sub> – Só quando precisamos de um cartão para a visita do fulano tal é que temos de fazer um pedido e então ela vem e tal... um pedido para uma festa de anos... percebe? Só quando nós precisamos de alguma coisa é que elas fazem qualquer coisa. Fora isso não vem. E depois vem fazer os relatórios... a explicação delas é que é muita gente e não sei quê...</i></p> <p><i>R<sub>10</sub> – É assim atendido sou. Mas o apoio prestado</i></p>
--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>prisional</p> <p>✓ Perpetuam-se vícios e comportamentos aditivos</p>	<p><i>não, nem pensar. (...) Eu não entendo como é que uma pessoa que me vê uma vez por ano consegue dizer que eu sou isto e aquilo. Não entendo. (...) Os relatórios que ele [técnico IRS] faz é para eu não sair daqui de dentro. Faz-me confusão, há certas coisas que me fazem confusão. E depois temos as outras, claro que nos ajudam em tudo. Os próprios sistemas em vez de nos ajudar complicam, uns com lógica mas outros sem lógica nenhuma.</i></p> <p><i>R<sub>10</sub> – (...) Eu desde que estou aqui já vi sete ou oito pessoas a morrer e tudo por negligência. Porquê? Porque a pessoa provavelmente tem dois empregos, ou quer dormir, ou não está disposta ou está num dia não e o problema aqui é que as coisas se abafam. Custa. Das últimas pessoas que eu vi, nós batemos todos à porta do pavilhão, bater à porta, bater à porta e do género “deixa bater”. Depois os guardas vêm “O que querem?”, “ O que vocês querem? Não estão a fazer barulho demais?”. “Não estamos a fazer barulho de mais porque está alguém a sentir-se mal”. “Isso é normal, isso é normal”. Depois vão chamar o enfermeiro e o enfermeiro é ali ao lado e demora vinte minutos. Quando dão fé uma pessoa morre dentro de uma</i></p>
--	--	-------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<p><i>cela. O homem que está dentro da cela com o que faleceu não é fácil. Isso vai-nos causando uns certos transtornos.</i></p> <p><i>R<sub>6</sub> – É prestado o apoio às vezes não tão rápido como nós queremos mas é prestado.</i></p> <p><i>R<sub>5</sub> – (...) Em dois mil e treze eu metia uma petição para a minha técnica de educação e era chamado passado quinze dias.</i></p> <p><i>R<sub>1</sub> – (...) Porque muitos lá em baixo [regime comum] não tem a mesma sorte do que uma pessoa aqui em cima, quer a alimentação... tudo em si... quer a própria aprendizagem, os horários, tudo, as próprias rotinas. Aquela hora temos de estar a pé, temos de fazer isto e aquilo, temos sempre as nossas rotinas.</i></p> <p><i>R<sub>6</sub> – (...) É da água para o vinho. Aqui [ULD] é melhor em todos os sentidos. (...) as técnicas na prisão existem é para ajudar os reclusos.</i></p> <p><i>R<sub>6</sub> – (...) Ali passamos fome, lá em baixo. Passamos fome, isto é, no refeitório. Depois comemos chocapic, cerelac, salsichas e atum. É sempre a mesma coisa, sempre.</i></p> <p><i>R<sub>6</sub> – (...) Quando estava lá em baixo [regime comum] desejava mesmo comer um prato de</i></p>
--	--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<p>comida.</p> <p><i>R<sub>7</sub> – (...) Lá em baixo [regime comum] é um degredo. Pelo menos aqui estou resguardado a certas coisas, não quer dizer que fosse ter uma recaída se tivesse lá em baixo mas aqui é diferente. A nível de condições, de higiene... é diferente, eu prefiro estar aqui.</i></p> <p><i>R<sub>6</sub> – (...) A prisão só faz pior, só faz uma pessoa ir pior. Falo do regime comum, os mesmos hábitos que você tinha na rua tem aqui, fumar ganza, telemóvel, isto e aquilo. Mas telemóvel é o menos que lá fora é legal, não é? Fumar ganza, pessoas que fumam droga como cocaína e heroína podem continuar a fumar porque há na prisão e isso é mau, não é? Porque devia ser onde nós nos reinserimos e não é. Trabalho? Há trabalho para umas pessoas e para outras não há e é tudo uma casa a arder (...).</i></p> <p><i>R<sub>8</sub> – Como é que querem reabilitar uma pessoa se só consegue fazer uma chamada por dia de cinco minutos para a família? Explique-me.</i></p> <p><i>R<sub>6</sub> – (...) pessoas que não têm nada na vida, que saem dali chegam aquela porta: Para onde vou? O que vou fazer? Há muita probabilidade de voltarem</i></p>
--	--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<p><i>a reincidir no crime (...).</i></p> <p><i>R<sub>8</sub> – (...) ele [juiz] não nos conhece, ele limita-se a fazer o que tem a fazer pelo que lhe põem a frente.</i></p> <p><i>R<sub>8</sub> – (...) Isto há uma cartilha que eles seguem à risca. Quanto é que medes, quanto pesas, qual a tua idade e segundo esses parâmetros vais de precária. É reincidente, não é reincidente. Se for reincidente só vais de precária não sei quando, se fores primário... isto se portares sempre bem e não sei quê.</i></p> <p><i>R<sub>8</sub> – (...) Tem de se aplicar aqui às coisas um carácter mais profissional, mais intenso (...).</i></p> <p><i>R<sub>10</sub> – (...) as pessoas deviam parar e conversar com quem está no terreno, ver os erros, ver as falhas, ver o que se pode melhorar (...).</i></p> <p><i>R<sub>10</sub> – Acho que deviam tentar melhorar o que tem, sobretudo as leis e as formas de trabalhar. Porque se virem bem nós não somos todos iguais, nem toda a gente reage da mesma maneira. (...) Quem nos avalia, se as pessoas falassem umas com as outras ou até se se juntassem à mesa, por exemplo, eu, você, um guarda... pessoas que andam no nosso meio e dizer: o que você acha disto? O que você acha daquilo? As coisas melhoravam. E às vezes</i></p>
--	--	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<p><i>não havia tantos erros.</i></p> <p><i>R<sub>6</sub> – Olharem mais pelos reclusos, por exemplo. Darem mais benefícios, não dão. Mandar mais pessoas embora, que não mandam. Que o juiz fosse mais sensível às pessoas que, infelizmente, não o é. Lá em baixo [regime comum] mudar a comida que aquilo até mete nojo. Evoluir mais um bocado, não é? (...).</i></p> <p><i>R<sub>5</sub> – (...) Aqui dentro não passamos de um número é mesmo assim, tão simples quanto isso.</i></p> <p><i>R<sub>9</sub> – (...) a austeridade que se está a refletir aqui dentro (...). (...) estamos muito reduzidos em termos alimentares, a qualidade deixa um bocadinho a desejar. A nível de saúde tentam dar o máximo, temos aqui excelentes profissionais, o médico daqui considero uma pessoa extremamente profissional, muito apoiados pelo corpo de guardas mas nota-se mesmo a austeridade e isso influencia e é uma das desvantagens. A grande desvantagem.</i></p> <p><i>R<sub>12</sub> – (...) Dentro dos recursos que a cadeia tem acho que já está bem bom doutora. (...) dentro do contexto prisional acho que as pessoas não podem esperar muito mais (...).</i></p>
--	--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p><b>Relação entre recluso-recluso</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Respeito mútuo</li> <li>✓ Bom relacionamento</li> <li>✓ Maior empatia com uns colegas</li> <li>✓ Agressividade, violência e poder</li> <li>✓ Relações de interesse e hierarquizadas</li> </ul>	<p><i>R<sub>1</sub> – [No regime comum] Há mais grupos. Quando há confusão com uma pessoa vão logo três ou quatro em cima. É chato.</i></p> <p><i>R<sub>4</sub> – (...) Se calhar aqui retrai-me mais um pouco precisamente porque é cadeia e como era a primeira vez eu andei e tentei pôr os pezinhos devagarinho para ver se não aleijava ninguém.</i></p> <p><i>R<sub>6</sub> – É boa, é normal. Nem todos dias acordamos bem dispostos mas é normal. Não sou antipático, mantenho a minha posição, eles têm a deles e eu tenho a minha.</i></p> <p><i>R<sub>10</sub> – É como lá fora. Aqui é mais concentrado mas é como lá fora. Estou bem consigo ando consigo não estou bem consigo afasto-me. Depois sabe que aqui as tentações costumam sempre ir aos extremos, é diferente lá de fora (...).</i></p> <p><i>R<sub>12</sub> – (...) lá em baixo [no regime comum] além das relações há sempre negociatas, há sempre muita coisa por trás. Lá em baixo também há uma ferramenta que se aprende para o resto da vida que é conseguirmos analisar as pessoas no mais curto espaço de tempo. Se a pessoa vem ter consigo por interesse ou se... temos de criar essa barreira e tentar ver na pessoa o mais rapidamente o que</i></p>
--	---------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------



			<p><i>aquela pessoa pretende de si. Lá aproveitam-se daquela pessoa porque tem menos posses, aproveitam-se para guardar isto ou aquilo. Aqui não, para já aqui não há telemóveis, não há droga, as pessoas muito ou pouco vão tendo dinheiro para carregar o cartão, trabalham e há sempre o ordenado ao fim do mês (...).</i></p>
	<p><b>Relação entre recluso-funcionário</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Relações cordiais</li> <li>✓ Respeito mútuo</li> <li>✓ Criação de afinidade</li> <li>✓ Importância do distanciamento nas relações</li> <li>✓ É notório o abuso de poder por parte do corpo de guardas prisionais</li> </ul>	<p><i>R<sub>3</sub> – (...) eu não tenho nada a dizer, nem de técnicos nem de guardas... Eu dou-me ao respeito e respeito e igualmente fazem comigo. Claro que se a gente faltar ao respeito já sabe as consequências disso. E há pessoas que não quer respeitar e querem mandar mais do que os guardas e essas coisas... e isso não pode ser. Não tenho mesmo nada a dizer a não ser bem.</i></p> <p><i>R<sub>5</sub> – Eu com os guardas estou sempre na tanga, sou sempre um bocado para o gozão mas dentro do limite aceitável. Agora de resto só falo para as pessoas quando é preciso mesmo. Enfermeiras e técnicas só mesmo quando é preciso. (...) Há aqueles guardas que já me fecharam várias vezes no castigo e volta e meia no pátio do castigo era a única pessoa com quem tinha para falar... não é um laço de amizade mas ganha uma certa</i></p>

			<p><i>afinidade.</i></p> <p><i>R<sub>12</sub> – (...) lá em baixo [regime comum] os guardas vão fechar as portas e vão abrir doutora. E temos de dar o nosso número para ao refeitório e para vir para dentro. (...) aqui na ULD durante o dia não estamos mais do que cinco minutos sem ver o guarda. Aqui há uma proximidade. Lá em baixo não, as da cozinha são mal encaradas todas, os guardas é como em todas as áreas há pessoa boas e pessoas más, pessoas incompetentes e pessoas competentes. Isso ponto final. As enfermeiras, igual. Há enfermeiras cinco estrelas que compreendem as pessoas, outras cara feia e não querem saber. Mas isso acho que é em todo o lado não é por estar aqui. Há bons profissionais e maus profissionais, há quem seja corrupto e quem não seja, isto depois ali há de tudo.</i></p>
	<p><b>As oportunidades de acesso às ofertas prisionais e a sua organização</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Os reclusos devem mostrar interesse</li> <li>✓ Os reclusos têm de escolher entre a escola e o trabalho</li> </ul>	<p><i>R<sub>2</sub> – (...) se pudesse andar a trabalhar, ganhar o mesmo e estudar... eu ia. Eles cortam, nem dá tempo para isso. Eles dizem logo: escola ou trabalho, não é? As duas coisas é um bocado difícil, percebe? Eu também preciso dos quarenta e dois euros.</i></p> <p><i>R<sub>10</sub> – São limitadas, isso é geral. Mas mais vale</i></p>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Ofertas insuficientes e inadequadas aos diferentes participantes</li> <li>✓ Rigidez na periodicidade e duração das atividades</li> <li>✓ Facilidade de acesso</li> <li>✓ Critérios de selecção e admissão incompreendidos</li> </ul>	<p><i>haver uma do que não haver nenhuma. Então se houver quatro, cinco ou seis melhor ainda (...).</i></p> <p><i>R<sub>8</sub> – E é tudo muito curto. Às cinco da tarde termina tudo e só começou às duas ou duas e meia e depois? E de manhã começa às nove e às onze já acabou tudo.</i></p> <p><i>R<sub>10</sub> – Isto está muito limitado e de certo modo muito restrito. Porque há pessoas que não lhes dão permissão para algumas coisas e eu não entendo porque e a outras dão permissão e eu também não entendo porquê. Acho que às vezes as coisas são muito mal avaliadas e não funcionam bem.</i></p> <p><i>R<sub>11</sub> – (...)dá-nos muitas facilidades para a gente querer ocupar o nosso tempo (...).</i></p>
<p align="center"><b>Conceções Educativas em Contexto Prisional – Educação Formal, Educação não formal e Educação Informal</b></p>	<p align="center"><b>A importância das diferentes atividades desenvolvidas na perspectiva dos reclusos</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Criação de hábitos e rotinas</li> <li>✓ Contatar outros mundos e outras pessoas</li> <li>✓ Ocupação do tempo de modo</li> </ul>	<p><i>R<sub>3</sub> – (...) primeiro aprenderem a levantar cedo, segundo quem nunca trabalhou aprender o que é trabalho e a responsabilidade. É tudo só vantagens para aprender quando for lá para fora, porque quem não se levanta aqui para ir trabalhar também lá fora não se levanta.</i></p> <p><i>R<sub>3</sub> – (...) é uma maneira de por um lado as pessoas saírem um bocado deste mundo, distrair-se com</i></p>

		<p>diferente</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Obtenção de ferramentas importantes</li> <li>✓ Aquisição de competências e saberes</li> <li>✓ Manter o corpo e mente saudáveis</li> </ul>	<p><i>outras situações, ter contacto com outras pessoas e aproveitar (...).</i></p> <p><i>R<sub>5</sub> – (...) se uma pessoa não ocupa o tempo dá em maluquinho na cela.</i></p> <p><i>R<sub>8</sub> – (...) Quem quiser deve estar ocupado mentalmente e fisicamente. O não estar ocupado só cria uma série de vícios e matutar.</i></p> <p><i>R<sub>6</sub> – (...) [são] ferramentas que nos servem lá para fora, para a vida.</i></p> <p><i>R<sub>9</sub> – (...) aprendesse sempre alguma coisa. Uma simples regra é uma aprendizagem (...).</i></p> <p><i>R<sub>11</sub> – (...) O desporto é uma forma de a gente aprender muita coisa na vida. A nossa postura, a nossa maneira de estar, a maneira de encarar as coisas, de ver as coisas (...).</i></p>
	<p><b>O valor da escola na perspetiva dos reclusos</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Aprender a ler e escrever</li> <li>✓ Aquisição de cultura e sabedoria</li> <li>✓ Aproveitamento inadequado da escola</li> </ul>	<p><i>R<sub>2</sub> – (...) dá-nos mais cultura, mais sabedoria (...).</i></p> <p><i>R<sub>3</sub> – (...) A escola é cultura geral e as pessoas vão aprendendo mais qualquer coisa...mesmo inconscientemente aprendem sem querer.</i></p> <p><i>R<sub>4</sub> – A escola para mim, no meio prisional, é muito importante. Só que o problema é que o pessoal não está interessado na escola. É uma coisa que eu</i></p>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Encontro de ideias em novos espaços</li> <li>✓ Uma nova oportunidade</li> <li>✓ Combate ao analfabetismo</li> </ul>	<p><i>reparo.</i></p> <p><i>R<sub>6</sub> – (...) faz bem para não estarmos sempre confinados ao mesmo espaço. E para aprendermos sempre mais alguma coisa. E para vermos caras diferentes (...).</i></p> <p><i>R<sub>7</sub> – (...) Acho muito bom para darem oportunidade às pessoas de aprender um pouco mais porque vesse muitas pessoas analfabetas dentro das cadeias. (...) Há pessoas que se calhar não tiveram oportunidade de estudar lá fora e têm uma oportunidade aqui dentro.</i></p> <p><i>R<sub>11</sub> – (...) A escola é o básico para tudo, nós hoje em dia sem a escola, sem estudos não somos absolutamente nada. O maior número de pessoas analfabetas que eu vi na minha vida foi na cadeia. Em dois mil e dezasseis não acreditava que houvesse tanta gente sem saber ler nem escrever. Isso era no tempo da minha avó e da minha mãe que essas coisas existiam.</i></p>
	<p><b>Motivação para a participação nas diferentes atividades desenvolvidas</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Reforço das capacidades</li> <li>✓ Testar capacidades</li> </ul>	<p><i>R<sub>7</sub> – (...) Optei em ir para a escola para reforçar as minhas capacidades de aprendizagem, ocupar a cabeça, ter uma ocupação mais reforçada aqui dentro e também demonstrar a mim mesmo que sou capaz (...).</i></p>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Receber parecer favorável nos relatórios</li> <li>✓ Adquirir conhecimentos</li> </ul>	<p><i>R<sub>8</sub> – (...) Muita gente vai para a escola porque eles fazem querer que é favorável.</i></p> <p><i>R<sub>8</sub> – Aprendesse sempre qualquer coisa se a gente quiser.</i></p>
--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

